



# **OS ESPAÇOS PÚBLICOS DAS CALDAS DA RAINHA**

## **Regeneração Urbana e Identidade**

**Filipa Couto Oliveira**

Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em  
**Arquitetura Paisagista**

Orientador(es): Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares  
Mestre Maria Cabral Matos Silva  
Arquiteta Sónia Filipa Lopes

### **Júri:**

Presidente: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Mestre Ana Luísa Arrais Falcão Beja da Costa, na qualidade de especialista;

Mestre Maria Cabral Matos Silva, orientadora.

2016



## Agradecimentos

Pela colaboração, o desafio e o apoio que permitiram adquirir uma bagagem cheia de experiências enriquecedoras, fica o meu maior e sincero agradecimento:

Às arquitetas e orientadoras Ana Luísa Soares, Maria Matos Silva e Sónia Lopes, pela oportunidade, disponibilidade e acompanhamento;

À equipa multidisciplinar presente no Gabinete Técnico de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal das Caldas da Rainha que permitiu esta colaboração, aos técnicos e estagiários, de modo especial à Sofia Cunha, que disponibilizaram todo o material necessário, tempo e ajuda;

Aos professores e colegas do ISA pela preocupação no desenvolvimento da tese;

Aos grandes amigos que me acompanharam de modo especial nos diferentes momentos do desenvolvimento da tese, desde os turbilhões de ideias, às discussões sobre diversos temas e, os lembretes de trabalho, às correções, Carolina, João Filipe, Marisa, Dida, Liliana, Jordão e Tiago;

E pelo apoio e motivação dos pais Lúcia e Paulo, das irmãs Anita e Catarina, da avó Alda, dos tios Liberta e João e dos primos Pedro e Inês e restantes membros da família e amigos.

**Muito Obrigada!**

**Nota explicativa sobre a imagem da capa:** De forma a estabelecer uma associação direta com os temas principais da dissertação, espaços públicos, regeneração urbana e identidade das Caldas da Rainha, foi possível apresentar os mesmos através da imagem selecionada. Como fundo, apresenta parte do novo edifício do Turismo, este reabilitado no programa de regeneração urbana desenvolvido na cidade e parte envolvente do local público reconhecido pela “Praça/Mercado da Fruta”. A presença da peça de cerâmica, “o caracol”, de grande dimensão, representa uma identidade característica da cidade, as peças decorativas de Bordalo Pinheiro e que constituem uma ação de valorização do património. A mesma intenção foi usada com a imagem de capa dos Anexos, representação de uma peça cerâmica, “a vespa”, no espaço reconvertido à sua identidade através da intervenção da regeneração urbana da Avenida da Independência Nacional.



## Resumo

A presente dissertação tem como objetivo perceber a importância dos espaços públicos da cidade das Caldas da Rainha, tendo em conta a identidade caldense e os processos de regeneração urbana.

Com recurso aos exemplos como *Project of Public Spaces* e o projeto *Greenurbe* foi possível compreender a evolução dos espaços e a participação neles, e em particular com os espaços verdes, assim como através do programa Cidade Polis XXI perceber a influência dos valores identitários nas intervenções de regeneração urbana e o impacto que tem nas cidades e nas comunidades.

A preocupação com a participação e a opinião pública do utilizador direto, fator principal à existência de “vida” nos espaços públicos, teve um importante contributo nas observações e reflexões das necessidades reais e no desenvolvimento de recomendações com o objetivo de aumentar a qualidade e benefícios para os espaços públicos. Também Barcelona participou com referências de projetos de espaços públicos de sucesso, entre eles espaços verdes.

Assim entendeu-se que seria importante refletir, avaliar e programar sob espaços livres e a reabilitar, potenciais lugares públicos e que permitirão uma evolução necessária e planeada, ecologicamente responsável e fortalecendo a identidade da cidade das Caldas da Rainha.

Palavras-Chave: Espaço Público, Caldas da Rainha, Identidade, Regeneração Urbana

## Abstract

The current thesis aims to understand the importance of public spaces in Caldas da Rainha city, considering Caldas identity and urban regeneration processes.

With the recourses such as Project of Public Spaces and the project Greenurbe, was possible to understand the spaces evolution and the participation on then, in particular green spaces, as well as with the *Cidade Polis XXI* program realize the influence of identity values in urban regeneration interventions and the impact it has on cities and communities.

The concern about the participation and public opinion of the direct user, the main factor to the existence of "life" in public areas, had an important contribution in the observations and reflections of the real needs and developing recommendations aimed at improving the quality and benefits for public spaces. Barcelona also participated with project references of successful spaces, including green spaces.

Thus it was considered that it would be important to reflect , evaluate and plan open spaces and rehabilitate potential public places, will allow a necessary and planned evolution, environmentally responsible and strengthening the identity of the city of Caldas da Rainha.

Keywords: Public Space, Caldas da Rainha, Identity, Urban Regeneration

## Índice

AGRADECIMENTOS .....	I
RESUMO.....	III
ABSTRACT .....	IV
ÍNDICE .....	V
ÍNDICE DE FIGURAS .....	VIII
ÍNDICE DE QUADROS .....	XI
ÍNDICE DE ANEXOS .....	XII
INTRODUÇÃO .....	1
<b>Organograma.....</b>	<b>2</b>
CONCEITOS E PROJETOS.....	3
<b>1. O Espaço Público.....</b>	<b>3</b>
1.1 Qualidade do Espaço Público na cidade.....	4
1.2 Espaço público enquanto espaço de comunidade.....	5
1.3 Influência da envolvente dos espaços .....	5
1.4 Perceção do projetista - Perceção da Paisagem e Preferências dos Utilizadores .....	6
<b>2. Espaço verde, vivo, dinâmico.....</b>	<b>7</b>
2.1 Benefícios dos espaços verdes.....	9
2.2 Projeto <i>Greenurbe</i> .....	9
2.3 Existência e Importância dos Parques Urbanos .....	9
<b>3. Relação entre Pessoas e Espaços Públicos Verdes.....</b>	<b>10</b>
3.1 <i>Project Public Spaces</i> - PPS .....	11
<b>4. Tipologias de espaços de públicos (Mata, Parque, Praça, Largo, Rua) .....</b>	<b>14</b>
<b>5. Planeamento Urbano.....</b>	<b>16</b>
<b>6. Regeneração urbana .....</b>	<b>17</b>

6.1 Cidades POLIS XXI .....	19
<b>7. Sustentabilidade.....</b>	<b>20</b>
<b>8. Identidade do espaço público .....</b>	<b>21</b>
CASO DE ESTUDO – CIDADE DAS CALDAS DA RAINHA.....	22
<b>9. Contexto Histórico – Evolução da cidade.....</b>	<b>22</b>
<b>10. Identidade Caldense.....</b>	<b>25</b>
10.1 Termalismo .....	25
10.2 Expressões artísticas e seus eventos .....	26
10.3 Cerâmica e Arte de Bordalo Pinheiro .....	27
10.4 Mercado/Comércio Tradicional das Caldas e respetivas Praças .....	29
10.5 Mata Rainha Dona Leonor e o Parque D. Carlos I .....	30
10.6 Turística e Cultural .....	33
<b>11. Regeneração Urbana na Cidade.....</b>	<b>35</b>
11.1 O motivo da intervenção, objetivos e princípios.....	35
11.2 O resultado .....	37
<b>12. Inquérito do caso de estudo.....</b>	<b>38</b>
12.1 Sobre a importância dos espaços públicos urbanos, nomeadamente os espaços verdes, a relação com a regeneração urbana e a identidade da cidade das Caldas da Rainha .....	38
<b>13. Resultados do inquérito, reflexão e cruzamento de dados .....</b>	<b>41</b>
13.1 Reflexão sobre os resultados .....	49
13.2 Análise do inquérito de 2012 para cruzamento de conclusões .....	49
<b>14. Área do caso de estudo – Os Espaços Públicos das Caldas da Rainha .....</b>	<b>51</b>
14.1 Os espaços públicos da cidade.....	51
<b>15. Desenvolvimento do arquiteto Paulino Montez.....</b>	<b>53</b>
<b>16. Comparação com o caso de espaços públicos de Barcelona .....</b>	<b>54</b>
<b>17. Análise dos espaços públicos.....</b>	<b>58</b>
17.1 Parque D. Carlos I .....	60



17.2 Praça da República RU (Praça da Fruta).....	63
17.3 Praça 5 de Outubro (“antiga Praça do Peixe”) RU.....	66
17.4 Rua Almirante Cândido Reis (Rua das “Montras”).....	69
17.5 Praça 25 de Abril (Câmara/ Igreja) RU .....	71
17.6 Avenida 1º Maio RU .....	73
17.7 Análise geral dos seis espaços públicos.....	75
<b>18. Programa de intervenção e diretrizes para um conjunto de espaços públicos mais “Verde” .....</b>	<b>76</b>
18.1 Anteprojeto do espaço 7. “Jardim da Água” .....	79
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>80</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>87</b>

## Índice de Figuras

Figura 1. Diagrama explicativo de “ <i>A Thriving Future of Places?</i> ” .....	12
Figura 2. Planta da Vila das Caldas feita em 1742 .....	23
Figura 3. Atualização de planta de 1742, da provável autoria de João Pedro Ludovice .....	23
Figura 4. Evolução da área urbana, “Planta da vila das Caldas da Rainha” (finais do séc. XIX) .....	24
Figura 5. Evolução da Cidade das Caldas da Rainha, séc. XVII-XVIII a séc. XIX.....	24
Figura 6. Bilhete-Postal do Hospital Termal na primeira década do séc. XX.....	26
Figura 7. Hospital Termal na segunda década do séc. XXI, 2016 .....	26
Figura 8. Capa do Catálogo da V Exposição de Agosto de 1927, assinada por Montez Arroja..	27
Figura 9. Exposição CLN’15. Fonte: Blogue “O Lisboeta em Leiria” .....	27
Figura 10. Fábrica das Faianças Artísticas - Bordallo Pinheiro .....	28
Figura 11. Peça da Fábrica das Faianças do Bordallo Pinheiro.....	28
Figura 12. Tradicional Mercado das Caldas (“Praça da Fruta”) .....	29
Figura 13. Atual 2016 Mercado das Caldas (“Praça da Fruta”) .....	29
Figura 14. Bilhete-Postal do “Mercado do Peixe” na Praça 5 de Outubro, em 1930.....	30
Figura 15. Atual 2016 Praça 5 de Outubro .....	30
Figura 16. (Esq.) Bilhete-Postal da Mata da Rainha Dona Leonor 1908 .....	31
Figura 17. (Dir.) A Mata Rainha Dona Leonor atualmente.....	31
Figura 18. (Esq.) Bilhete-Postal do Parque D. Carlos I 1940.....	32
Figura 19. (Dir.) Atualmente 2016 Parque D. Carlos I .....	32
Figura 20. Bilhete-Postal da 1ª Versão do Teatro Pinheiro Chagas 1935.....	33
Figura 21. Bilhete-Postal da 2ª Versão do Teatro Pinheiro Chagas 1939.....	34
Figura 22. “Anfiteatro” - Espaço central da Praça 5 de Outubro, 2013 .....	34
Figura 23. Projeto de Regeneração Urbana – Espaço “Praça da República.....	36
Figura 24. Projeto de Regeneração Urbana – Espaço “Avenida da Independência Nacional” .	37
Figura 25. Projeto de Regeneração Urbana – Espaço “Avenida 1º de Maio e parte da Praça 25 de Abril” .....	37
Figura 26. Gráfico de Idades e Géneros.....	41
Figura 27. Gráfico de Ocupação .....	41

Figura 28. Gráfico da relação com a cidade Morador ou Visitante .....	41
Figura 29. Gráfico de Frequência de Uso - Com que frequência usa os espaços públicos da cidade das Caldas da Rainha.....	41
Figura 30. Gráfico de Meio de transporte - Como se desloca até a cidade.....	42
Figura 31. Gráfico dos Espaços públicos das Caldas da Rainha - Quais são os espaços que mais frequenta .....	42
Figura 32. Gráfico das Razões para o uso de espaços públicos - Porque é que usa esses espaços selecionados.....	43
Figura 33. Gráfico das Razões para o não uso de espaços públicos - Porque é que não usa os outros espaços para além dos selecionados.....	43
Figura 34. Gráfico da Necessidade de Mais Espaços Verdes - Acha que deveria de haver mais espaços com presença de vegetação ao longo da cidade das Caldas da Rainha.....	44
Figura 35. Gráfico da Importância da Participação/ Opinião Pública - Acha importante a opinião pública antes da execução de intervenções .....	44
Figura 36. Gráfico da Participação com a opinião pública ativa - Como parte do público tem uma participação ativa sobre as intervenções .....	44
Figura 37. Gráfico da Avaliação do “Parque D. Carlos I” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? .....	45
Figura 38. Gráfico da Avaliação do “Praça da República (“Praça da Fruta”)” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? ...	45
Figura 39. Gráfico da Avaliação do “Praça 5 de Outubro” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? .....	46
Figura 40. Gráfico da Avaliação do “Rua Almirante Cândido Reis (“Rua das Montras”)” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? .....	46
Figura 41. Gráfico da Avaliação do “Praça 25 de Abril” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? .....	47
Figura 42. Gráfico da Avaliação do “Avenida 1º de Maio” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? .....	47
Figura 43. Gráfico Dinâmico da pergunta “O que mais gosta?” .....	48
Figura 44. Gráfico Dinâmico da pergunta “O que menos gosta?” .....	48
Figura 45. Gráfico Dinâmico da pergunta “O que gostaria de ter?” .....	48
Figura 46. “Passeig de Sant Joan” - “Corredor Verde” .....	56
Figura 47. (Esq.) “Plaça de la Laguna de Lanao” .....	56

<b>Figura 48. (Dir.) “<i>Plaça de la Navas</i>” .....</b>	<b>56</b>
<b>Figura 49. (Esq.) “<i>Plaça Salvador Allende</i>” .....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 50. (Dir.) “<i>Plaça de la Palmera</i>” .....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 51. “<i>Parc de la Primavera</i>” .....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 52. “<i>Entorns Colònias Castells</i>” .....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 53. Parque D. Carlos I, 2016 .....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 54. Parque D. Carlos I, 2016 .....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 55. Praça da República, “Praça da Fruta”, 2016 .....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 56. Praça da República ou “Praça da Fruta”, 2015 .....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 57. Praça de 5 de Outubro, 2016 .....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 58. Praça de 5 de Outubro, 2016 .....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 59. (Esq.) Rua das “Montras”, 2016.....</b>	<b>69</b>
<b>Figura 60. (Dir.) Rua das “Montras”, 2016 .....</b>	<b>69</b>
<b>Figura 61. Praça 25 de Abril, 2016 .....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 62. Praça 25 de Abril, 2016 .....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 63. (Dir.) Avenida 1º de Maio, 2016 .....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 64. (Esq.) Avenida 1º de Maio, 2016.....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 65. Parque da Cidade do Porto .....</b>	<b>77</b>
<b>Figura 66. (Dir.) Parque da Cidade do Porto.....</b>	<b>77</b>
<b>Figura 67. Plano de edifícios e áreas 5 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928 .....</b>	<b>IX</b>
<b>Figura 68. Plano de edifícios e áreas 6 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928 .....</b>	<b>X</b>
<b>Figura 69. Plano do traçado 3 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928 .....</b>	<b>XIII</b>
<b>Figura 70. Plano do traçado 4 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928 .....</b>	<b>XIV</b>

## Índice de Quadros

Quadro I – Valores e indicadores identitários do espaço público .....	13
Quadro II - A conceção de relações entre os parques urbanos, a qualidade de vida e a sustentabilidade da cidade.....	14
Quadro III - Diferentes tipologias de espaço público .....	16
Quadro IV - Designações dos espaços da cidade, Antiga e atual .....	51
Quadro V - Parque D. Carlos I – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista .....	61
Quadro VI - Praça da República “Fruta” – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista .....	64
Quadro VII - Praça 5 de Outubro – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista .....	67
Quadro VIII - Rua Almirante Cândido Reis/ Rua das “Montras” – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista.....	69
Quadro IX - Praça 25 de Abril – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista .....	71
Quadro X Avenida 1º de Maio – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista .....	73
Quadro XI Análise geral dos seis espaços públicos das Caldas da Rainha.....	75
Quadro XII Designações e descrições (Anexo I).....	I
Quadro XIII Pilares (Anexo II) .....	III
Quadro XIV Estratégias (Anexo II) .....	IV
Quadro XV - Legenda A dos planos de edifícios e áreas 5 & 6 do plano de urbanização de Paulino Montez, 1928, retirado do conjunto de páginas 89 a 93 do livro volume II (Anexo V) .....	XI
Quadro XVI - Legenda B dos planos de edifícios e áreas 5 & 6 do plano de urbanização de Paulino Montez, 1928, retirado da página 107 do livro volume II (Anexo V) .....	XII
Quadro XVII - Legenda C do plano do traçado 3 & 4 do plano de urbanização de Paulino Montez, 1928, retirado do conjunto de páginas 86 a 89 do livro volume II (Anexo V) .....	XV

## Índice de Anexos

<b>Anexo I – Quadro XII Designações e descrições.....</b>	<b>I</b>
<b>Anexo II – Quadro XIII Pilares, Quadro XIV Estratégias.....</b>	<b>III</b>
<b>Anexo III - Descrições interessantes sobre o a Mata Dona Leonor e o Parque D. Carlos I produzida por Luís Aires-Barros e o Professor Fernando Catarino .....</b>	<b>V</b>
<b>Anexo IV - Inquérito realizado no âmbito da dissertação .....</b>	<b>VII</b>
<b>Anexo V - Planos de Pormenor do plano de urbanização do Arquiteto Paulino Montez 1928 ...</b>	<b>IX</b>
<b>Anexo VI – Cartografia dos Espaços Públicos do Inquérito, realizada através do programa ArcGIS .....</b>	<b>XVII</b>
<b>Anexo VII – Cartografia dos Espaços Públicos analisados, realizada através do programa ArcGIS .....</b>	<b>XVIII</b>
<b>Anexo VIII – Cartografia do Programa das Novas Áreas para Espaços Públicos, realizada através do programa ArcGIS .....</b>	<b>XIX</b>
<b>Anexo IX – Anteprojeto do espaço 7. “Jardim das Águas” do Programa de intervenção e diretrizes para um conjunto de espaços públicos mais “Verde” .....</b>	<b>XX</b>

## Siglas

CNAI – Conferência Nacional de Avaliação de Impactes

DPP – Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais

PPS – *Project for Public Places*

Cencal - Centro de Formação para a Indústria Cerâmica

ESAD.CR – Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha

CLN – *Caldas Late Night*

Secla - Sociedade de Exportação e Cerâmica S.A

ETEO – Escola Técnica e Empresarial do Oeste

AE – Acções Específicas

RU – Regeneração Urbana

BMX – *Bicycle Motor Cross*

## Introdução

Pretende-se com este estudo, aprofundar o conhecimento sobre a atualização dos espaços públicos das Caldas da Rainha, uma cidade rica, em história, património, arte, comércio, e que possui uma identidade muito própria, diversificada e em desenvolvimento. Nos seus vários espaços públicos urbanos, que são as principais “bases” da cidade, entende-se necessária uma contínua avaliação periódica e o desenvolvimento de trabalhos de tratamento, conservação e/ou recuperação, entre outras ações. Assim, sobre os espaços públicos, espaços de ação da população, realça-se o valor da identidade caldense e a importância de intervenções como a “regeneração urbana”, que combinadas, tiveram até hoje e certamente continuarão a ter um resultado muito positivo.

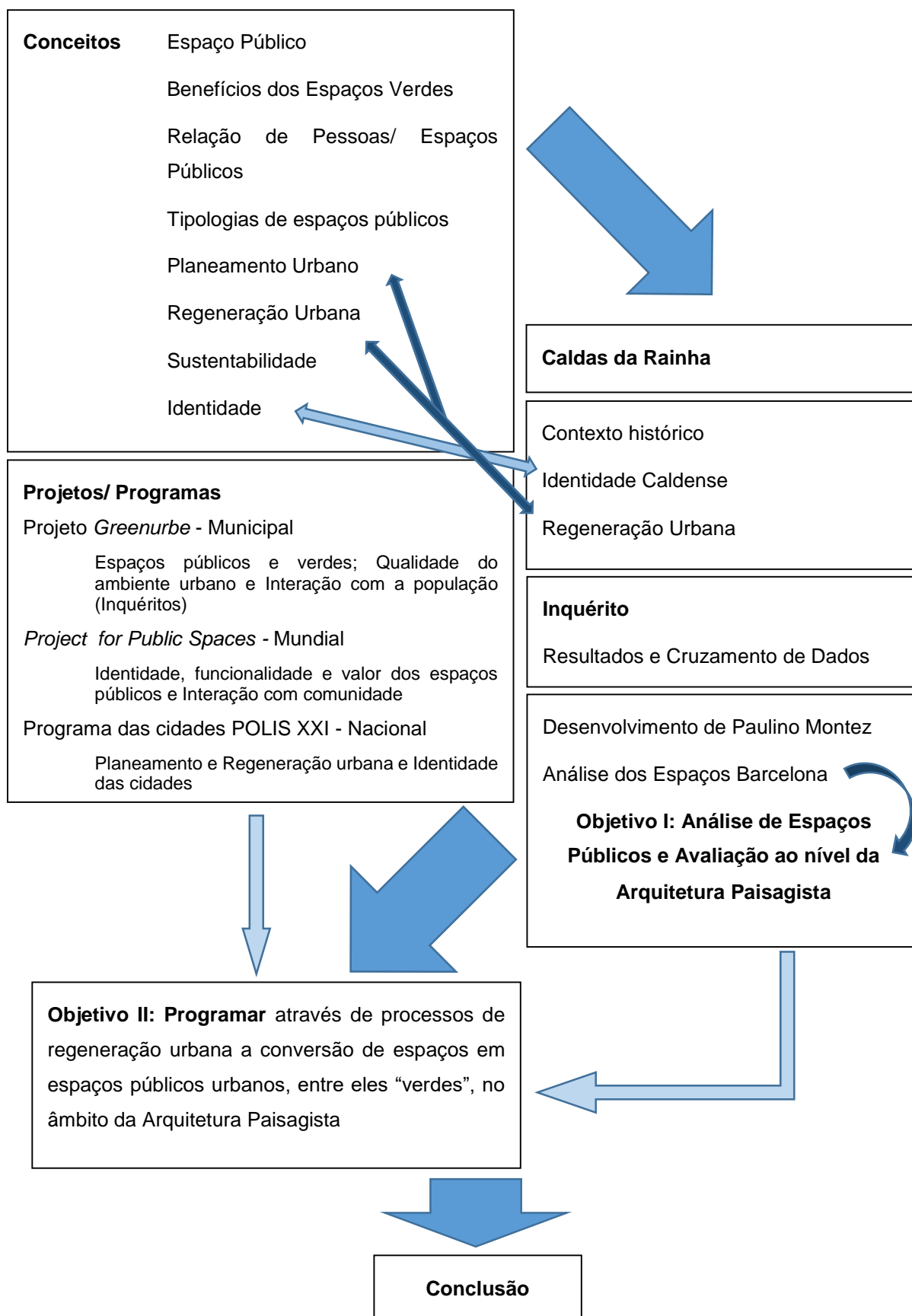
Nos primeiros capítulos, um a oito, deste trabalho, procurou-se estabelecer uma concordância entre conceitos como espaço público urbano, planeamento urbano, regeneração urbana, e identidade e, estabelecer ligação a projetos e programas de ação e estudo como Projeto *Greenurbe*, *Project for Public Spaces* e o programa Cidade POLIS XXI.

Com esta relação estabelecida, a partir do capítulo nove, passou-se para a análise do caso de estudo, a cidade das Caldas da Rainha e os seus espaços públicos. Numa primeira abordagem é feita uma contextualização histórica da cidade, da sua evolução urbana e assim como no capítulo dez sobre os “valores identitários” e capítulo 11 as ações levadas a cabo pelo programa de regeneração urbana. Para suportar esta caracterização das Caldas da Rainha e estabelecer a relação com os espaços, o capítulo 12 apresenta um inquérito à população segundo alguns critérios, em relação aos espaços públicos. Com base no resultado dos inquéritos foi feita uma avaliação desses mesmos espaços. Os objetivos deste inquérito consistiram em perceber qual a importância, do ponto de vista da população, dos espaços públicos urbanos, nomeadamente os espaços verdes, a relação que estabelecem com os mesmos, e também qual a importância da participação pública. Através do estudo do desenvolvimento feito pelo arquiteto Paulino Montez, sobre o planeamento urbana das Caldas da Rainha é possível perceber a importância e a preocupação da existência e organização de espaços públicos, sendo vários espaços com a presença de vegetação. Pretende-se estabelecer, a título de referência internacional, uma comparação entre a análise das intervenções em espaços públicos urbanos das Caldas da Rainha com alguns espaços que resultaram no modelo de Barcelona, com o intuito de entender como se processa a relação entre pessoas e espaços e a evolução própria do espaço urbano.

No capítulo 17 como resultado do caso de estudo pretende-se selecionar e analisar áreas de interesse, em especial seis espaços centrais da cidade, tais como: o Parque D. Carlos I, espaço de tradição e espaços que tenham sofrido intervenções, nomeadamente no âmbito do programa de Regeneração Urbana, como a “Praça da Fruta”, a Praça 25 de Abril e a Avenida 1º de Maio, tendo em conta a opinião pública e a perceção do arquiteto paisagista.

No capítulo final entendeu-se estabelecer, ao nível da intervenção de arquitetura paisagista, da identidade e da regeneração urbana, com o objetivo de programar áreas para espaços públicos, nomeadamente verdes, de modo a potenciar o seu possível uso, assim como a gestão sustentável dos espaços e da própria cidade das Caldas da Rainha.

## Organograma





## Conceitos e Projetos

Neste capítulo inicial pretende-se relacionar os principais conceitos abordados neste trabalho e estabelecer uma base sólida entre eles, para que numa fase posterior sirvam de suporte para justificações no caso de estudo.

### 1. O Espaço Público

A definição exata de espaço público é uma definição bastante complexa que se vai ajustado com outros parâmetros. Considera-se que um espaço público tem as suas características físicas, do lugar, (a sua forma, a sua adaptação), assim como características que estão diretamente relacionadas com o utilizador (a sua disponibilidade de usos, a sua função, a sua relação com a envolvente), e todos estes fatores se influenciam.

Entre as diversas interpretações, destacam-se as seguintes:

1. Quando se pretende definir uma área com características próprias, quer sejam físicas (como a sua forma), quer sejam culturais (como a sua função), habitualmente usa-se a definição de um espaço, um lugar e/ou de um sítio. Tal como refere Maria Teresa Alfaiate na sua tese de doutoramento “Expressão de valores do sítio na paisagem” em que relaciona estas três definições sítio, lugar e espaço, para a explicação de cada faz uso das outras. Ou seja, define um sítio como sendo um espaço ou lugar com características específicas e próprias, enquanto um espaço pode ser um sítio ou um lugar ou ainda um ponto de referência ou uma área, já um lugar entende-se como um espaço definido quer pela sua determinação histórica, quer pela determinação de cada sujeito, uma interpretação pessoal, assim como com um significado singular (Alfaiate, 2000).
2. Pedro Brandão desenvolve o conceito de identidade no seu livro “O Chão da Cidade” (2002), propondo a seguinte definição de espaço público: *“É o espaço que é fundador da forma urbana, o espaço ‘entre edifícios’ que configura o domínio da socialização e da vivência ‘comum’, como bem colectivo da comunidade. Podendo em última análise, ser ou não de propriedade pública (...), os espaços públicos devem ser sempre vistos como bens de utilização livre, de acordo com um padrão de uso socialmente aceite. Ou, ‘que traduzem uma interacção equilibrada entre o homem e o meio, ostentando uma singularidade que os homens reconhecem facilmente’.”* (Brandão, 2008, p. 18).
3. Para Nunes da Silva, *“O espaço público passou a ser considerado um elemento essencial da vida nas cidades. As dimensões de sustentabilidade do desenvolvimento urbano foram priorizadas. As cidades reabriram-se para os seus valores naturais e ecológicos. O património histórico foi valorizado e refuncionalizado. O respeito pelas raízes e pela identidade foram reconciliados com a modernidade.”* (Nunes da Silva et al., 2009, p. 9). Relacionando os valores naturais e culturais com aspetos do espaço urbano, é fundamental estabelecer um equilíbrio e relação entre esses valores, com o objetivo de um bom funcionamento das cidades e dos

cidadãos no espaço público. Inclui-se na paisagem, o espaço público urbano, com a intenção de ser sustentável, pretendendo constituir um **sistema de equilíbrio** e uma estrutura espacial e funcional, em que cada elemento que compõe o espaço desempenhe a sua função de forma clara e compatível.

## 1.1 Qualidade do Espaço Público na cidade

De modo a classificar os espaços públicos, quanto à sua qualidade, quer para os utilizadores diretos quer para a imagem da cidade, existe um conjunto de indicadores gerais. Esta ideia é reforçada por, Maritza Mora na definição de **indicadores de qualidade de espaços públicos**, onde a autora refere que os espaços públicos urbanos devem para um bom funcionamento e gestão sustentável, fazer uso das “herramientas fundamentales” (ferramentas fundamentais). Esta autora define as ferramentas como “*incentivo de estadia, recreio contacto com a natureza, permitir a interação entre cidadãos e as suas actividades*”, entre outros. A qualidade ambiental dos espaços está diretamente relacionada com a sua capacidade para fomentar a vida pública dos cidadãos, desde a satisfação dos habitantes, à participação nas decisões e à conciliação entre os interesses individuais e coletivos. Ainda deve ser considerada a qualidade sócio- cultural do espaço público que relaciona aspetos de necessidades e satisfações (como *recreio, segurança, conforto, eventos, participação ativa*, entre outros) (Mora, 2009, p. 4).

Sobre a qualidade dos espaços públicos, Pedro Brandão (2008) menciona os seguintes “critérios e alguns dos parâmetros de qualidade em cada critério”:

- **Identidade** que promove padrões característicos e elementos diferenciadores;
- **Continuidade, permeabilidade** proporcionando integração na malha urbana e clareza nas delimitações do espaço;
- **Segurança, conforto, aprazibilidade**, que promovem segurança de pessoas e bens e relativamente ao tráfego, oferecem qualidade visual e critérios de conforto;
- **Acessibilidade e Mobilidade** promovendo facilidade de movimentação, preocupação com as necessidades do uso do espaço;
- **Diversidade e adaptabilidade** a diversos usos, compatibilidade de serviços;
- **Robustez e resistência** que se refere à adequação das soluções, equipamentos e materiais a aspetos como clima, vandalismo, desgaste;
- **Sustentabilidade** que compreende aspetos principais de funcionalidade dos espaços públicos como: Económica, Ambiental, Social e Cultural

Considerando, por exemplo, os Parques Urbanos enquanto espaços, muito importantes no conjunto de espaços urbanos públicos, lembramos alguns aspetos relevantes da sua qualidade.

No livro “*Parques Urbanos e Metropolitanos - Manual de Boas Práticas*”, Sidónio Pardal fala-nos sobre a Qualidade dos Parques Urbanos, incluindo o seu desenho, elaboração, gestão e manutenção. O autor apresenta um conjunto de “conclusões” importantes sobre os espaços públicos, os parques urbanos, a paisagem, o projeto, entre outros (Rio *et al.*, 2006).

## 1.2 Espaço público enquanto espaço de comunidade

Maritza Mora (2009, p. 1) comenta os espaços público como sendo: “*el motor de nuevas perspectivas en la ciudad, el escenario para el desarrollo de necesidades colectivas y de vida pública, el generador de la identidad del lugar y alto determinante de su paisaje; indisoluble con la naturaleza, la gente y sus dinámicas.*”<sup>1</sup> Esta autora acrescenta ainda que o espaço público é o lugar indicado para experiências, novas visões, para o desenvolvimento de eventos culturais, para a dinamização dos produtos tradicionais e da região, onde é possível estar perante a identidade da cidade, mas também contribuir para a mesma, e estabelecer uma ligação direta e um equilíbrio com paisagens urbanas que permitem a presença de material natural. Como “espaço social” ou de comunidade, Catharine Thompson (2002, p. 61), citando Lord Roger’s Urban Task Force (1999) reforça que “*(...) Public spaces work best when they establish a direct relationship between the space and the people who live and work around it*”<sup>2</sup>, compreende-se pois que o utilizador direto do espaço público só o é porque o espaço lhe proporciona um conjunto de fatores múltiplos e benefícios positivos à sua passagem e/ou permanência. Este aspeto de relacionamento tem contribuição mútua positiva se trabalhar em conjunto para o espaço, no sentido em que o utilizador o frequente e o cuide e por sua vez, para o utilizador ter a sua disponibilidade de um espaço público livre e cuidado.

## 1.3 Influência da envolvente dos espaços

Francis Tibbalds (1992, p. 9, 11) fala-nos da importância dos espaços, nomeadamente dos espaços exteriores, públicos, os que acabam por compor o espaço entre os edifícios, estes que são por vezes construídos individualmente sem estabelecer relação com a envolvente. Diz que “*We need to stop worrying quite so much about individual buildings and other individual physical artifacts and think instead about places in their entirety.*”<sup>3</sup> O bem-estar e conforto dos espaços públicos devem ser premissa na projeção de espaços únicos, com identidade, espaços que se preocupem com pormenores desde a escala maior à escala do indivíduo, aquilo que observa, o que o atrai e as atividades que pode desempenhar. O autor refere ainda que “*These places all belong to the wider community. It is important never to forget that they are there for their use, benefit and enjoyment.*”<sup>4</sup> E que “*Public places within a town belong to the people of that town – they do not belong to developers or investors, the police or traffic wardens. Their nature will be influenced by their scale, shape and size; the ways in which they related one to another; the uses and activities which they contain, and the way in which traffic of all kinds*

---

<sup>1</sup> “o motor de novas perspetivas na cidade, o cenário para o desenvolvimento de necessidades coletivas e da vida pública, o gerador de identidade do lugar e algo determinante da paisagem indissolúvel da natureza, das pessoas e das suas dinâmicas”;

<sup>2</sup>“(…) o espaço público trabalha melhor quando é estabelecida uma relação direta entre o espaço e as pessoas que vivem e trabalham nele”;

<sup>3</sup> “Nós temos de parar de pensar tanto em edifícios isolados e outros artefactos individuais e pensar antes nos espaços como um todo.”

<sup>4</sup> “Estes lugares todos pertencem a toda a comunidade. É importante nunca esquecer que estão lá o seu uso, benefício e usufruto.”

*is handled.*<sup>5</sup> Mais uma vez, reforçando a importância do espaço para o utilizador, do **sentido de pertença ou apropriação** que é de todos e não é apenas de um só. O espaço é da comunidade, no sentido em que esta faz uso do espaço e deve cuidá-lo.

Por outro lado também se pode considerar, na criação de espaços públicos, que deveria haver mudança na tendência que ainda existe de se projetar sem ter em atenção as reais necessidades da comunidade e influências da envolvente dos utilizadores, tal como refere Carre et al. (1992, p. 230): *“Much of this is based on the goals of space designers, their clients, and space managers and does not address people’s needs or the ways that public places can function to serve these needs.”*<sup>6</sup> e tornar claros os objetivos de desenho e da função que se dará ao espaço.

#### 1.4 Perceção do projetista - Perceção da Paisagem e Preferências dos Utilizadores

Os profissionais que trabalham em projetos relacionados com urbanismo, ambiente, planeamento e áreas relacionadas devem ter a capacidade de desenvolver programas sustentáveis, equilibrados, direcionados pelas necessidades reais e preferências dos utilizadores, fundamentados e coerentes, como estruturas verdes urbanas. Um dos maiores objetivos pretende-se que seja a conjugação de bons planos de ordenamento e de desenho do espaço com qualidade estética, mas também ecológica e funcional. De acordo com Lamas (2004, p. 7), que refere *“Essas abordagens devem criar oportunidades para o convívio de pessoas, plantas e animais, em espaços públicos partilhados, com o mínimo de conflito possível.”*

Existem vários aspetos pelos quais o utilizador usa os espaços públicos, quer para necessidades imediatas (como para *alimentação*), quer para necessidades mais duradouras e contínuas (como *exercício físico*). Carr et al. (1992) determina cinco razões principais e gerais das necessidades no uso do espaço público, tais como **conforto, relaxamento, observação/ vislumbrar o espaço, participar no espaço e explorar**. Compreende-se que as razões conforto e relaxamento se relacionam, existindo no entanto uma particularidade para cada uma. O **conforto** compreende que o utilizador necessita de “abrigo”, nomeadamente de assento, que tenha uma orientação solar adequada, seja acessível, possa ser deslocado, que permita ler, conversar, entre outros, já o **relaxamento** inclui o “conforto” do corpo e da mente, que permita uma “pausa” efetiva estando muitas vezes associado à presença de elementos naturais como a vegetação e a água. Em relação ao espaço existem duas necessidades, uma **passiva que observa** e uma **ativa que participa**: na primeira, definida por “People-watching”, o utilizador observa os outros utilizadores como parte do cenário (*“The open cafés of European cities, especially in*

---

<sup>5</sup> “Dentro de uma cidade os lugares públicos pertencem às pessoas dessa cidade – eles não pertencem aos revolucionadores ou investidores, à polícia ou polícia de trânsito. A sua natureza será influenciada pela sua escala, forma e tamanho; nas maneiras como se relacionam uma com as outras; os usos e atividades que comportam e a forma como o tráfego em geral é determinado.”

<sup>6</sup> “Muito disto é baseado nas metas dos *designers* sobre o espaço, os seus clientes e gestores do espaço e não corresponde às necessidades das pessoas ou não maneiras como os lugares públicos podem funcionar para servir essas necessidades.”

*France, are enjoyed as much for the opportunity to watch pedestrian traffics for their refreshments.”<sup>7</sup>*). A necessidade ativa consiste em participar no espaço, implicando trabalho, movimento, estabelecer interação com outros, mesmo que sejam desconhecidos mas que têm interesses comum (*“Public spaces also play a crucial role as a setting for socializing with relatives, neighbors, acquaintances, and friends.”<sup>8</sup>*). A relação através da “**exploração**” do espaço remete posteriormente numa reação de prazer no conhecer e reconhecimento de experiências (*“For discovery to continue to be part of someone’s experience of familiar places, it would be essential to have changing physical qualities and changing human activity as well.”<sup>9</sup>*) (Carr et al., 1992, p. 233, 235, 238).

Através do livro *“With people in Mind. Design and management of everyday nature”* de Kaplan, S., Kaplan, R. e Ryan, R. L. (1998), mencionado no livro *“Métodos e Técnicas para o Desenvolvimento Urbano Sustentável”*, também se relaciona a percepção e relação de uso das pessoas com os espaços. Nesta obra, estes conceitos são trabalhados de forma interessante e acessível, consolidando três temas, *“a necessidade humana de compreender, o desejo de explorar ou a preferência por ambientes naturais”* (Nunes da Silva et al., 2009, p. 110).

## 2. Espaço verde, vivo, dinâmico

Quando nos referimos a um espaço público “verde”, como um jardim, um parque, um enquadramento, e ainda uma praça ou uma alameda, encontramos uma característica comum que é a presença de vegetação. Para muitos, a vegetação é uma mais-valia, pois compreende inúmeros benefícios ambientais, económicos e sociais, mas como tudo mais também tem os seus inconvenientes, nomeadamente, potencia alergias, perigo de queda de ramos, entre outros.

O impacto dos espaços verdes no meio urbano é muito importante, nomeadamente pelo seu valor estético, mas também pela sua contribuição para a melhoria da qualidade do ar e do ambiente acústico, e por constituírem uma maior presença da natureza, através de um planeamento urbano mais ecológico. Referida por vários autores como uma prática minimizadora de aspetos negativos, apresenta-se de uma forma eficaz e sustentável, apresentando benefícios, e influenciando os comportamentos sociais e psicológicos, desenvolvimento urbano, entre outros (Feliciano et al., 2007; Mora, 2009).

Segundo Fadigas (1993, p. 116) *“Os espaços verdes são, conceptualmente, o conjunto de áreas livres, ordenadas ou não, revestidas de vegetação, que desempenham funções urbanas de protecção ambiental, de integração paisagística ou arquitectónica, ou de recreio. Incluem, por isso, os parques e jardins urbanos, público e privados; as áreas de integração paisagística e de protecção ambiental de*

---

<sup>7</sup> “Os cafés das cidades da Europa, especialmente em França, são bastante apreciados pela oportunidade de observar o caminhar dos pedestres enquanto relaxam.”

<sup>8</sup> “Os espaços públicos também desempenham um papel crucial na predisposição para os familiares, vizinhos, conhecidos e amigos socializarem.”

<sup>9</sup> “Para que a descoberta de lugares pessoais continue a fazer parte das experiências das pessoas, seria essencial ter mudado qualidades físicas e também atividades humanas.”

*vias e outras infraestruturas urbanas; (...); a vegetação marginal dos cursos de água e de lagos; as sebes e cortinas de protecção contra o vento ou a poluição sonora; as zonas verdes cemiteriais; e as zonas agrícolas e florestais residuais no interior dos espaços urbanos ou urbanizáveis.”* Perante a seguinte definição, tão abrangente e completa, em meio urbano os espaços públicos verdes devem assumir-se como zonas em que haja um equilíbrio entre os espaços e o contacto do público. *“Do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ao grande parque urbano, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem da cidade; têm individualidade própria; desempenham funções precisas e conter espaços.”* (Lamas, 2004, p. 109).

Vários autores como Bolund & Hunhammar (1999) e Feliciano *et al.*(2007), referem que, tendo em conta que a maior parte da população do Mundo vive em zonas urbanas, que a presença de espaços verdes em espaço urbano é fundamental na estrutura urbana e reconhecida como sendo uma influência positiva na mitigação dos efeitos negativos da urbanização. Esta ação benéfica exercida pela presença de vegetação atua em vários aspetos como comportamento social e psicológico, na regularização do clima urbano e depuração, desenvolvimento urbano e de funções ecológicas, entre outros.

Segundo Heloísa Costa, quando queremos conjugar ou relacionar conceitos como urbano e ambiental para formular uma ideia de um *meio ambiente urbano*, chegamos a uma descrição com dimensões físicas (naturais ou construídas) de espaço urbano e dimensões sociais/culturais, de convívio ou conflito, onde relacionando com a sustentabilidade, se espera encontrar um equilíbrio entre as práticas da vida urbana, do cidadão urbano e a gestão desses mesmos espaços (Costa, 2011).

Manuela Raposo Magalhães (1992, p. 9) refere que *“O conceito de espaço verde urbano como espaço que tinha por objetivo recriar a presença da natureza no meio urbano.”*, evoluiu para *“pulmão verde”* e mais tarde para o conceito de rede/ estrutura de *“continuum naturale”*. Continuando o desenvolvimento ainda chega outras dimensões mais abrangentes e complexas, como a *“Estrutura Ecológica Fundamental”* constitui um conjunto de várias *layers* de informação como a importância dos sistemas ecológicas, vegetação espontânea, entre outros à escala de uma região e como *“Estrutura Ecológica Nacional”*, considerando Portugal Continental. (Magalhães, 1992; Magalhães, 2001). Esta abordagem compreende uma função de ligação e relação entre o *“espaço verde”* (com material vegetal, elementos espontâneos) e o *“espaço projetado”* que *“desenha”* o espaço e permite que este seja usufruído. Tal como Nunes da Silva et al (2009, p. 41) afirma *“A **valorização ambiental do espaço urbano** está intimamente relacionada com o seu desenho. Com efeito, a componente física do espaço urbano exerce uma grande influência na comodidade com que realizamos as actividades quotidianas, condicionando o bem-estar dos cidadãos.”*

É essencial ter em conta que no contexto nacional, com um conjunto bastante variado e ao mesmo tempo particular, de diferentes climas e micro climas, existem vários espaços e momentos no espaço urbano adequado para adaptar para espaços *“verdes”*, *“A mudança para um urbanismo mais bioclimático em Portugal requer ainda lugares centrais para jardins e parques urbanos, com a presença da água em movimento, a plantação de árvores e alinhamentos de arbustos, como cortinas de protecção para ventos dominantes fortes, bem como áreas e percursos para ciclistas e peões, à sombra das árvores de folha caduca.”* (Nunes da Silva et al., 2009, p. 37).

## 2.1 Benefícios dos espaços verdes

A relação entre os benefícios ambientais dos espaços verdes e a percepção dos utilizadores permite detetar a existência de uma influência positiva, como a transmissão de sensações psicológicas de conforto, como é o caso relativo ao ruído, pois o espaço verde atua como barreira acústica. (Carles, Barrio & de Lucio, 1999; Feliciano *et al.*, 2007). A presença dos espaços verdes também influencia a qualidade do ar, através da mitigação dos efeitos da poluição, assim como a climatização dos espaços pela regularização das temperaturas, estabelecendo sombras e minimizando o efeito do vento, velocidade e transporte de partículas e gases (Feliciano *et al.*, 2007).

## 2.2 Projeto Greenurbe

O “Projecto Greenurbe”, iniciado em 2005 e desenvolvido na escala municipal, relaciona os espaços verdes e a qualidade do ambiente urbano, através da avaliação, recomendações e promoção dos mesmos, tendo sido implementado em algumas cidades, entre elas Bragança. O projeto *Greenurbe* estabelece a participação e avaliação em relação aos manifestos da população, e relata outros estudos que analisam, avaliam e interpretam a população através das suas atitudes e percepções sobre os espaços verdes. Entre as conclusões deste estudo está o reconhecimento dos espaços verdes como elementos de melhoramento da qualidade de vida. (Sanesi & Chiarello, 2006)

Após ter sido determinada a avaliação da estrutura verde (Quadro XI no Anexo I), a classificação e descrição de espaços, entre eles os verdes, assim como a caracterização de outros parâmetros como qualidade do ar, ruído ambiental e conforto térmico, avaliaram-se, através de inquéritos, critérios como, a relação entre indivíduos e espaços (frequência de uso, tempo de permanência e atividades desenvolvidas, significado/importância, limitações, preferências e avaliação qualitativa), tendo sido definido um conjunto de resultados importantes para a elaboração de indicadores e preferências da população (Feliciano *et al.*, 2007).

Algumas percepções e críticas dos moradores dos meios urbanos que contactam constantemente com árvores (como alamedas ou alinhamentos) confirmam os seus benefícios positivos (como fator estético, sombra, contenção do ruído, valorização do património envolvente, entre outros), expressando uma opinião afirmativa. Contudo, outras opiniões apontam inconvenientes como a queda de ramos, folhas e outros danos causados em bens materiais, o que é um acontecimento natural, visto que se trata de um ser vivo (Mullaney, Lucke & Trueman, 2015).

## 2.3 Existência e Importância dos Parques Urbanos

De modo a fortalecer um aspeto que mais à frente será trabalhado, como a importância de novos espaços públicos verdes na cidade das Caldas da Rainha, deveremos começar por perceber o porquê da existência e a importância dos parques urbanos. Uma cidade sustentável geralmente inclui e dá importância aos seus parques urbanos, por várias razões, tais como “(...), *urban nature fulfils many social functions and psychological needs of citizens, which make urban nature a valuable municipal*

*resource, and a key ingredient for city sustainability. (...), different age-groups have different motives to visit the park and different activities they are going to undertake. Park's design and management, therefore, should take into account recreational requirements of all target groups.*"<sup>10</sup> (Chiesura, 2004, p. 137).

Através de um inquérito desenvolvido no parque “Vondelpark”, o parque urbano mais popular de Amsterdão (“*The Netherlands*”) foram analisadas as respostas dadas pelos próprios utilizadores de parques e as suas motivações. Nomeadamente, considerando a pergunta “Porque frequenta os parques, quais os seus principais motivos?” as respostas mais comuns foram “Para relaxar”, “Para estar em contacto com a natureza” e “Para escapar do ambiente da cidade”. Quando questionado sobre a dimensão emocional inerente à pergunta “Que sentimentos a natureza lhe provoca, quais as suas emoções?”, as respostas mais comuns foram “Liberdade”, “União com a natureza” e “Alegria” (Chiesura, 2004), demonstrando que a existência de parques é beneficiadora na vida das pessoas.

Da existência dos parques advém a sua manutenção, que segundo Sidónio Pardal, é de grande relevância, referindo que “*Cuidar de um parque e manter o frágil equilíbrio numa paisagem que, sem essa intervenção diária de manutenção, se transformaria num espaço silvestre, traindo a ideia que lhe assiste, é um desafio que requer saber, competência e empenho.*” (Rio et al., 2006, p. 19), reforçando assim uma participação responsável de todos os intervenientes, desde projetistas, jardineiros, decisores políticos, entre outros, e assim como o respeito com o usos devidos dos utilizadores.

### 3. Relação entre Pessoas e Espaços Públicos Verdes

A relação estabelecida entre a população e os espaços verdes tem estado presente em várias discussões, nomeadamente sobre problemas ambientais, realçando assim a sua importância como áreas a proteger, a manter e a aumentar nos centros urbanos. Os espaços verdes, entre os espaços públicos, poderão ser considerados imprescindíveis no meio urbano, pela sua influência no bem-estar da população (Loboda & Angelis, 2005).

Segundo Loboda & Angelis (2005) as principais funções desempenhadas pelos espaços verdes são: **Ecológica, Social e Estética**. Essas funções estabelecem um conjunto complexo e diversificado de benefícios para o meio urbano, tais como, melhoria da composição atmosférica urbana, equilíbrio do sistema solo-clima-vegetação, atenuação dos níveis de ruído, etc. As funções sociais incluem a oferta de diversos tipos de espaços, a oportunidade de cada um desses espaços para proporcionar diversos usos, melhorar a estética urbana com função integradora e de embelezamento, de tornar os espaços mais agradáveis. “*As relações entre a qualidade do ambiente urbano, a disponibilidade e uso do espaço, a territorialidade individual e colectiva e o stress urbano, biológico e social, explicam porque se não restringe aos jardins e espaços verdes convencionais a componente natural urbana. Os valores*

---

<sup>10</sup> “(...), a natureza urbana cumpre muitas funções sociais e necessidades psicológicas dos cidadãos, o que faz da natureza urbana um recurso municipal valioso e o ingrediente-chave para uma cidade sustentável. (...), diferentes grupos etários têm diferentes motivos para visitar o parque e diferentes atividades que vão realizar. O desenho do parque e a sua gestão, portanto, deve ter em conta as necessidades de lazer para todos os grupos-alvo.”



*culturais e antropológicos são parte essencial de um património e de uma relação persistente entre o meio natural e o meio construído de que as cidades são a expressão mais evidente.” (Fadigas, 1993, p. 15).*

### 3.1 *Project Public Spaces - PPS*

Na base do desenvolvimento de um espaço público bem-sucedido, há aspetos muito relevantes que devem ser tidos em conta. No âmbito do projeto “*Project for Public Spaces*”, desenvolvido à escala mundial, este estuda a relação com os utilizadores, os espaços e os benefícios destes, como apresentado na Figura 1, desenvolve para o estudo dos aspetos qualitativos e quantitativos do espaço público uma série de questões, entre elas:

*“Can you see the space from a distance? Is its interior visible from the outsider?”*

*Is there a good connection between the space and the adjacent buildings, or is it surrounded by blank walls? Do occupants of adjacent buildings use the space?*

*Can people easily walk to the place? For example, do they have to dart between moving cars to get to the place?*

*Do sidewalks lead to and from the adjacent areas?*

*Does the space function for people with special needs?*

*Do the roads and paths through the space take people where they actually want to go?*

*Can people use a variety of transportation options – bus train, car, bicycle, etc. – to reach the place?*

*Are transit stops conveniently located next to destinations such as libraries, post offices, park entrances, etc. ?”<sup>11</sup> (PPS, 2015a)*

Esses benefícios do espaço são novamente mencionados no intuito de reforçá-los e marcar como característica principal dos espaços de sucesso. São definidos pelas respostas às questões acima apresentadas, que são diretas e determinantes de particularidades de cada espaço.

---

<sup>11</sup> “Consegue ver de longe o espaço? O interior é visível a partir do exterior?

Existe uma boa ligação entre o espaço e os edifícios adjacentes ou é limitado por paradas vazias? Os moradores dos edifícios usam o espaço?

É acessível? Por exemplo, têm de passar por entre carros em movimento?

Os passeios estabelecem ligação entre o espaço e as zonas adjacentes?

Funciona para pessoas com necessidades especiais?

As ruas e caminhos são diretas para onde as pessoas realmente pretendem ir?

As pessoas têm a possibilidade de usar vários transportes – autocarro, carro, bicicleta, etc – para chegar ao espaço?

Existe controlo do tráfego convenientemente localizados perto de bibliotecas, correios, entradas dos parques, etc?”

**Figura 1. Diagrama explicativo de “A Thriving Future of Places?”. Fonte: Adaptado de (PPS, 2015a)**



Reconhecendo “o valor da existência” dos espaços verdes, tais como os parques, pela sua presença física e “o valor de uso” pela oportunidade de realização de atividades e usufruto do próprio espaço, define-se que *“Open space and particularly the parks and green space within it confer two important benefits on city living. They have an existence value, which people recognise because the space are there and contributing to the urban land-scape, and a use value for recreation and enjoyment.”*<sup>12</sup> (Handley, Pauleit & Gill, 2007, p. 175).

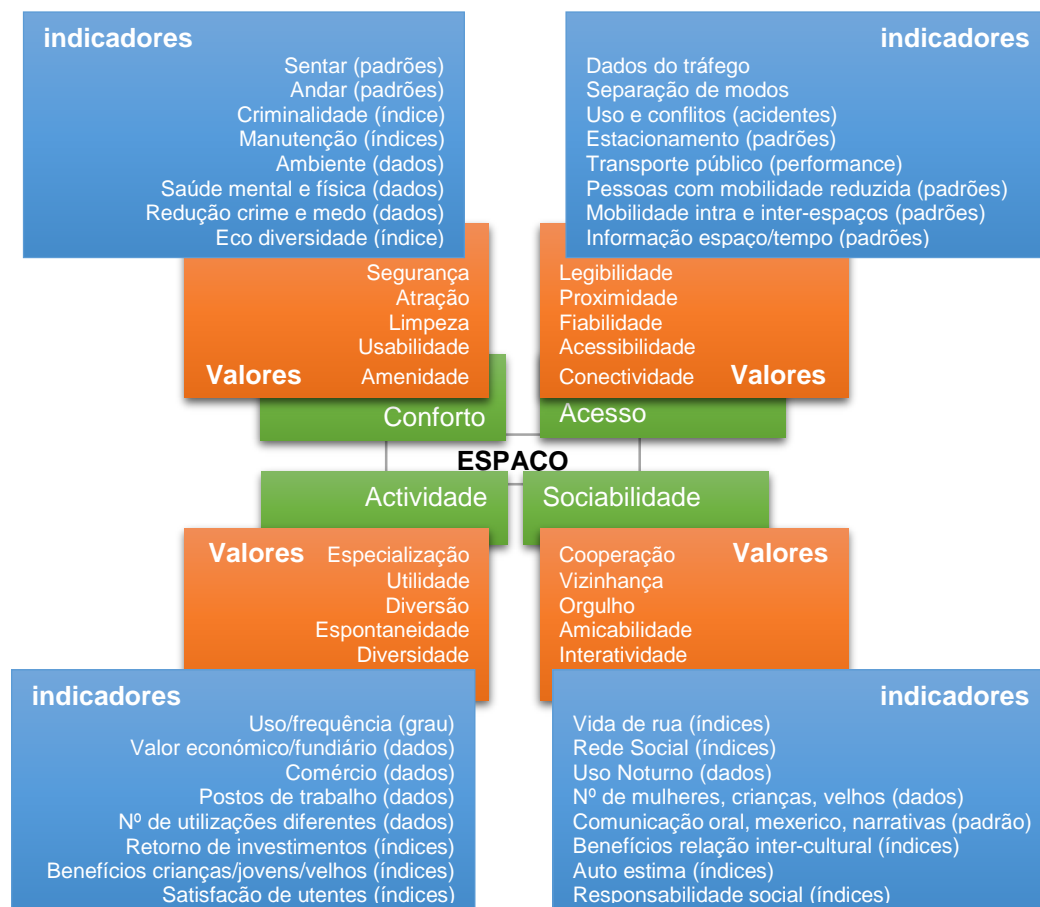
Neste âmbito, foi estabelecida uma ordem e uma estrutura de conceitos/expressões para solidificar estes dois entre outros “valores”, assim como os seus indicadores correspondentes, representados no Quadro I, que estabelecem ligação com os benefícios acima apresentados.

Para uma gestão urbana sustentável existem instrumentos orientadores com várias dimensões (social, económica e ecológica), que devem ser tidas em conta no planeamento urbano. Quando falamos da dimensão social consideramos a comunidade social, as diferentes culturas, comportamentos e éticas, em que o espaço público urbano é a base das atividades e dinâmicas das comunidades sociais. A dimensão económica compreende todo o desenvolvimento e dinâmicas económicas, serviços e como

<sup>12</sup> “O espaço livre e em particular os parques e espaços verdes conferem dois benefícios importantes na vida urbana. O valor de existência, onde as pessoas reconhecem porque o espaço existe e contribui para o solo urbana e o valor de uso para o lazer e diversão.”

estes podem influenciar o espaço urbano, como no caso do uso de localizações descentralizadas, de modo a fluir melhor a economia local/ regional e descongestionar a área central urbana de cada cidade. Na dimensão ecológica existe uma ligação estreita com recursos naturais e reservas energéticas que, por sua vez, são esgotáveis: *“Não é o consumo de espaço que é preocupante mas sim o modo como se está a consumir espaço no atual processo de urbanização, pois para além de eliminar recursos de sustentabilidade, provoca custos antieconómicos.”* (Vale & Grave, 2015, p. 6).

**Quadro I – Valores e indicadores identitários do espaço público. Fonte: Adaptado de (Brandão, 2008)**

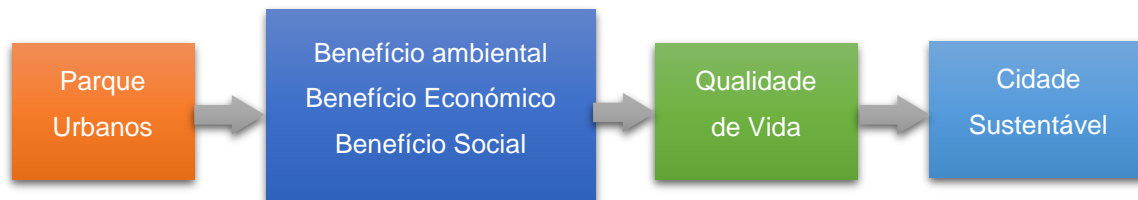


Assim sendo, é possível, de uma forma sintética determinar os seguintes aspetos para cada dimensão: Dimensão social – abrigo, educação, saúde cultura, lazer, apoio social; Dimensão económica – trabalho, comercio e serviços, mobilidade e conectividade; Dimensão ecológica – regulação, suporte., sendo que estas três dimensões devem estar em estabilidade e equilíbrio. Conjugando as três dimensões chegamos a um conjunto multifuncional que relaciona princípios como *Equidade Social*, *Sustentabilidade Económica*, *Sustentabilidade Ecológica*, direcionada para as pessoas e para a sociedade. (Vale & Grave, 2015)

Mais uma vez, realça-se a importância e benefícios da presença e crescimento de árvores em meio urbano, estes que são benefícios ambientais/ecológicos, sociais e económicos, como apresentado no Quadro II. Inicialmente as árvores eram usadas por razões de estética e ornamentação, agora já estão mais relacionada com a gestão hídrica, conservação energética e gestão da qualidade do ar.

Adicionalmente, verifica-se um fator muito positivo no melhoramento da qualidade e saúde da comunidade do meio urbano (Mullaney, Lucke & Trueman, 2015).

**Quadro II - A conceção de relações entre os parques urbanos, a qualidade de vida e a sustentabilidade da cidade. Fonte: Adaptado de (Chiesura, 2004)**



Na visão de sustentabilidade urbana apresentada no livro “Cidades para um pequeno planeta” (Rogers & Gumuchdjan, 2001), referem-se sete definições chave que determinam uma cidade sustentável. Essas definições são: uma **cidade justa**, onde os bens são distribuídos de igual forma por todos; uma **cidade bonita**, revelando sensibilidade e gosto de arte, arquitetura e paisagem; uma **cidade criativa**, onde é possível potenciar a resposta a novas ações, com iniciativa e sentido de exploração e curiosidade; uma **cidade ecológica**, onde se encontra equilíbrio entre natureza e artificial tendo em consideração o impacte ambiental; uma **cidade fácil**, no sentido de ser uma cidade “clara” na transmissão da sua identidade; uma **cidade compacta e policêntrica**, com uma gestão espacial e de mobilidade eficiente e uma **cidade diversificada**, onde haja movimento e atividades que dão vida á cidade. (Vassalo & Figueiredo, 2010; Vale & Grave, 2015)

Através da organização da cidade em três áreas ou ditos “Pilares de Desenvolvimento Sustentável” (Quadro XII no Anexo II), cada área definida por *Ambiental*, *Social e Cultural* e *Económica*, pressupõe um conjunto completo de características. Este desenvolvimento sustentável é suportado por um conjunto de “Estratégias de Acção e Correspondentes Áreas de Sustentabilidade Urbana” (Quadro XIII no Anexo II) que incluem uma atuação integral, a Revitalização/ requalificação das áreas urbanas, de espaços públicos, estrutura ecológica, dinâmicas sociais e económicas, entre outros (Vassalo & Figueiredo, 2010).

#### 4. Tipologias de espaços de públicos (Mata, Parque, Praça, Largo, Rua)

Na Conferência Nacional de Avaliação de Impactes, CNAI, Feliciano *et al* (2007) refere que existe uma determinação de espaços e de funções da vegetação para cada um dos elementos da estrutura verde, nomeadamente urbanos, como tipos de espaços verdes urbanos:

- A Floresta, associada à Mata, como pequenos bosques compostos por pinheiros e outros, normalmente localizados nas zonas periurbanas, definição mais espontânea de espécies autóctones;
- Os Parques e Jardins públicos como espaços de recreio e lazer, com cuidado estético e ornamental, maioritariamente mantidos pela autarquia, contendo uma grande diversidade de elementos e material vegetal de várias espécies e combinações;

- As Praças e os Largos associadas a espaços histórico-culturais, que podem ser considerados espaços verdes quando a presença de vegetação de relevância, na concordância com a envolvente do espaço, normalmente composta por edifícios de importância;
- A Rua, como os espaços ligados ao tráfego, normalmente estruturas lineares, ao longo de vias, compostas por vegetação de arruamento.

Em particular, na CNAI, vários espaços apresentam os seguintes conjuntos de características, onde é considerada a permeabilidade devido ao clima mediterrâneo e por isso ser importante a sua atenção nos diferentes tipos de espaços. Os Parques e Jardins Permeáveis de Acesso Público caracterizam-se como “(...) *espaços não edificadas, ordenados e desenhados, dominados pela presença da vegetação, de uso público directo e com um revestimento vegetal em solo permeável superior ou igual a 40% (sendo admissível a percentagem de 35% em situações de conflito ou transição).*”; Por sua vez, as Praças de Acesso Público são descritas como “(...) *espaços não edificadas, abertos na malha urbana, dominados pela presença de estruturas construídas, de uso público directo, e com uma área impermeabilizada superior a 40%.*” Estas dividem-se em sub-tipologias de *Praças inertes, Praças arborizadas e Praças ajardinadas* com permeabilidade de 0-5%, 5-15-5 e 15-40%; Os “Espaços Verdes associados a Urbanizações” são um “(...) *conjunto de espaços verdes ligados a conjuntos habitacionais multifamiliares, como por exemplo os bairros sociais.*”; Os Espaços Verdes associados a Equipamentos constituem “(...) *espaços com vegetação situados na envolvente de edifícios públicos ou de acesso público.*”; Os Espaços Verdes associados a Eixos de Circulação Principal “(...) *espaços verdes ligados a vias de circulação automóvel (...) áreas de taludes, áreas verdes laterais, nos e faixas centrais.*”; As Ruas arborizadas “(...) *corresponde às vias de circulação (avenidas, alamedas e ruas) que apresentam um estrato arbóreo em caldeira ou faixa verde continua, em alinhamento ou pontuação.*”; E as Matas Urbanas “(...) *contem os espaços sem organização espacial explícita de estrutura verde e sem um desenho planimétrico, cuja percentagem de coberto arbóreo (coberto fanerófito florestal) é igual ou superior a 70%.*” (Marques et al., 2011, p. 18-27).

As definições acima referidas reforçam discurso de Fadigas (1993, p. 120) sobre os espaços verdes, citando: “*Os parques e os jardins, também eles, por serem elementos urbanos novos associados à cultura urbana em ascensão, se tornaram expressões dessa mudança. Na origem, localização, desenho e uso acompanharam, e disso eram marca, a expansão territorial das cidades. Podemos mesmo dizer que eles representam o elemento novo que a revolução industrial traz à organização da vida urbana e ao desenho das cidades. A uma realidade social emergente correspondia uma nova morfologia e uma renovada. Com a qual era possível estabelecer relações conceituais e funcionais.*” Determina-se a importância em relação às diferentes tipologias de espaços e como são influenciadas pela presença de vegetação assim como a determinação das densidades e diferentes permeabilidades que refletem impactos nos espaços e na envolvente destes.

Outra dimensão para as tipologias do espaço essencialmente construída a partir da identidade de cada espaço é apresentada por Pedro Brandão. Estas são organizadas e agrupadas conforme as que são apresentadas no Quadro III.

**Quadro III - Diferentes tipologias de espaço público. Fonte: Adaptado de (Brandão, 2008)**

<b>Tipologias de Espaço Público</b>		
<b>a. Espaços – traçado</b>	Encontro	1 Largos, praças
	Circulação	2 Ruas, avenidas
<b>b. Espaços – ‘paisagem’</b>	Lazer – Natureza	3 Jardins, parques
	Contemplação	4 Miradouros, panoramas
<b>c. Espaços – deslocação</b>	Transporte	5 Estações, paragens, interfaces
	Canal	6 Vias-férreas, autoestradas
	Estacionamento	7 ‘Parking’, silos
<b>d. Espaços – memória</b>	Saudade	8 Cemitérios
	Arqueologia	9 Industrial, agrícola, serviços
	Memoriais	10 Espaços monumentais
<b>e. Espaços comerciais</b>	Semi- interiores	11 Mercados, centros comerciais, arcadas
	Semi- exteriores	12 Mercado levante, quiosques, toldos
<b>f. Espaços gerados</b>	Por edifícios	13 Adro, passagem, galeria, pátio
	Por equipamentos	14 Culturais, desportivos, religiosos, infantis
	Por sistemas	15 Iluminação, mobiliário, comunicação, arte

## 5. Planeamento Urbano

Aprofundando agora a noção de planeamento, poder-se-á dizer, muito resumidamente, que este define a base do trabalho, ou seja, a superfície para a programação da área urbana. Segundo Alex Wall, que escreve na publicação “*Recovering Landscape – Essays in Contemporary Landscape Architecture*” de James Corner, a paisagem é a estabilização da ligação entre um conjunto de funcionalidades e materiais, que organiza não só objetos e espaços como também o desenvolvimento de processos e eventos dinâmicos. No espaço urbano, a paisagem define-se como uma superfície de terra na cidade, extensiva e inclusiva, que acomoda edifícios, estradas, serviços, espaços abertos, periferias e habitats naturais. No desenvolvimento do desenho de espaços na superfície urbana, entende-se que o principal objetivo de desenho no plano urbano é o aumento da capacidade de suporte e diversidade da atividades no momento, daí que em primeira instância o desenho do espaço deva ser estratégico, de modo a ser rapidamente adaptável às novas atividades e serviços que se podem desenvolver e que não foram inicialmente pensados, conferindo liberdade de uso do espaço e estabelecendo continuidade (Wall, 1999).

Quando falamos de planeamento de cidades, nomeadamente de planeamento verde, onde a importância da presença de vegetação e de soluções sustentáveis é prioritária, a relação entre “valores

*y recursos naturales, ecológicos, ambientales y paisagísticos de la ciudad.*”<sup>13</sup>, deve ser particularmente considerada. (Palomo, 2003, p. 13). Assim como as “diretrizes” definidos nas “Estruturas Verdes” que são desenvolvidos a uma escala maior, nos desenvolvimentos de ordenamento de território. (Magalhães 1992).

## 6. Regeneração urbana

Os processos de Regeneração Urbana, por seu termo, englobam outros processos. Remetem-nos para a condição de reutilizar, reformular e/ou reabilitar áreas que demonstrem ter mais pontos negativos que pontos positivos e que, por isso, estejam abandonadas ou subutilizadas.

Para resolver muitos dos problemas em espaços urbanos degradados, abandonados ou subutilizados, existem intervenções de revitalização urbana. Este processo está relacionado com o conceito de reabilitação e de regeneração urbana, que consistem em intervenções que visam dar uma nova abordagem do espaço e para além de transformarem o espaço fisicamente, também influenciam alterações sociais, económicas e ambientais. De acordo com o artigo “Cidades Europeias Sustentáveis, CE, 1996” o conceito de revitalização urbana pode ser entendido como *“o processo de inversão da decadência económica, social e física nas nossas vilas e cidades onde se chegou a uma fase em que as forças do mercado, só por si, já não são suficientes.”* (Vassalo & Figueiredo, 2010, p. 3).

As intervenções de regeneração urbana destinam-se a “espaços intraurbanos específicos” tais como valorização de centros históricos, qualificação de periferias e requalificação de bairros críticos, entre outros, a compreenderem a concordância estrutural da cidade e das comunidades, assim como a qualificação da qualidade de vida da população. Pretendem intervir, segundo um conjunto de ações levadas a cabo pelo programa de regeneração urbana, em matérias como habitação, reabilitação e revitalização de áreas urbanas, ambiente, mobilidade, sociedade, etc (Gabinete do Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades, 2008).

Também no relatório do Departamento de Prospetiva e Planeamento e Relações Internacionais sobre Cidades Inovadoras e Competitivas para o Desenvolvimento Sustentável em 2007, é apresentado um conjunto de operações do processo de revitalização ou regeneração urbana, tais como: a requalificação, em zonas abandonadas e que sofreram ações de degradação, de forma a dinamizar esses espaços; a sustentação da presença de edificação relevante e que funciona como motor local, social e cultural; a criação de “parques” que permitam a introdução de novas dinâmicas (ciências e tecnologias) nos espaços e o estabelecimento de ligação entre centro e periferia das cidades; a criação de eventos pontuais ou recorrentes, criando movimento urbano e revitalizando a parte social (Vassalo & Figueiredo, 2010).

Esta perspetiva de atuação pode ser compreendida num momento muito importante com a realização da Expo’98 em Lisboa, que permitiu um enorme desenvolvimento da cidade e atuar com programas de requalificação, reconversão e regeneração de espaços, também do ponto de vista ambiental. Também

---

<sup>13</sup> “valores e recursos naturais, ecológicos, ambientais e paisagísticos da cidade.”

é de considerar o Programa Polis, com o objetivo de ser um programa exemplar de intervenções e operações de trabalho, sendo que alguns dos tipos de intervenções ao nível de reabilitação correspondem à *“Valorização do património histórico ou natural e a sua reintegração na cidade; Requalificação de cidades de média dimensão com força económica mas com uma vida urbana de pouca qualidade; e a Valorização de cidades do interior ou raianas que podem constituir pólos de desenvolvimento regional.”* (Vassalo & Figueiredo, 2010, p. 4).

Segundo o arquiteto paisagista holandês Adriaan Geuze, o seu método de trabalho, (usado no projeto West 8 e comum à sua geração de colegas designers), consiste em projetar estrategicamente um espaço, considerando que este ao longo do tempo, permitirá proporcionar uma grande diversidade de usos, e interpretações aos seus utilizadores. Deixando o espaço “vago”, indeterminado no seu uso permite ao utilizador desenvolver a sua própria forma de estar naquele espaço. O próprio arquiteto assim o escreve: *“The urbanite is self-assured and well-informed, finds his freedom and chooses his own sub-cultures. The city is his domain, exciting and seductive. He has proved himself capable of finding his way around the new landscape and of making places his own.”*<sup>14</sup> (Wall, 1999, p. 242). Através deste método, considera-se que exista uma segunda oportunidade para o espaço, daí a terminologia “regeneração”.

Segundo Eduard Bru, para promover a diversidade de funções e uma nova leitura do espaço exige-se que haja uma procura de programas de mudança da paisagem e dinâmicas inovadoras. (Wall, 1999). *“In terms of planning, green infrastructure addresses the “imperative to act” to make future urban environments more sustainable in the context of, and as a direct result of, routine urban (re)development.”*<sup>15</sup> Neste contexto, o imperativo referido deve-se à necessidade de proteção da infraestrutura verde por ser um sistema muito sensível, incluindo principalmente plantas e animais, que já são bastante ameaçados pela envolvente urbana (Ahern, Cilliers & Niemelä, 2014, p. 255).

Em Portugal, nas suas áreas urbanas ao considerarmos a qualidade ambiental e a estrutura ecológica urbana percebemos intenções de mudança, *“A definição de Desenvolvimento Sustentável resume uma ideia simples: o progresso da sociedade tem de assegurar a possibilidade da sua continuidade futura, designadamente através da preservação dos ecossistemas naturais que lhe fornecem recursos.”* (Nunes da Silva *et al.*, 2009, p. 25). As intenções de planeamento são direcionadas para a proteção dos espaços “verdes” ou potenciais. As áreas urbanas visam fazer o uso desses espaços como novas áreas de carácter ecológico e com as seguintes intenções: *“recuperação de valores naturais e paisagísticos degradados (...); no enquadramento de complexos desportivos e de lazer; no remate ou contenção de expansões urbanas recentes; na integração em projectos de educação ambiental; na valorização de património arquitectónico (fora do “centro histórico”); (...).”* (Portas *et al.*, 2003, p. 76).

---

<sup>14</sup> “O “urbanita” é autoconfiante e bem informado, encontra a sua liberdade e escolhe as suas próprias subculturas. A cidade é o seu domínio, emocionante e sedutor. Provou a ele próprio que é capaz de encontrar o seu caminho pela paisagem e tornar os seus próprios lugares.”

<sup>15</sup> “Em termos de planeamento, estrutura verde estabelece ligação com “o imperativo de agir” para fazer os futuros ambientes urbanos mais sustentáveis no contexto de, e como resultado direto do desenvolvimento urbano.”



## 6.1 Cidades POLIS XXI

Desenvolvido à escala nacional, apresenta um conjunto de definições de cidades que compreendem fundamentos importantes que se relacionam com os desenvolvimentos de intervenções de regeneração urbana. As cidades definidas para o Programa POLIS XXI como “Cidades Verdes, Cidades Digitais, Cidades do Conhecimento e Entretenimento e Cidades Intergeracionais” projetam-se com grandes objetivos, ideias claras e inovadoras. Sobre as “Cidades Verdes” *“(…) no processo de requalificação urbana, nomeadamente através do reordenamento do trânsito e da criação de novas formas de mobilidade, da criação de espaços públicos de qualidade, da valorização de “âncoras” ambientais (...) caminhem no sentido de uma gestão ambiental exemplar, inserida numa estratégia de sustentabilidade, que minimize aquilo que hoje se designa por “pegada ecológica” (...)”*; As “Cidades Digitais” *“(…) que dispõem de bons serviços de comunicação digital, mas em que se fomenta também a cultura da sua utilização para todos os fins, nomeadamente comerciais, escolares, culturais, lúdicos, e de participação cívica.”*; As “Cidades do Conhecimento e Entretenimento” são *“(…) cidades dotadas de infraestruturas científicas e tecnológicas, de espaços culturais e de aprendizagem artística, de infraestruturas de diversão, (...)”*; e as “Cidades Intergeracionais” *“(…) têm a preocupação de evitar a segmentação espacial do tecido urbano por grupos etários ou sociais, recentrando a vida da urbe, atribuindo novas funcionalidades aos centros históricos, e promovendo a requalificação urbana e a reabilitação habitacional dos “cascos históricos” de forma a reabri-los às novas gerações.”* (Nunes da Silva et al., 2009, p. 8).

As cidades definidas pelas políticas do programa POLIS XXI, por ordem cidades digitais, cidades intergeracionais e entretenimento, cidades verdes, e cidades do conhecimento, relacionam-se com o seguinte conjunto de definições de cidades, respetivamente, completando e justificando-se:

*“As cidades como territórios de inovação e competitividade - Assegurar que as cidades constituem espaços favoráveis à criatividade e à inovação, tornando-se mais abertas ao exterior, competitivas e internacionalizadas com base nos recursos que possuem, produzem ou atraem e nas formas de organização que promovem ou estabelecem entre diferentes entidades e com distintas cidades.*

*As cidades como territórios de cidadania e coesão social - Assegurar que as cidades constituem espaços de cidadania, coesão e identidade cultural, tornando mais eficientes os processos de participação, integração e valorização patrimonial e combatendo activamente os factores geradores de obsolescência, risco, insegurança e exclusão.*

*As cidades como territórios de qualidade de ambiente e de vida - Assegurar que as cidades constituem espaços de qualidade ambiental e bem-estar, promovendo formas sustentáveis de uso dos recursos, de desenho urbano, de edificação, de mobilidade e de paisagem, e condições adequadas de acesso à habitação, aos equipamentos e serviços e aos diversos tipos de amenidades.*

*As cidades como territórios bem planeados e governados - Assegurar que o modo como as cidades são planeadas e governadas acolhe os três objectivos estratégicos anteriores como*

*decisivos para que as nossas aglomerações urbanas se transformem em verdadeiras comunidades do século XXI, tornando-se mais sustentáveis, saudáveis e responsáveis. Aos municípios e à participação pública, nomeadamente no âmbito de Agendas XXI locais, caberá um papel essencial neste domínio.”*

(Gabinete do Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades 2008, p. 3)

## 7. Sustentabilidade

Neste capítulo, será abordado, muito resumidamente, o termo “sustentabilidade” que suporta um conjunto bastante vasto de conceitos e que considerando os temas principais determinou-se importante o seu realce. *“The word ‘sustain’ has two principal meanings. The first is ‘to support or hold up’ (from the Latin, sustinere). Breadwinners sustain their families; generals sustain the morale of their troops. The second is ‘to prolong’. To sustain a discussion is to keep it going.”*<sup>16</sup> (Thompson, 2007, p. 21).

Sustentabilidade sugere também a definição de um patamar de equilíbrio entre o que sai e o que entra no sistema, sendo este um sistema composto por ciclos e uma estrutura que se supõe complexa e que deve ser estável. Segundo Heloísa Costa na sua obra, “Sustentabilidade ambiental”, existe a ideia de uma dimensão dentro da noção de desenvolvimento, e a autora realça a relação de sustentabilidade com uma ideia de autonomia e de autodeterminação da comunidade (Costa, 2011).

Atualmente, com o crescimento dos centros urbanos, associado ao aumento da população urbana, é essencial planear e organizar os espaços urbanos, de modo a potenciar um desenvolvimento sustentável, através de estratégias de ação e de melhoramento, compostas por processos sustentáveis. A constante pressão feita nos espaços urbanos deve-se a preocupações com o aumento da exploração de recursos, a poluição do solo, da água e do ar, a degradação de ecossistemas naturais, o crescimento desordenado e desqualificado, entre outros (Vassalo & Figueiredo, 2010).

O autor António Mega Ferreira, na sua obra “*A Condição Urbana*”, de 2008, no Ciclo de Conferências: *A cidade no século XXI – Reflexões, Desafios, Estratégias*, em Lisboa realça o crescimento acelerado e desordenado que o território português sofreu, nomeadamente após o 25 de Abril de 1974, e que conduziu a um processo insustentável de construção e ocupação do solo, sem ter em conta todos os fatores afetados. Esta falta de um programa sustentável de planeamento urbano levou a que “sobrassem” áreas, como vazios, ao longo do território ou áreas que foram esquecidas, abandonadas. A estas áreas é possível dar uma nova dinâmica, de revitalização urbana, nomeadamente com a criação de espaços públicos urbanos, quando possível verdes, onde a parte social e cultural deve ser trabalhada (Vassalo & Figueiredo, 2010).

---

<sup>16</sup> “A palavra “sustentar” tem dois significados principais. O primeiro é ‘para suportar ou segurar (do *latim*, *sustinere*). Os chefes de família sustentam as suas famílias; os generais sustentam a moral das suas tropas. O segundo é ‘prolongar’. Sustentar uma discussão é mantê-la.”

## 8. Identidade do espaço público

Neste capítulo centrar-nos-emos principalmente em referências, de Pedro Brandão (2008, p. 12) sobre as Políticas do programa de Cidades POLIS XXI, onde as ideias se relacionam e encontramos outras referências relevantes. *“Incluem-se frequentemente nas obras no espaço público objectivos de qualificação estética e simbólica e a construção de uma nova imagem, ou a valorização de sua identidade prévia.”* Apostando em programas de reabilitação, reestruturação e regeneração urbana, são executadas obras neste sentido que não impõem a implantação de algo novo, ignorando a história do lugar. Importa uma adaptação estrutural melhorada de um espaço e elementos, preservando a identidade, por vezes realçando ou reavivando-a aos usos atuais. No entanto, estas alterações nem sempre são assim tão certas ou claras como se gostaria.

A percepção da identidade de um lugar para cada sujeito advém dos sentimentos, da comunicação e da experiência de cada um (pessoal ou social), assim como, da relação com o lugar. A identidade de cada espaço ou de um conjunto deles existe e muitas vezes pode ser representada por uma “imagem”, que se torna num símbolo e que adquire reconhecimento, mediatização através de vários meios, expansão de ideias, publicidade. *“É pela publicidade que se nos apresenta a imagem do que há a visitar numa cidade, que se nos transmite a história, ou a fantasia, da identidade de um ‘destino’ turístico.”* (Brandão, 2008, p. 14).

A identidade comporta conceitos que a suportam, explicam, relacionam tais como a “Memória Coletiva” que compreende uma “identidade espacial”, de um lugar, que é contínua e ligada a referências/memórias (pessoas, acontecimentos; alterações técnico-económicas; hábitos culturais; antepassados). O “Uso e apropriação do espaço” onde a identidade é gerada pela ocupação do espaço ao longo do tempo e pelo afeiçoar do lugar pressupõe um conjunto de alterações feitas pelo homem, entendendo-se por “um processo de construção”, consoante adequação de usos sociais e culturais (Brandão, 2008).

A forte influência do *‘genius loci’*, o “Espírito do lugar” na apropriação do espaço relaciona-se com ícones, simbolismos, ideias que podem dar ao lugar uma essência e autenticidade, distinguindo-se assim de outros lugares. “Redução da identidade, cidade-espetáculo e publicidade” entende-se pelo início da perda da própria identidade através da “venda” da cidade como um “produto transacionável”, onde a cidade tem de corresponder com uma imagem “cenário” e um movimento contínuo “espetáculo”. Por fim, a “Organização simbólica do espaço – arte e democracia” reconhece-se pela “afirmação da comunidade” através das realizações levadas a cabo nos lugares, do registo desses eventos (notícias, fotografias) e ainda do poder político que deve ter em conta “as necessidades de expressão individual e coletiva no espaço público” (Brandão, 2008)

É de referir que o espaço público tem “dimensões de Identidade”, ou seja, nele são traçados vários objetivos, complementares que devem ser tidos em conta sempre que se projeta um espaço público. (Brandão, 2008)

## Caso de Estudo – Cidade das Caldas da Rainha

### 9. Contexto Histórico – Evolução da cidade

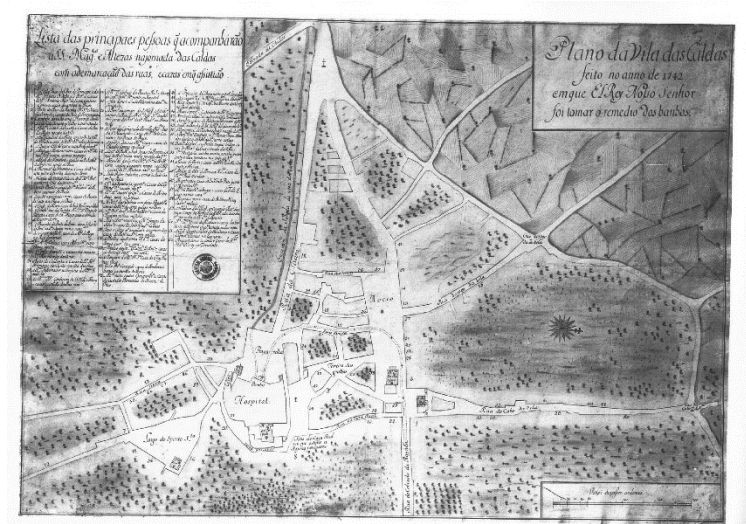
Quando se inicia uma pesquisa sobre as Caldas da Rainha e a sua evolução urbana e histórica, uma das indicações mais frequentes é “(...) *a sua posição no centro de um vale tifónico, num local de passagem obrigatória para quem se dirigia aos portos do litoral, (...)*” (Reis & Fonseca, 1981, p. 18). Partindo desta informação de base percebemos um conjunto imenso de fatores, que justificam o desenvolvimento da cidade.

No que diz respeito ao processo de urbanização da cidade, um grande influenciador direto no planeamento urbano foi Paulino Montez. O autor refere-se às Caldas da Rainha como “*centro de uma região de turismo em que abundam belezas naturais, monumentos históricos e artísticos; estação de verão recomendável pelo reconhecimento dos seus parques e frescura do seu clima, é sobretudo uma estância termal das mais famosas, mercê da riqueza inexgotável das suas águas de propriedades terapêuticas variadíssimas.*” (Montez, 1941, p. 11). Elucidando-nos assim sobre a identidade da região, desde cedo virada para o turismo e usufruto dos seus recursos, como as termas.

“*Nascido das águas, o nome dos banhos e do lugar - as caldas - (...)*” assim encontramos a primeira palavra do nome da cidade (Machado, Vieira da Silva & Serrão, 1993, p. 42). A completar o nome da cidade, o termo “da Rainha”, corresponde à sua fundadora. A cidade “*Fundada em 1485 pela Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, com o estabelecimento dum hospital; iniciada povoação em 1488, com casaria para uns trinta moradores - atinge, em dois séculos e meio, cerca de trezentos fogos, e conquista, em 1927, o título de cidade com uma população de 7000 habitantes.*” (Montez, 1941, p. 11).

Através da excelente abordagem feita nos livros “*Terras de Águas – Caldas da Rainha, História e Cultura*” (Tavares et al., 1993) e “*Património das Águas (A Legacy of Waters)*” (Aires-Barros et al., 2005) obtém-se uma perceção clara, informada, fundamentada e justificada daquilo que foi e é a cidade. No espaço urbano, nomeadamente público da cidade das Caldas da Rainha, temos várias estruturas, como praças e largos, que ao longo da história da cidade foram ganhando importância, também por estabelecerem ligações com edifícios de relevância, como nos casos do Hospital Termal e da Câmara Municipal (“Paços do Concelho”), no lugar inicial.

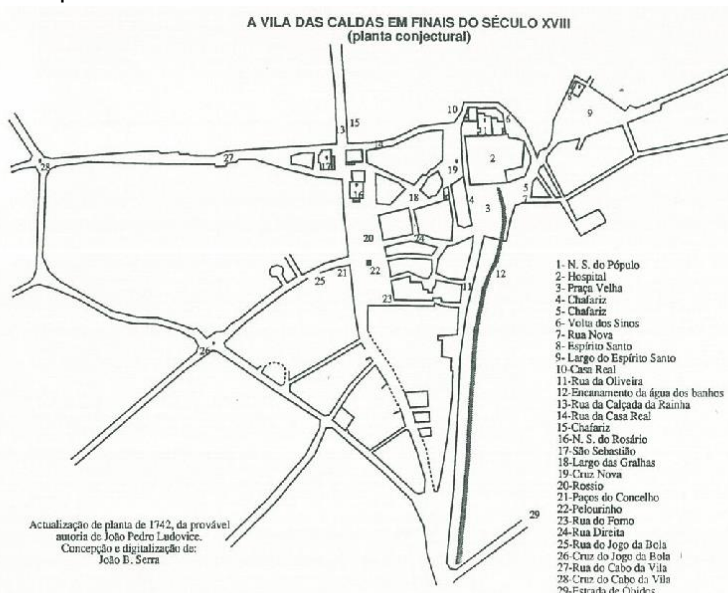
O Hospital Termal deu origem à vila de Caldas da Rainha no final do século XV, tornando-se para além de centro urbano, num centro político e institucional. A “Planta da Vila das Caldas” elaborada em 1742, apresentada na Figura 2, permite analisar o desenvolvimento do espaço urbano nessa época. Como ponto de partida, está o Hospital e a sua expansão, a partir dele é de notar a relevância atribuída aos espaços públicos como praças, locais de relação, comércio e encontro na vila.



**Figura 2. Planta da Vila das Caldas feita em 1742. (Reprodução de Bilhete Postal – Coleção Casa da Cultura) Fonte: Adaptado de (Rodrigues et al., 1993)**

De forma mais gráfica (Figura 3), a representação da planta da vila, com legenda dos espaços e apresentando os nomes utilizados na época.

**Figura 3. Atualização de planta de 1742, da provável autoria de João Pedro Ludovice (Conceção e digitalização de: J. B. S.) Fonte: Adaptado de (Rodrigues et al., 1993)**



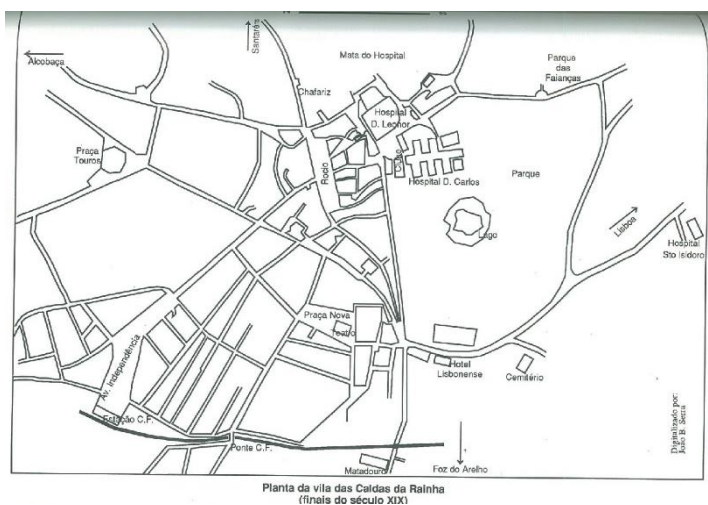
Em meados do século XVIII, com a remodelação do Hospital, foi feita a construção de uma rede de abastecimento de água, na altura através de um aqueduto e de pontos de acesso à água com chafarizes. Esta ação permitiu estabelecer uma relação de proximidade do utilizador com o espaço, e a construção do aqueduto considerou-se uma obra muito necessária.

Estabeleceu-se um grande relevo na vila com a construção do Paços do Concelho (antiga Câmara Municipal) junto ao Rossio ou Praça Nova (atualmente nomeada como Praça da República e/ou Praça da Fruta), pois como em muitas outras cidades e vilas portuguesas, estes espaços iriam promover a atividade comercial e o próprio desenvolvimento urbano da vila.

E de referir que a evolução urbanística das Caldas da Rainha foi bastante abrangente, tendo em conta alguns fatores importantes, nomeadamente a contenção de expansão para sul, na zona do Hospital Termal, através da reserva dos terrenos adjacentes para um espaço verde, complementar aos tratamentos desenvolvidos no hospital, fazendo parte da expansão, pela determinação de uso, como

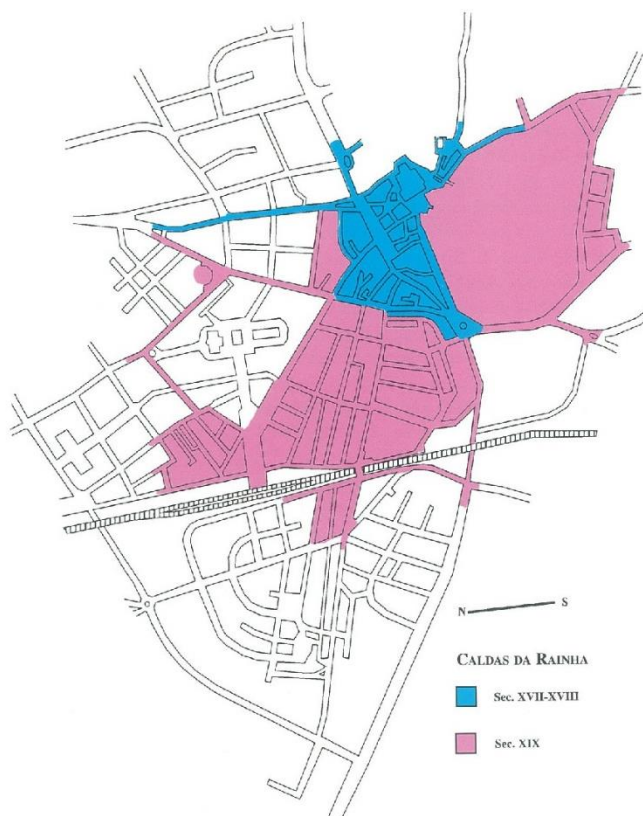
refere o corpo- médico do hospital *“julgam de absoluta necessidade a construção do parque (...) não havendo outro qualquer terreno mais apropriado para aquele fim, mesmo estranho às propriedades do Hospital Real”* (Serra & Cândido, 1993, p. 395). Verificou-se assim (Figura 4) um crescimento urbano para norte e noroeste, limitado pela criação do caminho ferroviário a oeste. No entanto, esta “limitações” fizeram com que a expansão fosse mais concentrada e orientada, sendo ao longo do tempo e com a justificação do crescimento populacional, obrigado a transpor esses limites.

No início do século XIX *“O passear das águas contribuiu para o (re) ordenamento do espaço, criando o jardim e mais tarde o parque, e no seu interior ergueram-se novos edifícios (casinos, pavilhões, coretos, quiosques) complementares à prática termal e fundamentais para construir um cenário capaz de proporcionar (o estado de repouso, convivência e diversão a quem procura as «vilas de águas».”* (Aires-Barros et al., 2005, p. 201)



**Figura 4. Evolução da área urbana, “Planta da vila das Caldas da Rainha” (finais do séc. XIX) Fonte: Adaptado de (Serra & Cândido, 1993)**

Realizando o exercício de cruzamento da informação presente nas Figuras 3 e 4, através da Figura 5, consegue-se perceber a evolução da cidade, do período do século XVII-XVIII ao século XIX.



**Figura 5. Evolução da Cidade das Caldas da Rainha, séc. XVII-XVIII a séc. XIX. Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**

## 10. Identidade Caldense

É consciente pensar no desenvolvimento urbano futuro da cidade, de salvaguarda e valorização dos elementos naturais e patrimoniais constituintes da cidade. *“Com reforço do desenho urbano com o qual se compõem os espaços urbanos, valoriza e estimula a arquitectura dos edifícios e a organização e funcionalidade dos espaços públicos e das zonas verdes.”*. Tendo em conta *“O respeito pela tradição, sendo uma forma de expressão cultural, deve persistir como motivo de reflexão que conduza à elaboração de novos planos de desenvolvimento que considerem o legado histórico e vocacional, tanto mais que por este caminho, há viabilidade segura de progresso se existirem a sensibilidade e a vontade de concertação suficientes.”*, a identidade da cidade é mantida e trabalhada, de modo a estar sempre presente (Fadigas 2005, p. 257).

Considerando *“O conceito de cidade termal é exigente mas a sua caracterização imprescindível se queremos enveredar por uma atitude interveniente e concorrencial. A sua diversificação tem que ser assim criteriosa.”*, pois é a base local de progresso, no entanto não se deve considerar como um “modo imperativo” e inflexível de desenvolvimento urbano (Aires-Barros *et al.*, 2005, p. 275).

Sendo que a Identidade Caldense é rica e diversificada, segue-se um conjunto de “Identidades e Valores” caldenses. Reforçando ainda a ideia de identidade, com clareza Fadigas (2005, p. 254) refere *“Os edifícios, as praças, os largos, as ruas e os becos com que se forma a imagem urbana com que se identificam as cidades são apenas parte da realidade que as cidades são. É certo que preservam e transmitem a sua memória, que contribuem para a construção da sua identidade e permitem a sua transmissão de geração em geração.”*

### 10.1 Termalismo

A existência e importância do termalismo e das termas das Caldas da Rainha deve-se a fatores como: ao aproveitamento dos recursos naturais, ao tratamento prestado a doentes e ao desenvolvimento local e regional. Assim como prova *“(…) por uma boa qualidade de sulfurosas (águas) que nas Caldas da Rainha ganharam especial relevância na correnteza dos séculos, Portugal possui mananciais enormes de águas indicadas para as moléstias”* e *“(…) já os banhos das caldas, com instituições anexas de assistência, funcionavam no primeiro quartel do século XIII, (...)”*, com o princípio do aproveitamento de recursos, tratamento de doentes e desenvolvimento local (Machado, Vieira da Silva & Serrão, 1993, p. 41, 43).

Esta “identidade termal” é fortemente defendida, do ponto de vista patrimonial e histórico, pelo Hospital Termal (Figura 6), pois foi o local onde todo o “Termalismo” funcionou e o ponto de partida do desenvolvimento urbano, sendo que Rodrigues *et al.* (1993, p. 151) refere *“O motivo das águas, que dois séculos e meio antes proporcionou o nascimento da vila, trouxe-nos neste período importantes peças que cons-tituem hoje um património, necessariamente ligado ao imaginário colectivo de várias gerações de caldenses, que urge manter vivo, tanto pelos seus valores formais e simbólicos, como pelo respeito que essas gerações e as próximas nos devem merecer.”*





**Figura 6. Bilhete-Postal do Hospital Termal na primeira década do séc. XX por Júlio Paramos, Edição de Silva Dias. Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**

Reforça-se assim a importância do crescimento urbano das Caldas da Rainha, através das águas termais *“Vem tudo isto a propósito da origem e desenvolvimento de uma cidade, as Caldas da Rainha, que se fez a partir das águas e por causa delas, também, cresceu e se transformou num centro económico e cultural de desenvolvimento regional. (...) Com isso lançando as bases para a formação de um aglomerado urbano que, de forma orgânica, se foi consolidando e ganhando consistência como povoação.”* (Fadigas, 2005, p. 255)

Atualmente o Hospital Termal não desempenha a sua função por completo (Figura 7).

**Figura 7. Hospital Termal na segunda década do séc. XXI, 2016. Fonte: Autora**

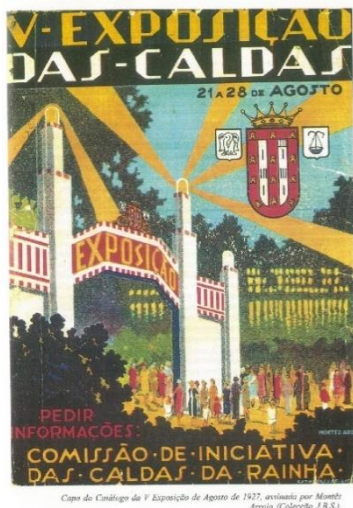


## 10.2 Expressões artísticas e seus eventos

A “arte” é uma vertente em desenvolvimento em várias áreas, como pintura, cerâmica, entre outros, e também através de “educação e formação” desenvolvida por centros educativos, podendo este facto ser confirmado pela seguinte transcrição: *“Desde bem cedo, as Caldas da Rainha se caracterizaram como centro artístico e difusor de cultura. A iluminada e criadora iniciativa de D. Leonor e do escol dos auxiliares na obra do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, tornou este, ao longo de centúrias, fulcro de actividade social, artística e cultural.”* (Machado, Vieira da Silva & Serrão, 1993, p. 70).

Este fator mantém-se graças à sua exposição e divulgação, como o caso do evento da V- Exposição das Caldas, apresentada na Figura 8, através da *“(...) articulação entre o movimento “regionalista” apoiado pelas “forças vivas” e a valorização das artes plásticas é provavelmente um dos traços mais marcantes na intervenção urbana dos anos 20 e 30 nas Caldas. A escultura e a pintura foram chamadas*





a colaborar na estratégia promocional das termas e a assinalar em espaços públicos as figuras e os momentos fundadores da vila/cidade.” (Serra & Cândido, 1993, p. 446).

**Figura 8. Capa do Catálogo da V Exposição de Agosto de 1927, assinada por Montez Arroja (Coleção J.B.S.) Fonte: Adaptado de (Tavares et al., 1993) e Exposição das Caldas (Serra & Cândido, 1993)**

O princípio do ensino artístico e industrial no desenvolvimento, crescimento e divulgação de artes e *design*, teve início através da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha, do Centro de Formação para a Indústria Cerâmica (Cencal) e da Escola Superior de Artes e Design (ESAD.CR) (Estúdio - Caldas da Rainha, s.d.).

No século XX, a “arte” existente na cidade assume mais uma presença muito forte, em quantidade e qualidade, como sendo uma oportunidade muito grande em termos de educação, desde as escolas primárias, secundárias, técnicas e superiores, a ESAD.CR, ao desenvolvimento de trabalhos individuais e coletivos. A instituição referida, ESAD.CR desenvolveu desde 1997 um evento artístico, cultural e recreativo “*Caldas Late Night*” (Figura 9) organizado pelos alunos, com o intuito de dar a conhecer e de expor os seus próprios trabalhos. Este evento é acessível a toda a população caldensa e visitante, com grande adesão nos últimos anos, decorre por toda a cidade e as exposições podem ser vistas nas habitações dos próprios alunos e nas ruas, afirmando-se cada vez mais como património artístico, a nível nacional.



**Figura 9. Exposição CLN'15. Fonte: Blogue “O Lisboaeta em Leiria” Fonte: Adaptado de (Rui et al., 2015)**

### 10.3 Cerâmica e Arte de Bordalo Pinheiro

Um dos grande valores da identidade caldensa é a cerâmica, esta adquiriu o seu impulso através da Fábrica de Faianças Artísticas das Caldas da Rainha (Figura 10) que “(...) foi um projecto pluridimensional lançado em 1883 por elementos da família Bordalo Pinheiro, em especial Feliciano e Rafael, com apoios diversos, financeiros, culturais e políticos. A crise geral de 1891 pôs um termo à concretização desse projecto que, aliás, experimentara já alguns acidentes de percurso.”, sendo que “A 2 de Agosto de 1888, era finalmente inaugurado o sector de produção de louça comum da Fábrica

de *Faianças das Caldas da Rainha*.” (Serra, Tavares & Verdelho da Costa, 1993, p. 261, 273). Mais uma vez, a utilização dos recursos da “terra”, o barro, é a base desta vertente artística e utilitária desenvolvida na cidade.



**Figura 10. Fábrica das Faianças Artísticas - Bordallo Pinheiro. Fonte: Adaptado de Jornal Público (Cláudia Carvalho, 2011)**

*“A utilização da cerâmica local esta igualmente presente na decoração das fachadas das lojas, em revestimentos cerâmicos que já denunciavam a influência da Nova Arte. (...) resta apenas o friso de azulejos relevados, de tons azuis e castanhos, da fábrica de Bordalo Pinheiro. De idêntica proveniência são os belos azulejos de motivos florais Arte Nova, também em relevo, que decoram a fachada da casa Teixeira e Irmãs, (...)”* este aspeto é, atualmente visível em alguns edifícios da cidade. Também ao longo da cidade, são visíveis intervenções mais recentes com a utilização de azulejos decorativos de edifícios, com os motivos florais de relevo e de figuras de Bordalo Pinheiro (Figura 11), como no interior da estação de autocarros, Rodoviária Tejo, e a rotunda das rãs na Avenida 1º de Maio.

Outra referência ligada à cerâmica é a Sociedade de Exportação e Cerâmica S.A (Secla), impulsionada por Joaquim Alberto Pinto Ribeiro e Fernando da Ponte e Sousa, que teve a sua origem através da Fábrica de Cerâmica Mestre Francisco Elias fundada em 1944. Como importante fator para a cerâmica, dedicou-se ao fabrico de loiça utilitária, para além do impulso industrial apostava em novas técnicas e formas (Ferrão, 2013).



**Figura 11. Peça da Fábrica das Faianças do Bordallo Pinheiro. Fonte: Adaptado de (Bordallo Pinheiro, 2016)**

Tal como Natália Guedes (2005, p. 300) refere *“(...) o desenvolvimento de uma arte, a louça, que se viria a desenvolver com a criatividade própria, com temas humorísticos e formas arrojadas, distintos do restante país, merecendo encomendas régias; a «louça das Caldas», comprada na Praça, passou a ser a «recordação» comum em casa da burguesia beirã e alentejana – nas paredes as andorinhas e os lagartos, à mesa as couves e as abóboras, no louceiro o zé-povinho e o frade (...)”*. Movimento este que foi adaptado numas das mais recentes intervenções desenvolvidas na cidade no ano de 2015, parte constituinte de um evento, a “Rota Bordalliana”, desenvolvido em conjunto por várias entidades, desde a Câmara Municipal, a Fábrica das Faianças e por elementos da Escola Técnica e Empresarial do Oeste (ETEO), entre outros mais.

#### 10.4 Mercado/Comércio Tradicional das Caldas e respectivas Praças

Um dos momentos de grande valor e tradição das Caldas da Rainha é o “Mercado da Praça da Fruta” (Figura 12), centro de comércio e convívio da cidade, *“O Rossio revela-se-nos, pois, desde bem e cedo e pelos séculos fora, o primeiro espaço de sociabilidade de uma comunidade urbana dos fins de Quatrocentos.”* (Machado, Vieira da Silva & Serrão, 1993, p. 70).

Segundo Serra & Cândido (1993, p. 382) o “Mercado das Caldas”, onde se encontram vários produtos, desde a fruta e legumes, a outros produtos regionais, desenvolve-se na Praça da República, entre 1887 e 1927 datando a informação referenciada, mas que hoje em dia também acontece (Figura 13), este *“é bem o símbolo das múltiplas funções que o mercado proporciona às economias urbanas: ponto de encontro da economia camponesa com o ciclo do preço e o estímulo monetário, instrumento de circulação de mercadorias, é certo, mas também de informação não só nos dois sentidos da relação cidade-campo, como no interior de cada um destes polos. (...) O mercado comanda o ritmo urbano. Não há dia mais animado na vila do que o domingo e por isso é que nunca esse foi dia escolhido para o descanso semanal do comércio ou indústria. É em torno do recinto aberto do mercado, coração da urbe, que proliferam as principais lojas caldenses.”*



**Figura 12. Tradicional Mercado das Caldas (“Praça da Fruta”) (Editada em 1903-1904, por Paulo Emílio Guedes). Fonte: (Trancoso, 1999)**



**Figura 13 Atual 2016 Mercado das Caldas (“Praça da Fruta”). Fonte: Adaptado de (Pedro Antunes, 2015)**

É nas praças que se desenvolvem os mercados, sendo que numa outra praça (atual Praça 5 de Outubro) da cidade das Caldas da Rainha também existia um mercado com um produto específico, o “Peixe e Galinhas”, (Figura 14) então *“Reservada a Praça Maria Pia para o comércio de produtos frescos, que não representava qualquer ameaça para o comércio de loja que crescia junto aos passeios laterais, entendeu a Câmara criar uma nova Praça - que por isso mesmo ficaria conhecida por Praça Nova – com traçado e tabuleiro semelhantes aos da anterior, embora de menores dimensões. Aí se praticaria a venda de peixe e de aves de capoeira e seriam autorizados os tendeiros – que tanto*



*irritavam os comerciantes da Praça Velha.” (Serra & Cândido, 1993, p. 385) Também é de referir que “De um traçado regular que data do último quartel do século XIX, a “Praça Nova” opunha-se à antiga, isto é, ao Rossio, e conserva ainda, isto é, ao Rossio, e conserva ainda actualmente um dos mais harmoniosos conjuntos arquitectónicos de Caldas da Rainha (apesar das desastrosas alterações ocorridas ao nível das lojas e armazéns).” (Serra, Tavares & Verdelho da Costa, 1993, p. 331).*



**Figura 14. Bilhete-Postal do “Mercado do Peixe” na Praça 5 de Outubro, em 1930 (por Eduardo Portugal) Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**



Sendo que atualmente o mercado do peixe já não é realizado nesta praça, tendo passado para um edifício próprio, a Praça 5 de Outubro (Figura 15) desenvolve outro tipo de “mercado”, nomeadamente, estabelecimentos e espaços virados para o desenvolvimento juvenil e de artes, com comércio de restauração e convívio, diurno e noturno.

**Figura 15. Atual 2016 Praça 5 de Outubro. Fonte: Autora**

## 10.5 Mata Rainha Dona Leonor e o Parque D. Carlos I

Aires- Barros *et al.* (2005, p. 17) concordam e partilham a opinião de tantos outros que refletem sobre este tema que *“Considera (...) com razão, que a Mata Rainha D. Leonor e o Parque D. Carlos I são duas jóias botânicas.”*, porque efetivamente são dois conjuntos ricos em biodiversidade, nomeadamente, da flora, como apresenta nas descrições do Anexo III.

O espaço da Mata é composto por uma extensa área de coberto vegetal (Figura 16), onde encontramos plátanos, pinheiros e outros. A transformação, em 1933, do Hipódromo no campo de futebol do Sporting Clube das Caldas, o “Campo da Mata”, e a criação de percursos de manutenção permitiu a existência de áreas desportivas, assim como permite o usufruto do espaço para lazer, estabelecer ligação com a natureza e educar no espaço livre, como representa a Figura 17.



**Figura 16. (Esq.) Bilhete-Postal da Mata da Rainha Dona Leonor 1908. Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**



**Figura 17 (Dir.) A Mata Rainha Dona Leonor atualmente. Fonte: (Jardim de Infância do Coto, 2011)**

As primeiras referências sobre os Espaços Verdes Termais estão relacionadas com a “Cerca” de construção nos finais do século XV, composta por um espaço com jardim com funções recreativas e de lazer, horta que fornecia o Hospital e área de Mata. O “Passeio da Copa” construído em 1799, que em 1855 é referenciado por António da Costa Sousa Macedo como um lugar que transmite uma sensação de agrado e de exemplo para o convívio e o lazer, assim como a referência sobre a Mata D. Leonor e a “excelência” da sua paisagem. *“O enquadramento ambiental e paisagístico estabelece o cenário propiciador de um completo repouso físico e mental, complementar aos tratamentos. Esta terapia foi defendida por vários médicos, no século XVIII, que sugeriram a criação de um novo jardim, junto ao Hospital.”* (Aires-Barros et al., 2005, p. 210). A evolução deste espaço foi feita em termos físicos, como também em termos de “identidade” na região e no país. *“As obras de construção do Parque realizaram-se a partir de 1889.”* (Aires-Barros et al., 2005, p. 213).

Nota-se uma exigência, devido ao aumento de número de utilizadores das termas e dos próprios novos habitantes da cidade, no sentido de aumentar a capacidade e desenvolvimento dos espaços exteriores. Em relação ao Parque, aponta-se a necessidade de aumentar a sua área para o triplo, incluindo a implantação de novos edifícios. Segundo Berquó *“um Parque com as necessárias diversões para que os banhistas que concorrem a estas termas encontrem nelas todos os divertimentos das estações balneares, tanto do estrangeiro como entre nós”* (Serra & Cândido, 1993, p. 392; Aires-Barros et al., 2005, p. 212).

Na segunda metade do século XX, as Caldas da Rainha devido ao aumento populacional tiveram forte crescimento urbano, o que por sua vez levou ao agravamento de outros fatores, como a poluição, quer atmosférica quer sonora, o aumento do ritmo de vida, o que condicionou fatores que até então estavam bem estabelecidos nos Espaços Verdes Termais. O propósito inicial destes espaços era apoiar na reabilitação dos doentes utilizadores das termas, e consequentemente de toda a população. Eram assim considerados elementos essenciais, com potencial hidroterapêutico como qualidade do ar, proteção dos aquíferos mineromédicinas e a integração de atividades termais de recreio ativo/passivo e lazer. *“É então que os Espaços Verdes Termais se começam a tornar decisivos para o entretenimento*

*de uma população, que não é mais a local, que diariamente regressa a casa ou é «hospitalizada» após o tratamento, nem uma aristocracia restrita, mas sim também uma população numerosa e descolada, com hábitos de convívio e de vida de relação, obrigada a um estada prolongada fora do seu meio e que aí procura distracção e afirmação social, em local «neutro», tal como a procurava no «Passeio Público», em Lisboa.” (Aires-Barros et al., 2005, p. 224).*

Francisco Eduardo de Andrade Pimentel, administrador do Hospital em 1885, define como prioridade de execução a construção de um *“Parque arbóreo com um grande lago que servirá não só para o divertimento dos banhistas, podendo andar embarcados em pequenas canoas que se alugarão” e “tenciono estabelecer diferentes jogos, tais como lawn ténis, croquet, jogo da bola, tiro à pistola, tiro à setter, passeios velocípedes, ect; estas diversões tornarão sem dúvida – afirma Berquó – esta localidade muito mais aprazível, aumentando necessariamente a concorrência.”* (Serra & Cândido, 1993, p. 392; Aires-Barros et al., 2005, p. 212).

Assim como Berquó, também outros trabalharam sobre o Parque no âmbito de deixar a sua “marca” neste espaço, como o “Plano de Requalificação do Parque” 1927 de Paulino Montez (Figura 18). Em 1948, também o Professor Arquitecto Paisagista do Instituto Superior de Agronomia, Francisco Caldeira Cabral, colaborou com os seus conhecimentos técnico-científicos e propôs uma revisão profunda de todo o conjunto do Parque D. Carlos I (Figura 19), com uma grande preocupação ao nível da vegetação *“O melhoramento das condições vegetativas das árvores existentes, quase todas com mais de 50 anos e algumas com mais de 100 anos (plantadas no antigo do Passeio da Copa desde 1799)”* (Aires-Barros et al., 2005, p. 228).



**Figura 18. (Esq.) Bilhete-Postal do Parque D. Carlos I 1940. Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**

**Figura 19. (Dir.) Atualmente 2016 Parque D. Carlos I. Fonte: Autora**

A 27 de Janeiro de 1929, a intervenção levada a cabo pelo projeto de Paulino Montez, com o Plano de Requalificação do Parque, adaptando-o para um jardim, tem algumas alterações, consistindo estas na construção de uma nova entrada correspondente ao eixo do Largo Conde de Fontalva; o lançamento de uma alameda, aproveitando a que já existe; lançamento de uma álea partindo da nova entrada; lançamento de uma alameda sobre terrenos do antigo Campo de Futebol e construção de dois pavilhões; e construção de jardim com uma pérgola (Aires-Barros et al., 2005).

A partir de 1948, ocorre a reforma paisagista do Parque levada a cabo pelo arquiteto Francisco Caldeira Cabral, no âmbito da qual foram projetadas áreas de relvado envolvendo o lago; substituição de



vegetação, com abertura de clareiras e arruamentos, criação de sebes; implantação do edifício para a Biblioteca Pública; retirada do parque infantil e criação do campo de ténis (Aires-Barros *et al.*, 2005).

Este espaço não é fator de orgulho só da população caldense, mas também dos visitantes, é um espaço do público e para o público, tal como Fernando Catarino (2005, p. 239) refere “*O Parque funcionou sempre e funciona ainda como átrio do espaço urbano das Caldas e nele perduram marcas de vivências, cosmopolitismo, cultura e modernidade de lazeres.*”. E de realçar que neste momento entendemos que o Parque é um espaço urbano, além da valência de suposto “Parque Termal” uma vez que foi esse o propósito e que o foi enquanto funcionamento do Hospital No entanto essa mesma valência atualmente exige características que não estão presentes no parque, o que pode ser alterado se assim se entender.

## 10.6 Turística e Cultural

Desde cedo que a cidade das Caldas da Rainha tem uma identidade turística, englobando várias componentes desde a gastronomia, cerâmica, mercados, entre outros. As Caldas da Rainha começam a ser reconhecidas porque “*A expansão que a cidade conheceu em meados do século XIX, como estação balnear da moda, foi um dos marcos decisivos para a elaboração de um mapa arquitectónico específico que, ainda hoje, é uma das imagens mais originais e, do ponto de vista artístico, mais interessantes, de Caldas da Rainha.*”. (Serra, Tavares & Verdelho da Costa, 1993, p. 311) Junto aos grandes pontos principais, as praças e largos, encontramos ao longo da cidade edifícios de elevada importância, como pensões ou, empresas muito conhecidas, edifícios esses que compreendem uma época muito determinada e fachadas identificativas de estilos e que fazem parte da “Imagem Turística Caldense”.

Na atual Praça 5 de Outubro encontrava-se o primeiro teatro caldense (Figura 20), o “Teatro Pinheiro Chagas”, a primeira versão construída ao longo de quinze anos, durante a última década do século XIX. Estabelecia uma dinâmica própria, na relação com o espaço, pois estava inserido num dos topos da praça, o que potenciava o local a ser utilizado para espetáculos e oferecer um bom espaço e



ambiente para os visitantes. Tem uma remodelação em 1939, quando surge a segunda versão (Figura 21), mas acaba por ser demolido em 1992.

**Figura 20. Bilhete-Postal da 1ª Versão do Teatro Pinheiro Chagas 1935 Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**



**Figura 21. Bilhete-Postal da 2ª Versão do Teatro Pinheiro Chagas 1939 Fonte: Adaptado de (Trancoso, 1999)**



De referir que a identidade cultural da presença do teatro foi “reestabelecida” com a criação de um espaço, contemporâneo na regeneração da praça 5 de Outubro em 2007. Com um carácter mais livre, o espaço aberto e localizado no centro da praça dá oportunidade de fazer concertos, peças de teatro, exposições, entre outros, como apresenta a Figura 22.

**Figura 22. “Anfiteatro” - Espaço central da Praça 5 de Outubro, 2013 Fonte:(Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015)**

É importante referir que a vertente turística também contribuiu para o apoio, a um acontecimento histórico em que a cidade participou como “ponto de abrigo”. Com *“O desenvolvimento urbano das Caldas da Rainha (...) assinalado por uma fenómeno que marca (...) facto de a cidade ter sido, pelo potencial de acolhimento turístico de que dispunha, uma cidade de acolhimento dos refugiados europeus durante a II Guerra Mundial, (...) e refugiados bóeres.”* Esta presença estabeleceu um “movimento” de organização social e funcionamento, como centro de comércio e serviços e expansão de atividades culturais (Fadigas, 2005, p. 256).

Através da interpretação da vertente turística da cidade Margarida Rézio (2008) define *“Ao que parece Caldas da Rainha terá sido protagonista de um grande centro turístico, diversão e capital lúdico, com cenários de nova economia e de liberdade, onde foram concebidas novas formas territoriais em atenção aos visitantes e turistas. Criaram-se parques, feiras, mercados, praças, jardins e exposições.”* e reforça a ideia dizendo que *“O seu carácter de estância termal e de veraneio deu origem, a partir desta época, ao desenvolvimento de produtos locais com forte repercussão no comércio da Vila com destaque para o fabrico de doces regionais, cerâmica e olaria.”* (Rézio, 2008, p. 8, 10).

Atualmente a cidade aposta no desenvolvimento e tratamento de elementos identitários, os produtos das Caldas da Rainha, na sua promoção, divulgação, na própria cidade, de forma a incentivar a visita e permanência, oferecendo várias atividades e espaços.



## 11. Regeneração Urbana na Cidade

Neste trabalho um dos objetivos principais é falar da regeneração urbana, nomeadamente da forma como este processo influenciou a cidade das Caldas da Rainha. Tentando perceber os objetivos e os princípios, chegamos a uma apreciação das intervenções efetuadas. Dos processos de regeneração urbana espera-se que sejam ações organizadas, daí que seguiam uma estrutura completa de trabalho segundo princípios e orientações globais.

Assim sendo, as políticas de regeneração entendem-se pela **revitalização dos centros históricos e da identidade**, a intervenção no parque residencial vazio e/ou degradado, **atenção aos espaços públicos**, etc. Nas intervenções realizadas segundo um programa de regeneração urbana é certamente importante a intervenção física, mas é igualmente importante a intervenção ao nível do reconhecimento social, este contacto mais pessoal e de perceção dos comportamentos e motivações da população. (Portas *et al.*, 2003)

### 11.1 O motivo da intervenção, objetivos e princípios

As intervenções de regeneração urbana fazem parte do “Programa de Acção - Caldas, Comércio e Cidade”, desenvolvido durante 3 anos, com as premissas de desenvolvimento daquilo que entendem por ser o carácter de um Centro Urbano e das parcerias. O trabalho foi desenvolvido sobre 3 eixos (Comércio, Serviços e Edifícios), com a ambição de cumprir os seguintes objetivos.

“**Objectivo 1** Promoção das relações espaciais e melhoria das condições de mobilidade. Deverá ser estabelecido relações espaciais no centro existente entre arruamentos que por si determinem eixos de potencial económico e de serviços assim como de melhoria da acessibilidade dentro do núcleo, nomeadamente com a adaptação das mesmas e pessoas com mobilidade condicionada; **Objectivo 2** Criação e valorização de espaços públicos. Estabelecer intervenções integradas que requalifiquem os espaços públicos existentes adaptando-se às novas exigências funcionais decorrentes das características do núcleo e criar novos espaços que potenciem este centro e permitam um maior usufruto do peão; **Objectivo 3** Reabilitação do parque edificado com valorização de elementos notáveis. Reabilitação de imóveis presentes no edificado que determinem a identidade do Centro Urbano e que o complementem com funções de valorização do conjunto; **Objectivo 4** Criação de âncoras funcionais. Requalificação de áreas nucleares dentro do Centro Urbano que por si só potenciam e criam ligações estruturantes de dinamização dentro e fora núcleo em análise.” (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015).

Como plano de ação foi fundamental traçar um conjunto estratégico de funções e ações, segundo os objetivos apresentados, de modo a promover, potenciar e requalificar o território e o seu crescimento e desenvolvimento. Considerando todos os objetivos, mas em particular, o objetivo 2, este demonstra o quão importante são espaços públicos e o desenvolvimento de trabalhos devem ser feitos sobre estes espaços. A forte aposta destas intervenções na cidade centra-se na regeneração urbana e em potenciar uma estrutura dinâmica e identitária, quer na conservação do seu valor próprio, como o exemplo da Praça da República (Figura 23), quer no marcar de uma imagem única e distinta.

Assim, apresenta um conjunto de “Acções Específicas”, as AE, tais como: “**AE 1** Fomentar a atractividade do Centro Urbano; **AE 2** Recentrar a Cidade das Caldas da Rainha na região; **AE 3** Inovar na qualificação dos espaços de excelência através de envolvimento e da participação dos Caldenses; **AE 4** Promover a coesão e a inclusão sociais, a igualdade de género e de oportunidades; **AE 5** Reforçar a competitividade, o empreendedorismo e a inovação; **AE 6** Fortalecer a identidade cultural e a criatividade; **AE 7** Promover a mobilidade sustentável; **AE 8** Introduzir novas dinâmicas de cooperação e desenvolvimento” (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015).

A grande base deste desenvolvimento de trabalho rege-se segundo princípios como **Integração**, ao nível social, de projetos locais e congregação de recursos da comunidade; **Interdependência**, onde o desenvolvimento de trabalho é em conjunto e as responsabilidades partilhadas e **Participação** que compreende-se que seja um fator de importância da parte da população em todos os momentos. Também a **Inovação** abrindo mentalidades, vontades e atitudes, promovendo o conhecimento, experiência e alternativa, sempre tendo em conta a **Igualdade** no tipo de desenvolvimentos, de diferentes dimensões e resultados.

Entenda-se a necessidade de requalificar os espaços físicos, ao nível das suas funções, como o projeto para a Avenida da Independência Nacional apresentado na (Figura 24), mas também de dinamizar movimentos humanos e económicos, estruturar e fundamentar conceitos. Aproveitar e potenciar a Identidade Caldense, combinando-a com formas inovadoras de apoio, reconhecimento e valorização, exposição e divulgação do Centro Urbano, como o projeto para a Praça 25 de Abril (Figura 25), de toda a cidade e região.

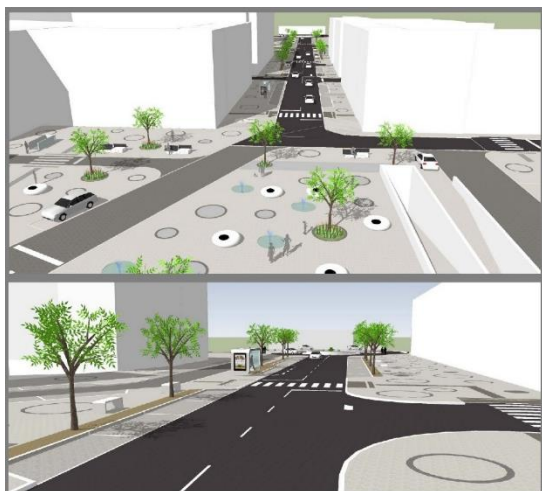
A ambição para o melhor resultado deste processo é ter um espaço sustentável, equilibrado em todos os níveis ecológicos, económicos, estéticos e sociais, com ritmo de desenvolvimento, de cooperação e oportunidade e “espaço” da e para a sociedade (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015).



**Figura 23. Projeto de Regeneração Urbana – Espaço “Praça da República”** Fonte: Adaptado de (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015)



**Figura 24. Projeto de Regeneração Urbana – Espaço “Avenida da Independência Nacional”**  
**Fonte: Adaptado de (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015)**



**Figura 25. Projeto de Regeneração Urbana – Espaço “Avenida 1º de Maio e parte da Praça 25 de Abril”**  
**Fonte: Adaptado de (Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2015)**

## 11.2 O resultado

No presente ano e tendo em conta todo o desenvolvimento desde o início do processo, as obras, o resultado das intervenções já realizadas, no geral, transmitem a percepção de ter tido um impacto bastante positivo na cidade, na população caldense e visitantes. Uma das intervenções do programa de regeneração urbana, apresentada na Figura 24, transformou um espaço naquilo que era dantes. Estabeleceu uma ligação direta com uma característica antiga da identidade da Avenida da Independência Nacional, como Serra& Cândido (1993, p. 387) referia outrora *“A Avenida, arborizada e dotada de bancos de jardim, viu-se rapidamente ladeada (...)”* situação que é perfeitamente renascida na atual Avenida da Independência Nacional.

De notar que para além da intervenção física de cada um dos espaços a “regenerar”, esta ação acontece em conjunto com o tratamento ao nível de intervenções públicas como, eventos, publicidade, novas abordagens de relação espaços públicos/ pessoas.

Efetivamente, em alguns espaços, houve soluções que, tecnicamente por motivos vários não surtiram o resultado pretendido, mas como em tudo, existem pontos a resolver e alterar, melhorando e sobretudo aprendendo com a experiência efetiva.

## 12. Inquérito do caso de estudo

### 12.1 Sobre a importância dos espaços públicos urbanos, nomeadamente os espaços verdes, a relação com a regeneração urbana e a identidade da cidade das Caldas da Rainha

Relacionando fatores importantes referidos no *Project for Public Spaces*, no intrínseco reconhecimento dos atributos necessários e a criação de ligações de conhecimento de pessoas e meios, foi desenvolvido este inquérito. Considerando a população da cidade das Caldas da Rainha, o inquérito foi realizado no seu total a 200 inquiridos. Também, as perceções e fatores importantes a ter em conta, em relação à importância da participação pública, assim como foram referidos nos conceitos dos Métodos e Técnicas para o Desenvolvimento Urbano Sustentável de Nunes da Silva.

A realização dos inquéritos desenvolveu-se de duas formas, a principal realizada através de uma ação mais direta com a população, tendo sido feitos inquéritos em papel, distribuídos por vários pontos fixos, devido a ter uma duração de cerca de 8 a 10 minutos e a exigência de alguma reflexão. Assim foi possível chegar a vários grupos sociais, a grupos etários diferentes, com a intenção de obter um conjunto de respostas o mais abrangente possível. A outra forma complementar, foi a realização do inquérito *online*, com as mesmas perguntas, com o objetivo de alargar a amostra de inquéritos e abranger ainda mais população. Teve um período de duração de um mês e meio, começando no final de Outubro de 2015 e terminando no início de Dezembro de 2015.

O inquérito visa reconhecer, os espaços públicos e qual a relação estabelecida entre a população e a cidade, assim como a avaliação que o inquirido faz de um dos espaços, a importância que dá aos “espaços verdes”, e à participação pública. O tipo de questões pretende representar e complementar as ideias anteriormente referidas, assim como perceber os pontos de situação atuais dos espaços públicos da cidade e da comunidade Caldense. Este inquérito (Anexo IV) propõe-se a reconhecer várias questões fundamentais, e assim sendo, foi estruturado em 4 grupos.

A informação presente no inquérito é anónimo, sendo apenas necessário referir o sexo, a freguesia de residência, a ocupação, a idade e a relação do inquirido com a cidade se é morador ou visitante. Como visitante visto que a cidade é conhecida pela grande afluência de visitantes, tanto por razões médicas “Águas termais”, como pelo comércio, nomeadamente tradicional “Rua das Montras”, “Praça da Fruta”, entre outros. Também porque o município tem apostado bastante no turismo, nomeadamente na parte da educação e na área turística como no compromisso de resposta à procura turística.

Começando a avaliação da importância dos espaços públicos urbanos e reconhecendo as intervenções que foram realizadas de programa de Regeneração Urbana (\*RU), no **Grupo A** para contextualizar questiona-se a frequência com que o inquirido utiliza os espaços públicos (diariamente, semanalmente, mensalmente, raramente e nunca) e a forma como este se desloca até à cidade (a pé, de bicicleta, de carro, de transportes públicos, outro). Em seguida, pede-se uma seleção dos espaços públicos entre (1. Parque D. Carlos I, 2. Mata Dona Leonor, 3. *Skatepark*, 4. Praça da República (Praça da “Fruta”) RU, 5. Rua Almirante Cândido Reis (Rua das “Montras”), 6. Praça 25 de Abril (Câmara / Igreja) RU, 7. Avenida 1º de Maio RU, 8. Praça 5 de Outubro (dos “bares” ou “antiga Praça do Peixe”), 9. Avenida da

Independência Nacional RU, 10. Largo Rainha Dona Leonor e Largo D. Manuel I, 11. outro). Os espaços apresentados são os que se pensa que têm mais afluência e exigem uma atenção permanente e os que também são frequentados e que necessitam de ser trabalhados. Também são questionadas as razões de uso entre o utilizador e os espaços como (trabalho, compras, morador, atividades ao “ar livre”, passear/ lazer, desporto, passagem, atividades culturais, saídas/ convívio, outro).

Em relação com o grupo anterior, o **Grupo B** questiona as razões pelas quais o utilizador usa menos e/ou não frequenta, os outros espaços (falta de segurança, espaços desagradável, ruído, desconforto, falta de equipamentos, falta de atividades de interesse, poluição, falta de vegetação, apresenta obstáculos à mobilidade, proximidade, outro). Pede-se ainda a indicação de quais as atividades, os equipamentos e/ou outros razões que podem ou devem ser alteradas, considerando a referência *“Activities are the basic building blocks of a place. Having something to do gives people a reason to come to a place – and return. When there is nothing to do, a space will be empty and that generally means that something is wrong.”*<sup>17</sup> (PPS, 2015b)

No **Grupo C**, pretende-se que o inquirido escolha e avalie um dos espaços mais frequentados, concordando ou discordando se o mesmo é um “bom espaço”, ou seja, um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, tal como encontramos referido *“Whether a space is comfortable and presents itself well – has a good image – is key to its success. Comfort includes perceptions about safety, cleanliness, and the availability of places to sit – the importance of giving people the choice to sit where they want is generally underestimated.”*<sup>18</sup> (PPS, 2015c), sendo esta uma questão importante para perceber o impacto do espaço para com o utilizador. Também, Pedro Brandão (2002, p. 45) nos diz *“O bom desenho do espaço público resulta da consideração e importância dada a um leque abrangente de preocupações e da solução criativa de potenciais conflitos. Os critérios específicos adiante equacionados, facultam uma percepção mais pormenorizada dos vários níveis de performance que se devem esperar do projecto de espaço público, em função dos sistemas que o integram.”* Pretende-se então que classifique esse mesmo espaço segundo várias categorias (presença de vegetação, iluminação, ruído, segurança, limpeza, manutenção, acessibilidades, pavimento, presença de equipamentos (bancos, caixotes,...), elementos de água, elementos decorativos (azulejos/estatuária)).

Para finalizar o inquérito, o **Grupo D** questiona sobre a importância da presença de vegetação e espaços verdes e da participação pública. Reconhecendo os benefícios da presença de vegetação, tendo em conta os espaços já existentes e como são mantidos, é questionado se deveriam haver mais espaços com presença de vegetação, quais e o porquê. É pedido para indicar palavras ou expressões sobre o espaço público em geral da cidade das Caldas da Rainha, agrupando entre “O que mais gosta”,

---

<sup>17</sup> “Atividades são a os “módulos” de construção de um lugar. Haver algo para as pessoas fazerem, para descolarem-se até ao lugar- e voltar. Quando não existe nada para fazer, o espaço estará vazio e normalmente é indicador que algo está errado.”

<sup>18</sup> “Quando um espaço é confortável e apresenta-se bem – com boa imagem – é a “chave” para o sucesso. Conforto subentende percepções como segurança, limpeza e oportunidade de lugares para sentar – a importância da dar as pessoas a escolha de se sentar onde elas querem é geralmente subentendida.”

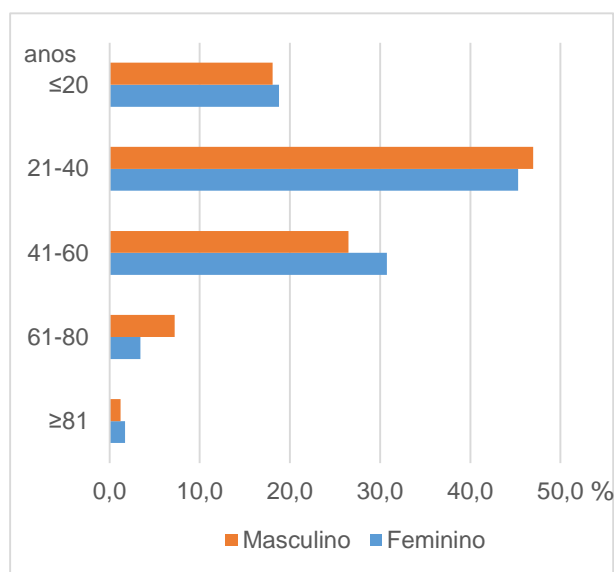
“O que menos gosta” e “O que gostaria de ter”. Considerando a importância da necessidade de intervenções de Regeneração Urbana nos espaços públicos das Caldas da Rainha, questiona-se sobre a importância da opinião pública e fazendo o inquirido parte do público se a sua participação é ativa e porquê. Acerca da participação pública Roe (2007, p. 65) refere *“‘Good’ participation involves the community developing a deeper sense of these abilities and building their potential to use them. A term commonly used in connection with these community attributes is empowerment.”*<sup>19</sup>.

De seguida apresentamos o conjunto de resultados da (Figura 26 a 45) e uma discussão dos mesmos. Esta reflexão serve de base para os momentos seguintes do desenvolvimento da dissertação e por sua vez, representam o uso da participação pública, através dos inquéritos. É ainda elaborado o cruzamento dos dados com os de outro inquérito sobre a mesma temática, no intuito de perceber a evolução de respostas.

---

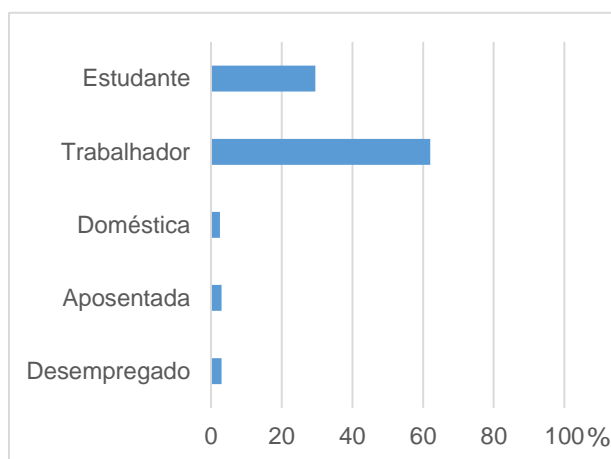
<sup>19</sup> “Uma ‘Boa’ participação inclui a comunidade desenvolvendo um profundo sentido das suas habilidades e construção de potencial. Um termo utilizado para esta ligação com esses atributos da comunidade é capacitação. (Ou seja, dar poder.)”

### 13. Resultados do inquérito, reflexão e cruzamento de dados



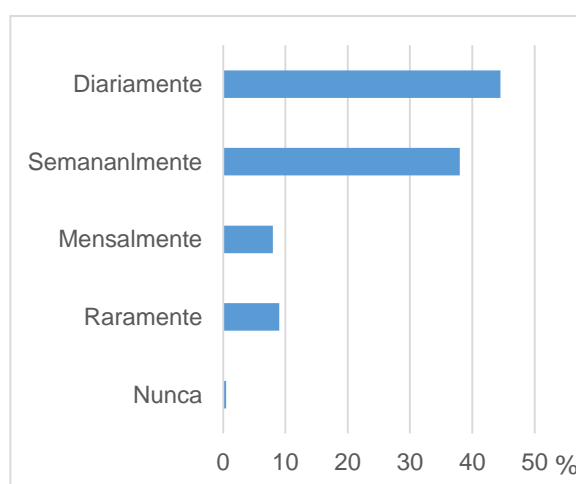
Sobre os resultados adquiridos nos inquéritos, dos 200 inquiridos (58%) são do gênero Feminino e (42%) gênero Masculino, verifica-se uma percentagem maior de respostas do lado feminino, a diferença em número de inquiridos entre gênero é em média de 7/8 pessoas. O maior número de respostas, segundo os intervalos de idades, verifica-se no intervalo 21-40 masculino e 41-60 feminino, em que o gênero feminino tem número de 14 pessoas a mais que o gênero masculino.

**Figura 26. Gráfico de Idades e Gêneros. Fonte: Autora (Excel)**

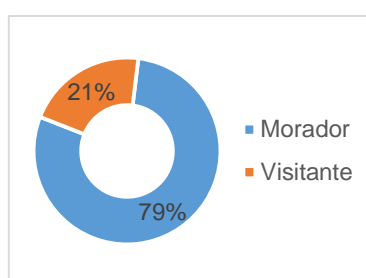


Em relação à ocupação, a grande percentagem de inquiridos foi da classe “Trabalhador” (62%) (considerando técnicos superiores, administrativos, trabalhador por conta própria,...), seguido de “Estudante” (29,5%) e os restantes a considerar “Doméstica, Aposentado e Desempregado” (8,5%).

**Figura 27. Gráfico de Ocupação. Fonte: Autora (Excel)**

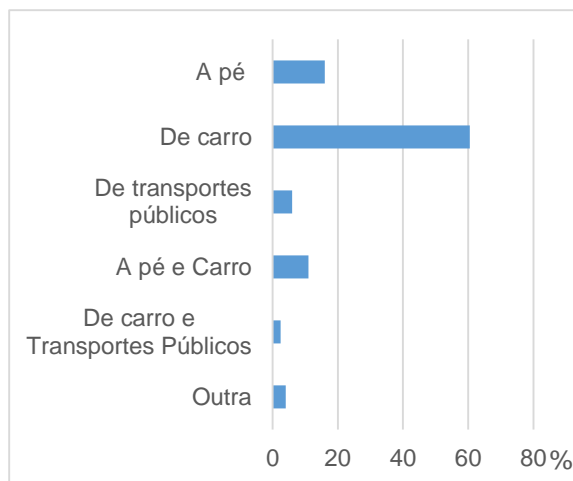


**Figura 29. Gráfico de Frequência de Uso - Com que frequência usa os espaços públicos da cidade das Caldas da Rainha. Fonte: Autora (Excel)**



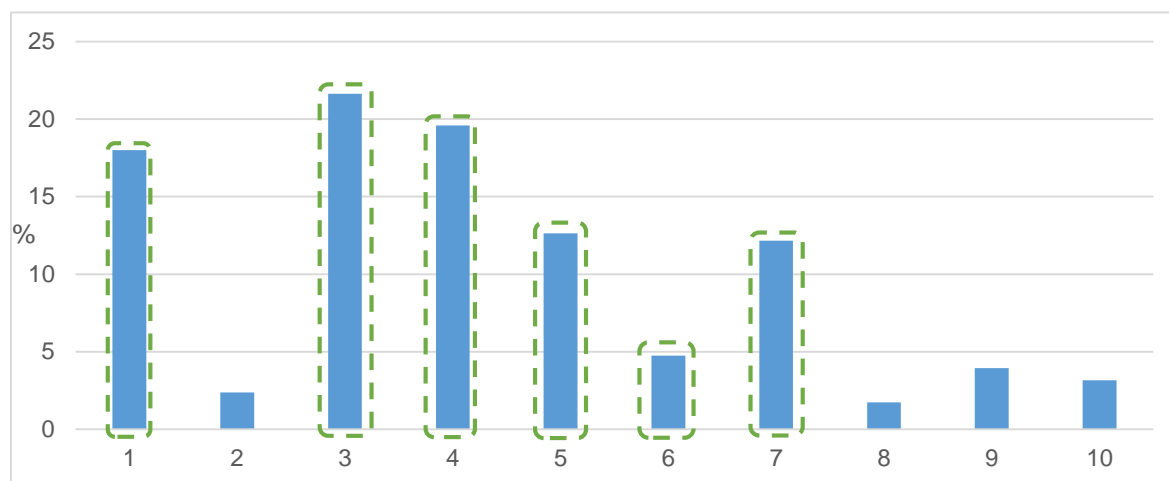
**Figura 28. Gráfico da relação com a cidade Morador ou Visitante. Fonte: Autora (Excel)**

Sobre a frequência de uso, considerando que (79%) dos inquiridos é “Morador”. A frequência de uso verificar-se de “Diariamente” (44,5%) e de “Semanalmente” (38%).



Sobre o meio de deslocação verifica-se a preferência do “Carro” (60,5%), tendo em conta o estacionamento existente, em termo de quantidade e de ser pago ou não. A deslocação pela cidade, uma vez que tem dimensões adequadas e a própria morfologia plana ajuda a que a cidade seja percorrida a pé.

**Figura 30. Gráfico de Meio de transporte - Como se desloca até a cidade. Fonte: Autora (Excel)**



1. Parque D. Carlos I

2. Mata Dona Leonor

3. Praça da República (“Praça da Fruta”)

4. Rua Almirante Cândido Reis (“Rua das Montras”)

5. Praça 25 de Abril (Câmara/ Igreja)

6. Avenida 1º Maio

7. Praça 5 de Outubro (“antiga Praça do Peixe”)

8. Avenida Independência Nacional

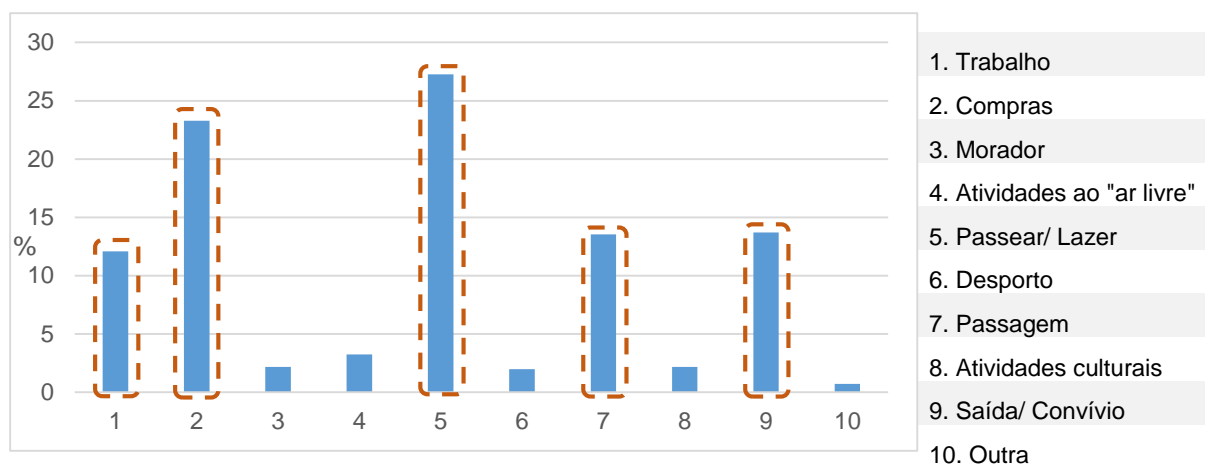
9. Largo. Rainha Dona Leonor e Largo D. Manuel I

10. Outro

**Figura 31. Gráfico dos Espaços públicos das Caldas da Rainha - Quais são os espaços que mais frequenta. Fonte: Autora (Excel)**

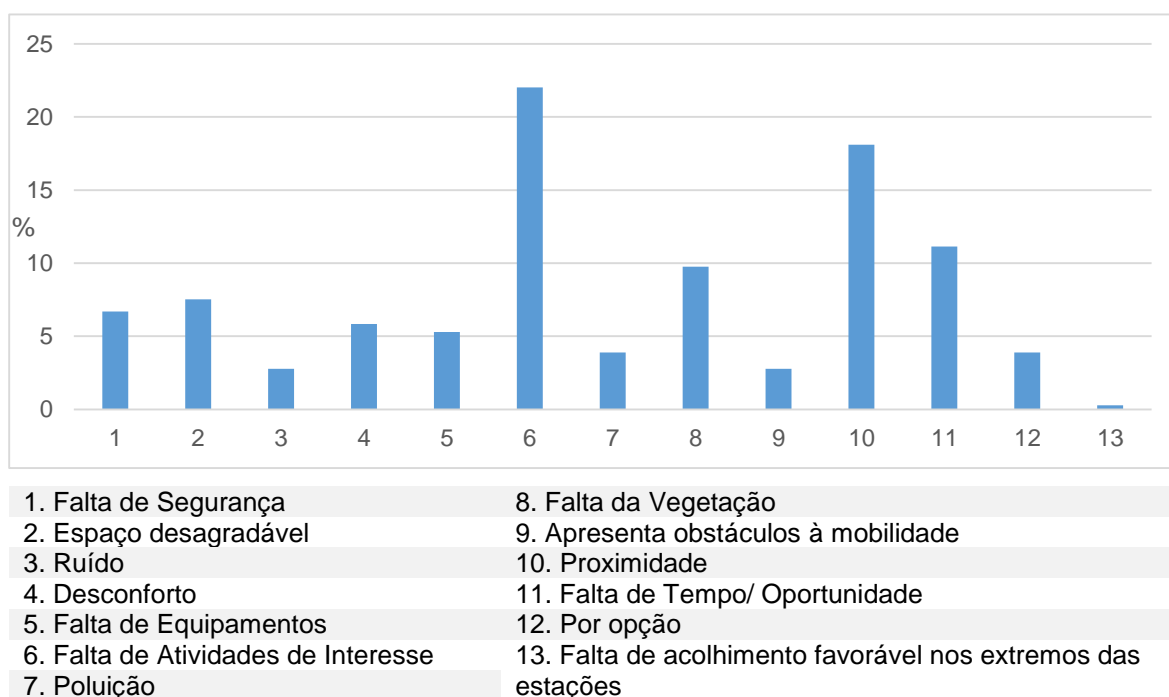
Sobre os espaços que frequentam verifica-se uma preferência de espaços públicos a utilizar, sendo estes por ordem, em destaque a Praça da República ou “Praça da Fruta” (21,6%), a Rua Almirante Cândido dos Reis ou “Rua das Montras” (19,6%) e o Parque D. Carlos I (18%). Também com uma cotação apreciável temos as Praças 25 de Abril (12,6%) e a 5 de Outubro (12,2%), sendo os outros espaços também considerados tendo em conta razões particulares ao sítio.





**Figura 32. Gráfico das Razões para o uso de espaços públicos - Porque é que usa esses espaços selecionados. Fonte: Autora (Excel)**

Considerando as razões pela qual frequenta os espaços públicos as mais vezes assinaladas foram “Passear/ Lazer” (27,3%), “Compras” (23,3%), “Saída/ Convívio” (13,7%), “Passagem” (13,5%) e “Trabalho” (12,1%), considerando que são as principais funções dos espaços públicos mais assinalados.

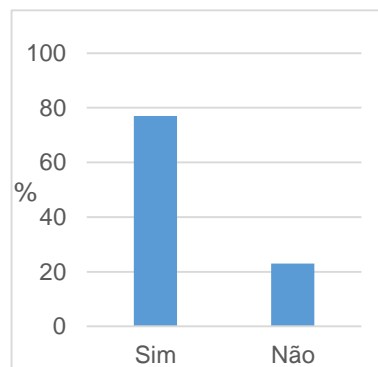


**Figura 33. Gráfico das Razões para o não uso de espaços públicos - Porque é que não usa os outros espaços para além dos selecionados. Fonte: Autora (Excel)**

As razões pela qual não frequenta, maioritariamente assinaladas são por “Falta de Atividades de Interesse” (22%) e “Proximidade” (18,1%). Na sequência desta pergunta surge um pergunta de resposta livre em que se pede a indicação de quais as atividades e/ou equipamentos que o inquirido gostaria que existissem. As respostas dos Interesses são Teatro, Música, Concertos, Arte, Moda, Dança; Animação de rua; Feiras, Exposições e Conferências; Programas/Eventos Culturais; Projetos

desenvolvidos pelas Escolas; Ginástica ao “ar livre”; Dinamizar os espaços verdes; Atividades noturnas com segurança; Programas turísticos. Sendo as justificações atraia população visitante, disponibilidade para a população local, abranger todas as idades, dinamizar os espaços físicos, mais e melhor divulgação. As respostas dos Equipamentos são Espaços de Convívio; Equipamentos Fitness; Casino; Espaços Verdes; Estacionamento; Parque Infantis; Circuitos Desportivos em Espaços Verdes e ao longo da cidade; Ciclovia e Posto de turismo. Sendo a justificação de transmitir dinâmica visual e apoio a atletas, atividades e instituições desportivas locais.

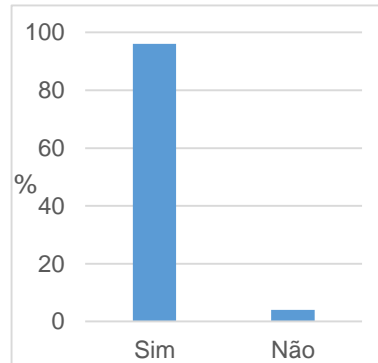
Nomeadamente sobre os espaços verdes, é ainda inquirido se acha que existe a necessidade de haver mais espaços verdes, verificando-se uma percentagem preferencial da resposta “Sim” (77%), mas com um fator de curiosidade que é completado com a pergunta livre posterior de “Porquê”. Segundo que se verifica uma tendência para a reflexão de que os espaços verdes existentes devem é ser mais bem tratados, arrançados e mantidos. A cidade ganha mais vida, torna-se mais atrativa, saudável e agradável. Transmite beleza e ajuda no conforto. Quebra a monotonia do “betão, frio, duro” e edificado.



**Figura 34. Gráfico da Necessidade de Mais Espaços Verdes - Acha que deveria de haver mais espaços com presença de vegetação ao longo da cidade das Caldas da Rainha. Fonte: Autora (Excel)**

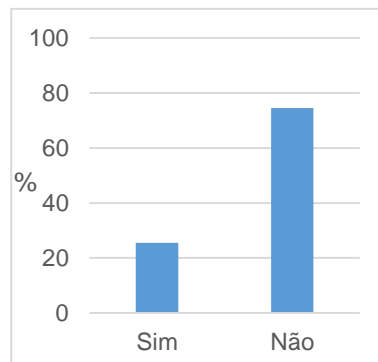
Considerando a importância da participação pública, a resposta é praticamente unânime (96%), porque efetivamente é importante e é um dever cívico.

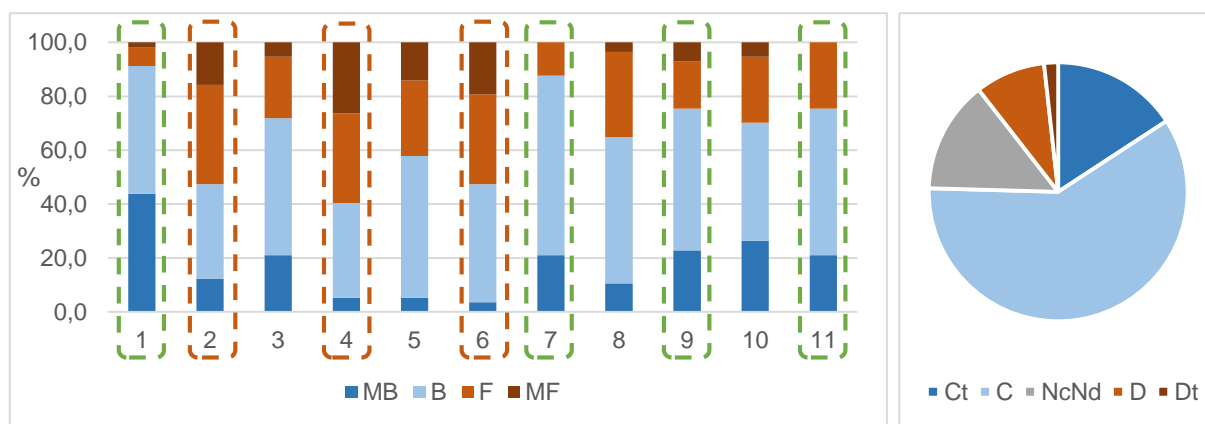
**Figura 35. Gráfico da Importância da Participação/ Opinião Pública - Acha importante a opinião pública antes da execução de intervenções. Fonte: Autora (Excel)**



A mesma resposta não se verifica, resposta “Não” (74,5%), quanto à pergunta sobre se o inquirido participa ativamente, esta pergunta é igualmente suportada pela pergunta porquê. As justificações positivas são que o público é que frequenta os espaços, pode dar ideias uteis; É um dever e uma responsabilidade; As decisões são tanto mais fundamentadas nas necessidades reais; “Para co-responsabilizar as pessoas pelo zelo dos espaços públicos.”; Intenção de melhorar a cidade. No entanto as negativas são Falta de conhecimento/Informação, Tempo/Disponibilidade; Desinteresse; “As decisões são tomadas independentemente das opiniões sejam elas favoráveis ou não.”.

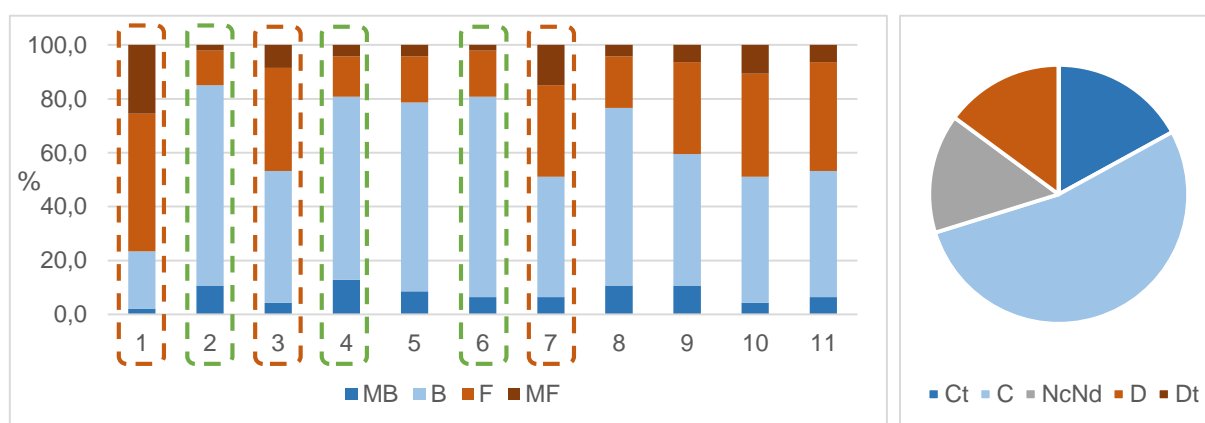
**Figura 36. Gráfico da Participação com a opinião pública ativa - Como parte do público tem uma participação ativa sobre as intervenções. Fonte: Autora (Excel)**





**Figura 37. Gráfico da Avaliação do “Parque D. Carlos I” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? Fonte: Autora (Excel)**

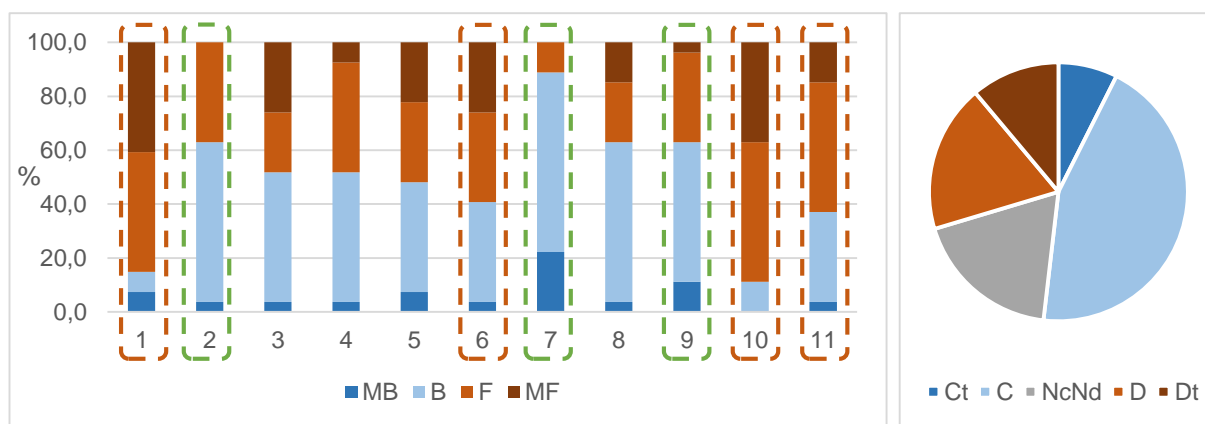
Sobre a avaliação do espaço “Parque D. Carlos I”, verifica-se uma opinião positiva a muito positiva nas classes “Presença de vegetação (91%), Acessibilidades (88%), Presença de Equipamentos (75%), e Elementos Decorativos” (75%). As classes que apresentam classificações mais negativas são “Iluminação (53%), Segurança (60%) e Manutenção” (53%). Considerando o espaço, 75% dos inquiridos que fizeram a sua avaliação do espaço sobre o parque consideram-no um bom espaço.



**Figura 38. Gráfico da Avaliação do “Praça da República (“Praça da Fruta”)” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? Fonte: Autora (Excel)**

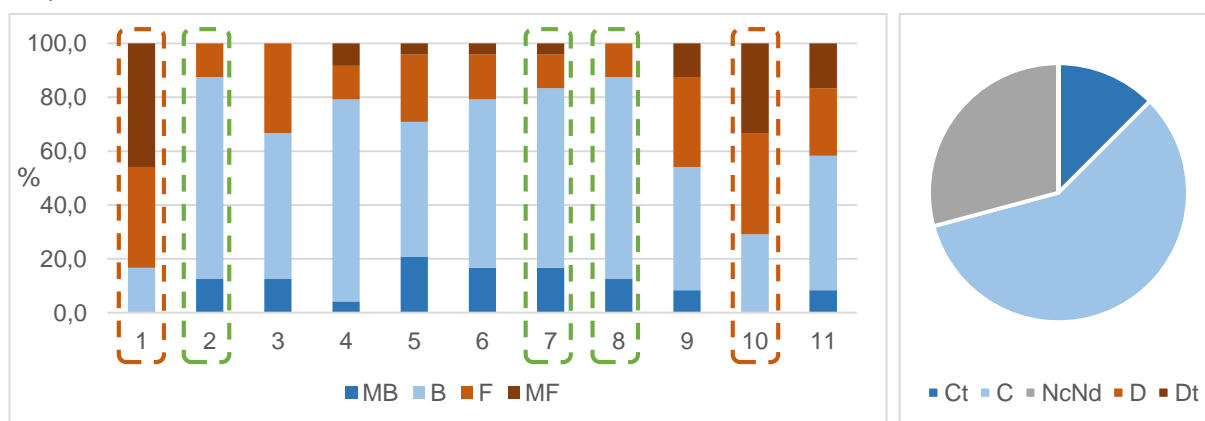
Sobre a avaliação do espaço “Praça da República”, verifica-se uma opinião positiva a muito positiva nas classes “Iluminação (85%), Segurança (81%) e Manutenção (81%)”. As classes que apresentam classificações mais negativas são “Presença de Vegetação (77%), Acessibilidade (49%) e Ruído (47%)”. Considerando o espaço, 70% dos inquiridos que fizeram a sua avaliação do espaço sobre a praça consideram-na um bom espaço.

1 Presença de Vegetação	5 Limpeza	9 Presença de Equipamentos (Bancos, caixotes, etc)		
2 Iluminação	6 Manutenção	10 Elementos de Água		
3 Ruído	7 Acessibilidades	11 Elementos Decorativos (Azulejos, Estatuaría, etc)		
4 Segurança	8 Pavimento			
MB Muito Bom	B Bom	F Fraco	MF Muito Fraco	
Ct Concordo totalmente	C Concordo	NcNd Não concordo nem discordo	D Discordo	Dt Discordo totalmente



**Figura 39. Gráfico da Avaliação do “Praça 5 de Outubro” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? Fonte: Autora (Excel)**

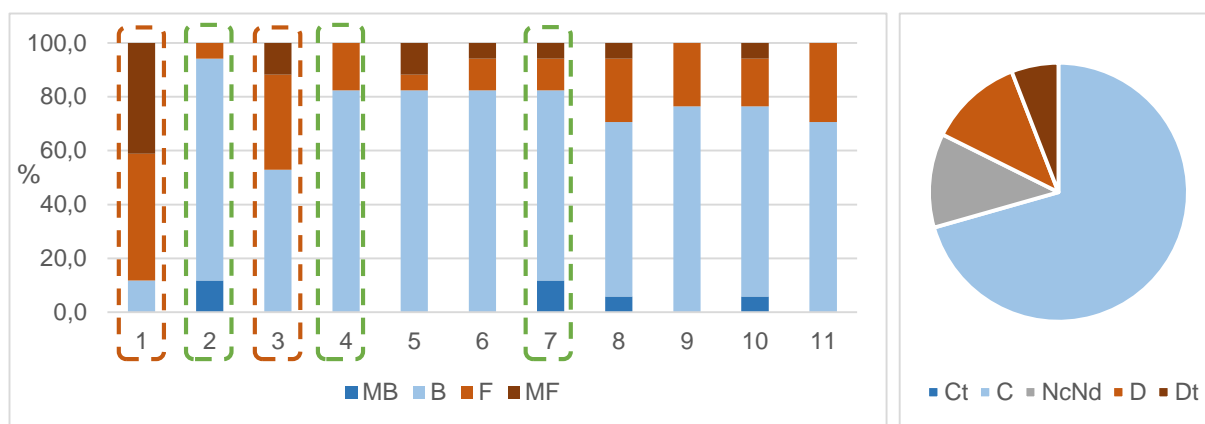
Sobre a avaliação do espaço “Praça 5 de Outubro”, verifica-se uma opinião positiva a muito positiva nas classes “Acessibilidades (89%), Iluminação (63%) e Presença de Equipamentos (63%)”. As classes que apresentam classificações mais negativas são “Elementos de Água (89%), Presença de Vegetação (85%), Elementos Decorativos (63%) e Manutenção (59%)”. Considerando o espaço, 51% dos inquiridos que fizeram a sua avaliação do espaço sobre a praça consideram-na um bom espaço, enquanto 30% discorda.



**Figura 40. Gráfico da Avaliação do “Rua Almirante Cândido Reis (“Rua das Montras”)” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? Fonte: Autora (Excel)**

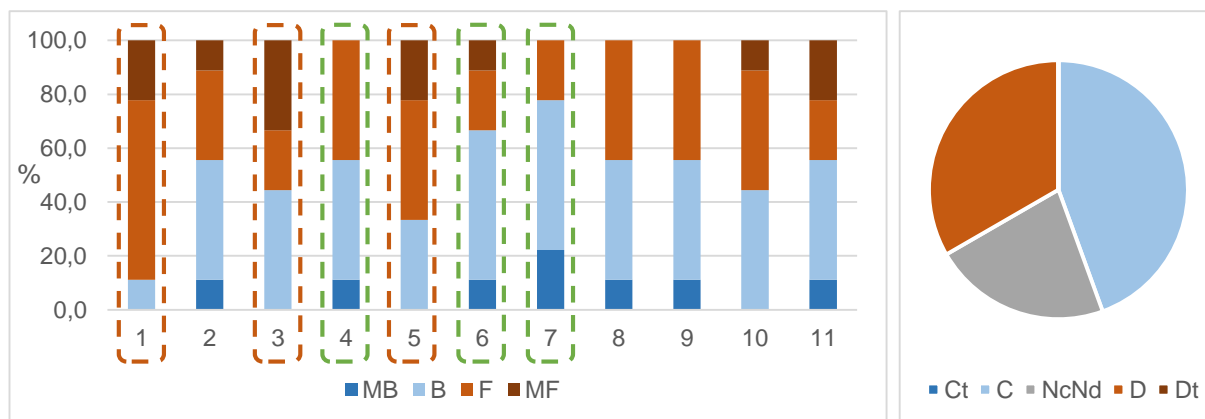
Sobre a avaliação do espaço “Rua Almirante Cândido Reis”, verifica-se uma opinião positiva a muito positiva nas classes “Iluminação (87%), Pavimentos (87%) e Acessibilidades (83%)”. As classes que apresentam classificações mais negativas são “Presença de Vegetação (83%) e Elementos de Água (71%)”. Considerando o espaço, 71% dos inquiridos que fizeram a sua avaliação do espaço sobre a rua consideram-na um bom espaço.

1 Presença de Vegetação	5 Limpeza	9 Presença de Equipamentos (Bancos, caixotes, etc)
2 Iluminação	6 Manutenção	10 Elementos de Água
3 Ruído	7 Acessibilidades	11 Elementos Decorativos (Azulejos, Estatuária, etc)
4 Segurança	8 Pavimento	
MB Muito Bom	B Bom	F Fraco
Ct Concordo totalmente	C Concordo	NcNd Não concordo nem discordo
		D Discordo
		Dt Discordo totalmente



**Figura 41. Gráfico da Avaliação do “Praça 25 de Abril” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? Fonte: Autora (Excel)**

Sobre a avaliação do espaço “Praça 25 de Abril”, verifica-se uma opinião positiva a muito positiva nas classes “Iluminação (94%), Segurança e Acessibilidades (82%)”. As classes que apresentam classificações mais negativas são “Presença de Vegetação (88%) e Ruído (47%)”. Considerando o espaço, 70% dos inquiridos que fizeram a sua avaliação do espaço sobre a praça consideram-na um bom espaço, sendo que 18% discorda.



**Figura 42. Gráfico da Avaliação do “Avenida 1º de Maio” e Considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço? Fonte: Autora (Excel)**

Sobre a avaliação do espaço “Avenida 1º de Maio”, verifica-se uma opinião positiva a muito positiva nas classes “Manutenção (67%), Acessibilidades (78%) e Segurança (56%)”. As classes que apresentam classificações mais negativas são “Presença de Vegetação (89%), Limpeza (67%) e Ruído (56%)”. Considerando o espaço, existe uma diferença praticamente igual entre os inquiridos que concordam 33% e discordam 45% que na sua avaliação do espaço sobre a avenida consideram-na um bom espaço.

1 Presença de Vegetação	5 Limpeza	9 Presença de Equipamentos (Bancos, caixotes, etc)		
2 Iluminação	6 Manutenção	10 Elementos de Água		
3 Ruído	7 Acessibilidades	11 Elementos Decorativos (Azulejos, Estatuaria, etc)		
4 Segurança	8 Pavimento			
MB Muito Bom	B Bom	F Fraco	MF Muito Fraco	
Ct Concordo totalmente	C Concordo	NcNd Não concordo nem discordo	D Discordo	Dt Discordo totalmente

Sobre todo o espaço público das Caldas da Rainha, a frequência de respostas às seguintes perguntas está representada, através dos conjuntos dinâmicos realizados no site *Wordle*, são os seguintes:



**Figura 43. Gráfico Dinâmico da pergunta “O que mais gosta?”**  
**Fonte: Autora (Wordle)**



**Figura 44. Gráfico Dinâmico da pergunta “O que menos gosta?”**  
**Fonte: Autora (Wordle)**



**Figura 45. Gráfico Dinâmico da pergunta “O que gostaria de ter?”**  
**Fonte: Autora (Wordle)**

### **13.1 Reflexão sobre os resultados**

Temos como resultados do inquérito que a população jovem (estudantes) e adultos (trabalhadores) tiveram uma participação representativa no inquérito, considerando que a maioria são residentes nas Caldas da Rainha. O critério para a seleção das avaliações dos seis espaços foram a preferência pela população, como já era esperado, foram o Parque D. Carlos I, a Praça da República ou Praça da Fruta, a Rua Almirante Cândido dos Reis ou “Rua das Montras”, a Praça 25 de Abril e a Praça 5 de Outubro e, ainda considerou-se a Avenida 1º de Maio. Sendo que também, as razões mais selecionadas estão diretamente relacionadas com as funções principais dos espaços apresentados, assim como passear/lazer associado ao parque, compras com a rua das “Montras” e a praça da “Fruta”, passagem e convívio com a praça 5 de Outubro e trabalho com a praça 25 de Abril. A falta de atividades de interesse e a proximidade foram as razões mais assinaladas pela qual os inquiridos não frequentam os outros espaços, provavelmente foram indicadas porque se relacionam entre si e porque a própria sociedade ainda está a adaptar-se a outros modos de estar, nomeadamente, a participar em atividades desenvolvidas em espaço público. Destas reflexões e das classificações dos espaços mais selecionados, onde destacam-se as classes positivas da iluminação, segurança e acessibilidades e as classes negativas da presença de vegetação e ruído, segue-se para uma análise mais aprofundada desses mesmos seis espaços públicos, no capítulo 17.

Constatando que a presença de vegetação, é uma das classes mais negativas nas avaliações e, percebendo que os inquiridos indicam a necessidade de espaços verdes na cidade e porquê, esses dados foram usados como suporte para o momento de reflexão, avaliação e programação de áreas de espaço públicos, com carácter verde (capítulo 18). Este mesmo inquérito reflete ainda a importância da participação pública que foi praticamente referida como importante. No entanto, sobre a participação pública efetiva já se demonstrou negativa, sendo as justificações falta de conhecimento, falta de disponibilidade e desinteresse, este é provavelmente o resultado do descontentamento geral da população.

### **13.2 Análise do inquérito de 2012 para cruzamento de conclusões**

Após a análise dos resultados do inquérito da dissertação, existe um momento de cruzamento desses dados com os resultados, de um outro inquérito semelhante. Este segundo inquérito referido foi realizado pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha, denominada por “Caracterização dos Espaços Públicos”, em Abril de 2012, desenvolvido por Berenike Lemper (2012), no âmbito da estratégia de Reabilitação Urbana do Centro Urbano das Caldas da Rainha. Muito importante realçar, e daí ser interessante este cruzamento, que o inquérito 2012 foram objeto de estudo e elemento de apoio nas tomadas de decisão, antes do início das intervenções, as de regeneração e reabilitação urbana na cidade. É importante estabelecer este paralelo de informação entre os inquéritos (2012 e 2015), visto que um dos objetivos em comum é averiguar os hábitos da população caldense em relação aos espaços públicos, como praças, largos e jardins, e a opinião em relação ao espaço público em geral.

Num breve resumo sobre os Resultados, Opiniões, Análise e Conclusões que são obtidas com o inquérito 2012, os resultados demonstram uma percentagem equilibrada entre feminino e, concentrando as faixas etárias que mais responderam desde os 21 aos 50, sendo a média da diferença

entre géneros de 7/8 pessoas. Sobre a ocupação o trabalhador ativo e estudante foram as que mais participaram. Os espaços mais frequentados são Parque D. Carlos I, Praça da República, e Praça 5 de Outubro, sendo as razões principais de uso Passear, Desporto, Compras. Sobre os espaços verdes, os inquiridos apresentam uma percentagem de cerca de 30% referindo que “está bem assim” e de mais de 50% de que existe a necessidade de parques e jardins. **Constata-se uma semelhança nos resultados de ambos os inquéritos.** Resultado que é reforçado com as classificações acerca do grau de satisfação sobre o espaço público, apresentado como “satisfatório” a (segurança diurna, iluminação, mobilidade e equipamentos), como “equilibrado” a limpeza, como “insatisfeito” a (segurança noturna, vegetação existente e pavimento) e como “muito insatisfeito” o estacionamento. Sobre a participação pública afirmam a importância, a mesma é condicionada com as justificações como “Boa contribuição, Se tiver conhecimento, Se tiver tempo, Se nos ouvissem, Não vale a pena”.

Nas respostas livres apresenta as opiniões de que o “planeamento foi tudo mal feito desde o início” e “a cidade não explora todo o seu potencial”. Uma referência em particular é a preocupação com a faixa etária mais avançada, referindo o desenvolvimento de atividades de relacionadas com costumes antigos e aulas de ginástica no parque. Referem a notável presença das artes, nomeadamente da parte dos alunos da ESAD, deveria ser desenvolvida e estabilizada maior atividade artística e um espaço conceitualizado “Cultura+ Jovens+ Natureza”. **Constata-se uma semelhança nos resultados de ambos os inquéritos.** No sentido de dinamizar a cidade, alguns inquiridos referem que “será imprescindível atrair pessoas de fora à cidade”, sendo o comércio e os eventos culturais fortes razões, também referem que o “estacionamento caótico ou a falta do mesmo” é a principal razão pela pouca procura da cidade e também apontam que estacionamento existe, como é pago não é tão utilizado.

Sobre os espaços verdes a dúbia resposta refere que a vegetação está bem, no entanto o espaço (Parque D. Carlos I) está mal aproveitado, apontam que deviam haver mais espaços no entanto primeiro devem ser tratados os já existentes. Assim como haver mais civismo e tornar a cidade mais “limpa”. Analisando a população inquirida é utilizadora ativa do espaço público, usando para contacto com a Natureza através do Parque e Mata, para serviços e compras na Praça da Fruta e convívio na Praça 5 de Outubro. **De encontro com as ideias do programa** é da opinião de 61% dos inquiridos que deveria ser criado um “novo” espaço verde, como um parque urbano e as suas características principais. Em termos de satisfação é positiva nos casos da mobilidade e segurança diurna, neutra sobre a iluminação e equipamentos e negativa sobre a limpeza, segurança noturna, vegetação existente, estacionamento e pavimentos. Sobre a participação pública é recetiva, condicionada pela divulgação e pelo tempo a disponibilizar.

Como conclusão os inquiridos apresentam a falta de mais espaços verdes como parques e jardins, em termos de qualidade e quantidade, no investimento na limpeza da cidade, na melhoria dos pavimentos dos espaços públicos e no desenvolvimento do estacionamento. Sugerem até a localização de um novo espaço verde, parque e/ou jardim, perto das Piscinas Municipais e o Cencal e/ou junto à Avenida 1º de Maio.(Lemper, 2012)



## 14. Área do caso de estudo – Os Espaços Públicos das Caldas da Rainha

### 14.1 Os espaços públicos da cidade

Nesta fase do desenvolvimento pretende-se falar de alguns dos espaços públicos que existem na cidade das Caldas da Rainha. Num primeiro momento fazer o estudo do espaço público em geral e em seguida de cada um dos espaços e explicar o porquê da sua existência, a sua função, a sua importância, e após combinar esse conjunto de características com os resultados dos inquéritos, fazer uma análise e uma reflexão sobre os seus pontos fortes e fracos, do ponto de vista paisagístico.

Falando dos espaços públicos e a título de curiosidade, partindo das suas designações (Quadro IV), encontramos um conjunto de “nomes” das ruas, praças e largos que foram mudando ao longo dos anos e referentes a momentos, personalidades ou ligações próprias.

**Quadro IV - Designações dos espaços da cidade, Antiga e atual. Fonte: Adaptado de (Aires-Barros *et al.*, 2005)**

DESIGNAÇÃO ANTIGA	DESIGNAÇÃO ACTUAL
Praça, Praça Velha	Largo da Rainha D. Leonor, «Largo da Copa»
Rossio do Espírito Santo, Rossio das Vacas	Largo João de Deus
Rua Nova	Rua Rafael Bordalo Pinheiro
Volta dos Sinos	Rua Rodrigo Berquó
Rua do Hospital, R. do Hospício, R. da Casa Real	Rua Provedor Jorge de S. Paulo
Rossio, <u>Praça Maria Pia</u> , Praça Nova	Praça da República, «Praça da Fruta»
Rua Direita	Rua da Liberdade
Rua dos Fornos	Rua do Parque
Rua da Oliveira, do Olival de Baixo, R. de Baixo	Rua de Camões
Rua do Cabo da Vila	R. José Malhoa, Lg. Heróis da Naulila, R. Capitão Filipe de Sousa, <u>Rua Heróis da Grande Guerra</u>
Rua do Jogo da Bola	Rua Almirante Cândido dos Reis, «Rua das Montras»
Rua da Calçada da Rainha	Rua Diário de Notícias, «Rua do Chafariz das Cinco Bicas»
Rossio Pequeno, Terreiro das Gralhas, Terreirinho	Largo Dr. José Barbosa
Cruz Nova	Largo do Conselheiro José Filipe
Rua do Olival de Cima	Rua General Queirós
Água quente	Largo Conde Fontalva, «Largo da Rainha»
<u>Praça Nova, antiga «Praça do Peixe»</u>	<u>Praça 5 de Outubro</u>
	<u>Que não estavam no quadro original e juntei</u>

De fazer notar que a Câmara Municipal das Caldas da Rainha tem desenvolvido, desde cedo, e ao longo do tempo e com diferentes momentos, trabalho no espaço público, com o intuito de criar e melhorar a qualidade do mesmo. *“Uma das áreas em que a Câmara tem uma intervenção frequente é a das obras e dos melhoramentos urbanos, mandando executar obras em ruas, calçadas, prédios, aqueiros, fontes, chafarizes, etc. Igualmente se nota um poder de intervenção da Câmara na periferia urbana, determinando melhorias nas estradas e caminhos de acesso à vila.”* (Rodrigues et al., 1993, p. 122).

O planeamento urbano que é efetuado ao longo da cidade estabelece uma estrutura de pontos (praça, largos,...), linhas (ruas, avenidas,...) e espaços (parque, mata,...) que vão cosendo uma malha funcional dos movimentos urbanos. Rodrigues et al. (1993, p. 113) refere que *“À época de construção do edifício camarário, o Rossio constituía já o local mais activo da vida local. É curioso constatar como, a despeito do papel central que o Hospital continuava a desempenhar no tecido urbano caldense, se verifica, a partir de meados do século XVIII, um notável desenvolvimento das principais artérias que dão acesso ao Rossio, sobretudo as Ruas do Jogo da Bola e do Cabo da Vila e a Calçada da Rainha.”*. Constatando assim que a cidade se desenvolveu e evoluiu de forma estruturada.

## 15. Desenvolvimento do arquiteto Paulino Montez

Paulino Montez foi um arquiteto português que desenvolveu vários trabalhos ao longo do século XX, a maioria relacionados com estudos de urbanismo, sendo que realizou um “Estudo de Urbanização” sobre as Caldas da Rainha em 1928, onde desenvolveu linhas orientadoras de intervenções na cidade, com a sua base de conhecimento e participou na direção da expansão urbanística da cidade. Este estudo, do qual resultou um plano, tal como podemos ver na Figura 65 a 68 do Anexo V, que representam as várias *layers* do plano este que, tal como Serra & Cândido (1993, p. 442) referem *“Um plano aponta objectivos e este escolheu os seguintes: regularizar alinhamentos existentes, agrupar a construção futura, descongestionar a circulação, proceder a embelezamentos em edifícios públicos e no Parque. É deste Estudo a indicação da zona conhecida por “Cerca do Borlão” como o futuro “bairro comercial e administrativo” da cidade. Nesse novo coração urbanístico, em substituição do velho coração formado pela Praça da República, previa-se a edificação de um mercado fechado e de um Palácio Municipal. Este último serviria de “fundo perspectivo da Avenida da Estação do Caminho de Ferro”.*”

*“O crescimento da cidade ocorre sem que a qualificação dos espaços públicos e habitacionais, o aumento da oferta de equipamentos diversificados de cultura e lazer, o papel da cidade como centro de trocas, de inovação, de investigação e de ensino constituam questões prévias à organização urbanística.”* (Fadigas 2005, p. 256). Sendo necessária a importância do planeamento levado a cabo pelo Arquiteto Paulino Montez em meados do século XX, com o Plano de Urbanização de Expansão e Embelezamento de Centro Urbano. É também possível verificar através de Planos e das respetivas legendas, o Plano de edifícios e áreas (Figuras 65 e 66 e Quadros XV e XVI no Anexo V) e o Plano de traçado (Figuras 67 e 68 e Quadro XVII no Anexo V) assim como é possível perceber o desenvolvimento do plano de urbanização da cidade. O plano permite ter a noção visual do impacto da intervenção pensada pelo arquiteto e também da estrutura e preocupação em antecipar áreas de desenvolvimento, salvaguardar áreas de carácter “verde”, considerando princípios que nem sempre foram respeitados atualmente, como também sobre condições de higiene, segurança e conforto.

Um dos desenvolvimentos sobre o qual o arquiteto teve de se debruçar foi o fato de a evolução da cidade ficar em parte condicionada pela presença do caminho-de-ferro, que divide a malha urbana em duas partes, e que visto que é um serviço muito necessário e uma mais-valia para a cidade, este sistema teve de se relacionar e articular com o resto da cidade. Regista-se um período, que tem início a meados do século XX, de grande expansão urbana em que *“Sem planeamento urbanístico que o tenha orientado, o desenvolvimento urbano fez-se em funções de equilíbrios possíveis, nem sempre eficientes, de que resultaram expansões fragmentadas onde a importância dos valores ambientais e o valor urbano dos espaços públicos não representam papel significativo e a paisagem urbana se constrói com debilidade arquitetónica.”* (Fadigas 2005, p. 257), por esta razão, foi importantíssimo o desenvolvimento do plano de Paulino Montez.

## 16. Comparação com o caso de espaços públicos de Barcelona

Quando se fala de Barcelona é possível estabelecer ligação entre o seu conjunto de espaços públicos e a seguinte citação: *“A esfera pública é o teatro de uma cultura urbana. É onde os cidadãos desempenham seus papéis, é o elemento que pode agregar uma sociedade urbana.”* (Rogers & Gumuchdjian, 2001, p. 16)

Barcelona constitui uma referência internacional, neste trabalho porque a maneira de desenvolver os seus espaços públicos, foi de tal forma bem-sucedida, que se pode considerar um modelo. Esta cidade já sofreu diversas intervenções ao nível do planeamento urbano, considerando intervenções em pequena escala, ou seja, em espaços públicos como jardins, praças, parques. Note-se que a regeneração urbana é bastante importante nestes pontos, de modo a estabelecer coesão e base entre pontos. *“Un doble objetivo se persigue en todos esos acontecimientos: renovación de la imagen de la ciudad y utilización de los mimos como catalisadores de determinadas operaciones urbanas.”*<sup>20</sup> (Monclús, 2003, p. 7).

Após a transição para a democracia, Barcelona estabeleceu prioridades como a cultura e, o desenvolvimento urbano, impulsionando um crescimento económico e social, bem como a projeção do elemento cultural como essencial através do Plano Estratégico de Cultura (Maio de 1999). Este plano que estabelece o contacto direto com a cultura indicia a ligação com a identidade da cidade (Aparicio Puentes, 2011).

Marie El Haddad (2012) fala-nos de intervenções em pequena escala, nomeadamente de regeneração urbana de espaços públicos, que fazem parte do Modelo de Barcelona, de que fazem parte objetivos como desenho urbano, identidade, cultura, turismo, entre outros que vão proporcionar espaços públicos de relação, com qualidade e funcionalidade. Apesar de muito criticado sobre a globalização dos mercados, a grande oferta turística, o Modelo de Barcelona que foi um sucesso devido aos espaços públicos, pela qualidade, expansão e uniformização da cidade. Tornando-se num exemplo de referência de processos de regeneração urbana de espaços públicos que trabalham para alcançar objetivos benéficos para a cidade, e que, por vezes, falham, mas que assim conferem nova oportunidade de aprender e fazer melhores projetos. É também de referir que foram ações que tiveram em conta a participação pública na criação de projetos únicos e identitários, dando ao público o sentido de co- responsabilidade de ter e manter os espaços de que usufruem.

Foi com a presenta dos Jogos Olímpicos de 92, nas últimas décadas do século XX, que foi estabelecida uma marca no desenvolvimento urbano em Barcelona, tendo-se elaborado processos de urbanização, requalificação e, regeneração urbana como resposta às necessidades de equipamentos e infraestrutura necessárias para este tipo de evento, mas também na unificação de toda a cidade. Esta intenção de intervenção e conceção de projeto prende-se com a necessidade de dar resposta à crescente carência da parte de espaços públicos de qualidade e eventos culturais. Atendendo à necessidade de

---

<sup>20</sup> “Um duplo objetivo é precedido em todos esses acontecimentos: a renovação da imagem da cidade e a utilização desses mesmos (acontecimentos) como determinadores de operações urbanas.”

recuperação de valores da cidade e a reforma da comunidade, foi estabelecido um processo de criação de uma nova imagem através de estudos de projetos de espaços públicos. A segunda via de circulação de Barcelona, completada para os Jogos Olímpicos de 1992, A “*Ronda de Dalt*”, foi concebida para um máximo de capacidade não só em relação à quantidade de veículos mas também da distribuição da rede de transporte local e regional. Esta via permitiu o reconhecimento de novos programas e espaços abertos, e também permitiu a criação de novas áreas e parques que estabeleceram um sistema de relação com a habitação já existente e isolada do espaço público. Consequentemente, a meio do troço desta via encontra-se uma área muito abrangente, de 26 ha, que estava considerada inabitável até o Arq. Eduard Bru lhe dar nova dinâmica, desenvolvendo o “*Vall d’Hebron Park*”. Considerando que este parque se situa na melhor localização possível para estabelecer ligações a serviços e facilidade de recreio, também dispõem de um abrangente e complexo conjunto de equipamentos desportivos e de um conjunto de percursos de contacto com a paisagem e natureza, como a interseção entre o Parque com “Ronda” (*Paseo Vall d’Hebron*).

*“En la caracterización territorial de Barcelona, los inventarios se clasifican en dos grandes apartados: espacios abiertos y espacios construidos. Los primeros incluyen las zonas verdes y los segundos, distintas formas con masiva intervención humana y zonas edificadas de interés espacial.”*<sup>21</sup> (Palomo, 2003, p. 19).

Assim como foi referido sobre as dimensões da identidade do espaço público, encontramos um exemplo de caso de sucesso ligado ao nosso caso de estudo de referência internacional, que relaciona espaços públicos que conjugam as várias dimensões (Morfológica; Visual e perceptiva; Vivencial e funcional; Social e cultural; Económica e legal). Citando um parágrafo que realça a resposta positiva de uma praça em particular “*Praça Les Corts*”, uma das várias praças que foram realizadas com o mesmo objetivo “*Certos projectos consiguen una boa performance en todas estas dimensiones do espaço público e não apenas num ou outro aspecto pontual, porque a sua complexidade exige articulação entre vários objetivos. Por exemplo as novas praças em Barcelona (...) projectadas a partir dos anos 80 em todos os bairros oferecem respostas ao nível da centralidade ‘local’, de funções e vivências quotidianas, articuladas com elementos simbólicos, evocativos de memórias identitárias.*” (Brandão, 2008, p. 21).

Partindo de alguns espaços públicos de Barcelona que foram intervencionados através de regeneração urbana, encontramos sete projetos que gostaríamos de estabelecer um paralelo.

Temos “*Passeig de Sant Joan*” no distrito “*Eixample*”, (Figura 46), inserido no programa de remodelação e reurbanização como “corredor verde”, que data de 2011, a Avenida 1º Maio, a Avenida da Independência Nacional e outras avenidas principais, como a Rua Vitorino Fróis, estabelecendo-se um paralelismo entre estes espaços. Com passeios largos, alamedas de árvores e arranjos de coberto vegetal estabelecendo relação com mobiliário urbano, e a existência de um corredor rodoviário central,

---

<sup>21</sup> “A caracterização territorial de Barcelona, os inventários são classificados em duas seções principais: espaços abertos (livres) e espaços construídos. Os primeiros incluem áreas verdes e os segundos, formas distintas de intervenção humana e zonas edificadas com interesse espacial.”

temos o “Corredor Verde” para o “*Parc de la Ciutadella*”. Os próprios moradores expressam a necessidade de que o espaço fosse revitalizado a vários níveis, de forma recreativa, com preocupação ambiental para a circulação do peão e de forma comercial. Este tipo de intervenção “verde”, revela-se mais uma vez benéfico pois tem como princípio estabelecer ligação com outros pontos “verdes”, reduzir e descongestionar o trânsito, determinar prioridade para o peão, revitalizar a atividade comercial e criar



soluções, através do coberto vegetal, para as águas de superfícies, tornando-se assim mais sustentável. ((Coord.) Guiu, Vidiella & Mola, 2012)

**Figura 46. “Passeig de Sant Joan” - “Corredor Verde”. Fonte: Adaptado de (Anon., 2014)**

Com a intenção de estabelecer ligação com os espaços públicos da Praça 25 de Abril e da Praça 5 de Outubro e apresentar exemplos de praças que combinam aspetos como estacionamento e coberto vegetal, temos as seguintes praças: A “*Plaça de la Laguna de Lanao*” do distrito de “*Gràcia*”, um espaço que é constituído por uma cobertura verde combinado com parque de estacionamento (Figura 47), datada de 2010. Esta praça localiza-se numa zona de declive e a construção deste espaço permitiu, aos utilizadores a deslocação entre a parte superior e a inferior por escadas e elevadores e de forma mais agradável, com presença de miradouros sob a cidade. A presença de árvores pré-existentes e de coberto vegetal agrada aos residentes e ajuda na harmonia do espaço. Apresentamos outros exemplos de projetos semelhantes que conjugam as soluções de gestão de estacionamento com o uso de



coberturas verdes. Temos a “*Plaça de la Navas*”, no distrito “*Sants- Montjuïc*” de 1982 e intervencionada em 2010 (Figura 48), que à semelhança das condições irregulares da “*Plaça de la Laguna de Lanao*” foi transformada em um espaço diversificado com miradouro, um parque de estacionamento e onde está presente a preocupação ambiental e estética através do uso de vegetação ((Coord.) Guiu, Vidiella & Mola, 2012; El Haddad, 2012).

**Figura 47. (Esq.) “Plaça de la Laguna de Lanao” Fonte: Adaptado de ( (Coord.) Guiu, Vidiella & Mola, 2012)**

**Figura 48. (Dir.) “Plaça de la Navas” Fonte: Adaptado de (El Haddad, 2012)**

Ainda a “*Plaça Salvador Allende*”, no distrito de “*Horta - Guinardó*” de 1985 remodelada em 2008, com a mesma característica de plataformas, miradouros e coberto vegetal (Figura 49), permitindo a



adaptação da praça em parte desta para a construção de um parque subterrâneo e inovação do desenho urbano. E a “*Plaça de la Palmera*”, no distrito “*Sant Martí*” de 1985, uma praça de grandes dimensões e plana, solucionou o estacionamento e a gestão com o coberto vegetal (Figura 50), embora o desenho urbano não tenha sido bem aceite no início. (El Haddad, 2012)



**Figura 49. (Esq.) “Plaça Salvador Allende” Fonte: Adaptado de (El Haddad, 2012)**

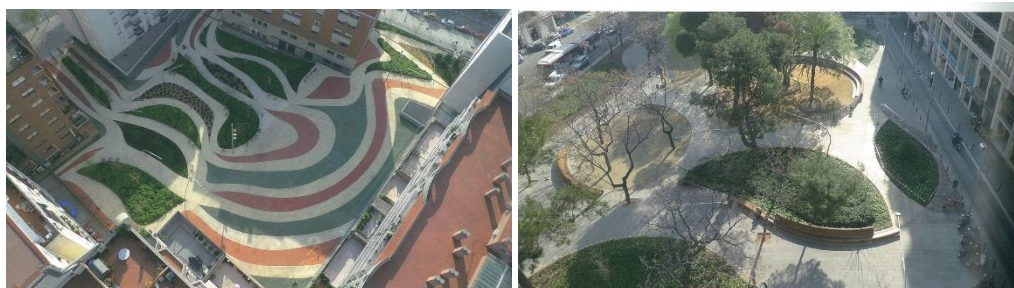
**Figura 50. (Dir.) “Plaça de la Palmera” Fonte: Adaptado de (El Haddad, 2012)**

Também são de referir os seguintes exemplos que servem de referência para um elemento necessário nas Caldas da Rainha, que é um Novo Parque Urbano, na zona Oeste da cidade, que por si só é essencial mas também seria importante para a revitalização de toda a zona adjacente, o Bairro Social, as empresas e o complexo desportivo. Considerando, o “*Parc de la Primavera*” no distrito “*Sants-Montjuïc*” de 2007 (Figura 51), que estabelece ligação entre uma zona residencial e o “*Parc de Montjuïc*” e que permite a criação de novas construções e reabilitação do “abrigo de ataques aéreos”. Apresentando uma topografia acentuada, este espaço, com parque urbano, entende-se que seja a solução mais correta, criando um desafio exigente para a arquitetura paisagista e com um resultado de sucesso. O projeto de urbanização, “*Entorns Colònias Castells*”, (Figura 52), no distrito “*Les Corts*”, sendo “*Jardines de Gaità Renom*” de 2008 e a “*Plaza de Ignasi Barraquer*” 2010, entende-se como um



espaço de intervenções ao nível físico dos espaços públicos e social para com a comunidade. ( (Coord.) Guiu, Vidiella & Mola, 2012)

**Figura 51. “Parc de la Primavera” Fonte: Adaptado de ( (Coord.) Guiu, Vidiella & Mola, 2012)**



**Figura 52. “Entorns Colònias Castells” Fonte: Adaptado de ( (Coord.) Guiu, Vidiella & Mola, 2012)**

## 17. Análise dos espaços públicos

Podemos encontrar no Anexo VI um conjunto de espaços públicos da cidade das Caldas da Rainha, os que estavam presentes na pergunta três do inquérito e alguns outros que foram introduzidos pelos inquiridos. Deste conjunto foram determinados seis espaços principais, os mais “selecionados” apresentado no Anexo VII, para analisar pormenorizadamente e estabelecer uma relação entre o espaço e a vertente de arquitetura paisagista. No entanto, apresentamos a lista dos restantes espaços públicos possíveis da cidade, fazendo uma descrição resumida do conjunto de espaços para perceber que são bastantes e importantes, porque fazem parte de uma “malha” ou “estrutura” composta:

1. Parque D. Carlos I \* IRB
2. Mata Dona Leonor
3. *Skatepark*
4. Praça da República (Praça da Fruta) \* IRB
5. Praça 25 de Abril (Câmara/ Igreja) \* IRB
6. Praça 5 de Outubro (dos “bares” ou “antiga Praça do Peixe”) \* IRB
7. Largo Rainha Dona Leonor \*
8. Largo D. Manuel I (Junto ao Hospital Termal) \*
9. Largo Conde Fontalva \*
10. Largo João de Deus
11. Rua Almirante Cândido Reis (Rua das “Montras”)
12. Avenida 1º Maio \* IRB
13. Avenida Independência Nacional \* IRB
14. Rua Dr. Leão Azevedo \* IRB
15. Rua António Sérgio \*
16. Rua Heróis da Grande Guerra

\* Regeneração urbana | IRB Inserido na Rota Bordalliana

A Mata Dona Leonor e o Skatepark são dois espaços, onde é possível encontrar principalmente população jovem e desportista. Estes espaços têm diferentes características, a Mata está muito associada ao início do desenvolvimento da cidade, estabelece ligação física com o centro histórico. É atualmente um espaço naturalizado, com aquíferos subterrâneos e rico em flora e fauna. Existem vários percursos de manutenção desportiva e infraestruturas, como o Campo da Mata, onde se praticam e realizam jogos. Com um carácter mais radical, junto a centros de formação e à biblioteca municipal, temos um espaço mais “artificial”, considerando a estrutura basicamente de betão, que confere as plataformas e “jogos” que permitem a prática de desportos radicais, como *skate*, *BMX*, patins em linha, de uso livre e em competições.

Os largos que existem na cidade estão na sua maioria ligados ao centro histórico e ao seu desenvolvimento inicial, como é o caso do Largo Rainha Dona Leonor em frente ao Hospital Termal e



de um dos lados, o Largo D. Manuel. Estes são espaços de dimensões menores que as das praças e que se definem como pontos de encontro. Muito perto destes dois primeiros largos e a uma cota superior encontramos o Largo João de Deus, junto à Ermida Espírito Santo, na zona habitacional e ao longo do Parque D. Carlos I. Se percorrermos a Rua Camões a partir do Hospital Termal encontramos o Largo Conde Fontalva, onde está situada a estátua da Rainha Dona Leonor. Todos estes espaços foram intervencionados ao abrigo do programa da regeneração urbana, principalmente ao nível do pavimento, tendo sido o Largo Conde Fontalva o que sofreu maior alteração, por conjugar a situação de circulação rodoviária e espaço de circulação para o peão.

A Rua Heróis da Grande Guerra, que já foi totalmente aberta à circulação rodoviária, depois foi fechada e atualmente tem circulação rodoviária limitada, para permitir maior mobilidade e mais segurança. É uma rua comercial, característica semelhante da também conhecida “Rua das Montras”. Ambas são ruas bem conhecidas pelo comércio e pelas “Montras” que se cruzam a meio e onde é possível apreciar a riqueza arquitetónica e da arte da cerâmica através dos edifícios e das suas fachadas do século XIX e inícios do século XX. Temos a Rua Dr. Leão Azevedo, um espaço adjacente à rodoviária Tejo, que foi projetado como espaço “verde”, contemplando vários benefícios sociais, ambientais e económicos, o qual não foi executado e assim desvalorizou a rua. A Rua António Sérgio, um espaço que necessitava de organização ao nível de estacionamento para melhor servir os utilizadores da zona. Também é de referir a Avenida Independência Nacional, que através das intervenções do programa de regeneração urbana, recuperou a sua identidade de avenida arborizada e onde era possível permanecer, sendo agora um espaço multifuncional e multigeracional, bem no centro urbano.

Do conjunto dos espaços públicos selecionados, considera-se importante fazer uma compilação das características principais, uma contextualização resumida da situação atual e um quadro de análise. Este quadro (Quadro V ao X) considera os resultados dos inquéritos, através da Opinião Pública, referente a cada espaço em que considera os valores de percentagem mais positivos como as opiniões sobre o espaço “Concordo totalmente” e “Concordo” e nas classes de classificação as opiniões “Muito Bom” e “Bom”, e a apreciação da autora, considerando-se como observações e recomendação do ponto de vista da Arquitetura Paisagista.

## 17.1 Parque D. Carlos I

Data: 1799 “Passeio da Copa”, 1889 “Berquó”, 1929 Paulino Montez, 1948 “Caldeira Cabral”;

Área: 123 862 m<sup>2</sup>;

Tipologia: Parque “Histórico, Termal e Urbano” – Espaço Verde;



Relevância: Localiza-se mesmo no Centro Histórico, onde “nasceu” a cidade das Caldas da Rainha. Já foi referido várias vezes, ao longo deste trabalho, o Parque D. Carlos I, a sua evolução e a sua importância porque é um dos símbolos da Identidade Caldense mais valioso, pelo valor da ligação inicial com o Hospital Termal, pelo progresso em área “verde” no centro da cidade, pelos vários projetos e justificações de intervenções no Parque, a ligação direta com os Pavilhões (Figura 53), entre outros.

Atualmente o Parque D. Carlos I é um espaço “verde” urbano que é muito utilizado pela população caldense e também pelo público que visita a cidade. A tutela deste espaço sempre foi disputada e foi difícil o entendimento das várias partes, mas a partir de 2016, ficou a Câmara Municipal responsável pela gestão do Parque. A dois importantes níveis, um de tratar e manter e outro de enaltecer e inovar. O primeiro nível desenvolve-se maioritariamente sob o coberto vegetal, os pavimentos, o lago (Figura 54), a fauna e as infra estruturas que devem ser analisadas e tratadas devido ao anterior descuido. Considerando a evolução deste nível, o segundo visa fortalecer através do reencarnar de eventos, o desenvolvimento do Parque, com formas modernas e sustentáveis.

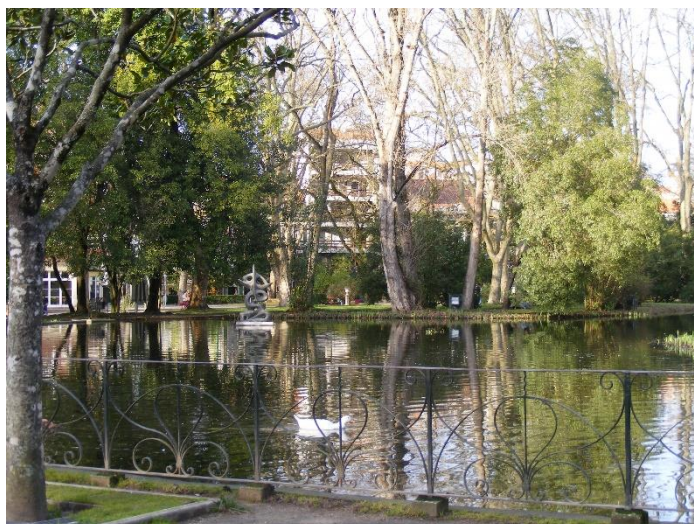


Figura 54. Parque D. Carlos I, 2016. Fonte: Autora

Figura 53. Parque D. Carlos I, 2016. Fonte: Autora

**Quadro V - Parque D. Carlos I – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista. Fonte: Autora**

<b>PARQUE D. CARLOS I</b>	<b>Opinião pública</b>	<b>Observações</b>	<b>Recomendações</b>
<b>1 Espaço Bem Desenhado e Funcional</b>	Ct e C 75%	Concordo, no entanto reforço que é um conjunto de elementos vivos e que precisam de constante manutenção para que garanta as características favoráveis.	Forte manutenção; Inovação e Investimento; Colaboração pública.
<b>2 Classificação do Espaço: Considera-se a opinião pública mais positiva</b>			
<b>2.1 Presença de Vegetação</b>	MB e B 91%	Avalio a vegetação do Parque de duas formas, positivamente reconheço a diversidade e riqueza de espécies vegetais e também de fauna; negativamente noto uma falta acentuada na manutenção do coberto vegetal, particularmente no tratamento fitossanitário da algumas árvores e/ou na sua substituição atempada.	Tratamento dos exemplares em risco; Estabelecer uma manutenção mais ativa e responsável; Permitir a proximidade do utilizador com a natureza, através de programas formativos, educativos e culturais.
<b>2.2 Iluminação</b>	47%	Penso que representa a iluminação adequada para o espaço em questão, pode ser repensada no intuito de realçar pontos importantes, mas satisfaz o ambiente que se pretende para a natureza do espaço.	Estabelecer coerência de elementos de luminária.
<b>2.3 Ruído</b>	72%	O ruído neste caso não é perturbador. Com a vegetação consegue-se estabelecer uma separação do “ruído” exterior ao parque, mas dentro deste é possível encontrar sons harmoniosos dos pássaros e das próprias brisas por entre a vegetação.	Reforçar a barreira acústica promovida pela vegetação na periferia do Parque; Manter o equilíbrio sonoro, a qualidade de vida da fauna existente e também para os visitantes.
<b>2.4 Segurança</b>	40%	É um parque vedado, nomeadamente de noite entende-se que possa transmitir a sensação de segurança, no entanto este sistema falha muitas vezes. Quando “aberto” existem zonas que não oferecem a sensação de “conforto/segurança” esperados devido a determinados utilizadores do parque.	Estabelecer um sistema de guardas e videovigilância; Assegurar a abertura e fecho dos portões devidamente; Pontualmente com eventos reforçar a vigilância.
<b>2.5 Limpeza</b>	58%	Não é dos locais mais sujos, mas pontualmente nota-se um desrespeito a nível de lixo no chão, o que é negativo, mas é principalmente um problema social e de civismo.	Proporcional os meios em quantidade e estrategicamente localizados para o acesso direto aos lixos; Contribuir para a educação a este nível.
<b>2.6 Manutenção</b>	47%	É uma problemática atual, a vários níveis, vegetação, pavimentos, estruturas, mas que com planos organizados e estabelecidos podem ser trabalhados, melhorados e mantidos.	É necessário intervenções pensadas, organizadas, com pessoal formado e equipamentos e técnicas adequadas.

<b>2.7 Acessibilidades</b>	88%	Concordo, é um parque acessível a todos, no entanto pode adaptar mais valências para permitir a proximidade e relação utilizador/espço.	Existem várias alternativas de ponto de entrada/saída do parque, várias de acesso a pessoas de mobilidade reduzida, importante estabelecer condições a invisuais.
<b>2.8 Pavimento</b>	65%	Nas zonas mais utilizadas percebe-se um estado aceitável, que pode sempre ser melhorado, atualmente deveria haver uma atenção para as zonas menos utilizadas que ao nível da manutenção do pavimento foram “esquecidas” e em especial, após grandes eventos pontuais que têm uma carga muito elevada e que não é corrigida.	O uso de certos materiais deve ser muito bem pensado; Deveria haver um plano de reforço e/ou de restabelecimento do pavimento danificado após eventos, quer sejam programados como feiras, quer eventos naturais, como temporais.
<b>2.9 Equipamentos</b>	75%	Os equipamentos devem apresentar uma identidade do espaço e isso é visível no parque, no entanto e com o passar do tempo esses equipamentos começaram a ser substituídos e alterados, perdendo-se essa identidade.	Estabelecer um modelo próprio e identitário dos equipamentos do parque e a sua manutenção.
<b>2.10 Elementos de Água</b>	70%	A existência do lago e a sua dimensão são satisfatórias, permite a existência de fauna e é parte identitária da imagem do parque.	O lago é um elemento que exige muita manutenção e esta deve ser feita, porque é uma mais-valia para o parque.
<b>2.11 Elementos Decorativos</b>	75%	O próprio parque já tem muitos elementos decorativos, sendo que esta “classe” é bastante satisfatória.	Fazer um uso controlado e adequado de peças (estátuas, instalações, etc) mantendo a imagem própria do parque.



## 17.2 Praça da República RU (Praça da Fruta)

Data: 1883; Regeneração Urbana 2015

Área: 4629 m<sup>2</sup>;

Tipologia: Praça de “Comércio, Cultura e Encontro”;



Relevância: A Praça da República ou como é mais conhecida por “Praça da Fruta”, já teve várias outras designações como presente no Quadro IV, sendo esta designação muito associada à presença do mercado diário, nomeadamente a venda de produtos frescos. Localizada entre o centro histórico e o centro administrativo atual, esta praça apresenta várias características interessantes, como ser um tabuleiro regular, o seu pavimento é composto por um jogo de calçada portuguesa, desenho que foi mantido na intervenção de regeneração (Figura 55 e 56). É um espaço que estabelece relação com vários edifícios importantes, como a Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Pópulo, vários bancos, o edifício do turismo, estabelecimentos de restauração, entre outros. A rotina habitual que acontece na praça, começa bem cedo pela preparação do mercado e da parte da manhã o movimento entre vendedores e compradores dos produtos frescos e regionais, tão típicos do “Mercado das Caldas”. Atualmente inserido no espaço da praça, nota-se a existência de um quiosque com esplanada, que permite a permanência de pessoas e torna a praça num ponto de maior permanência. Também já se

tornou um hábito, para vários grupos, usar a praça como ponto de encontro para atividades desportivas e de convívio e onde se desenvolvem grandes eventos culturais, abertos a toda a população.



**Figura 55. Praça da República, “Praça da Fruta”, 2016. Fonte: Autora**



**Figura 56. Praça da República ou “Praça da Fruta”, 2015. Fonte: Adaptada do Portal Informativo “Bom Dia” (Bom Dia 2015)**

**Quadro VI - Praça da República “Fruta” – Opinião pública, Observações e Recomendações**  
**Arquitetura Paisagista. Fonte: Autora**

<b>Praça da República “Fruta”</b>	<b>Opinião Pública</b>	<b>Observações</b>	<b>Recomendações</b>
<b>1 Espaço Bem Desenhado e Funcional</b>	Ct e C  70 %	A Praça da República é um espaço com bastantes valências, nomeadamente com a intervenção de regeneração urbana, notou-se uma evolução e valorização do espaço.	Manter a dinâmica do mercado tradicional, os movimentos que a própria praça cria de pessoas.
<b>2 Classificação do Espaço: Considera-se a opinião pública mais positiva</b>			
<b>2.1 Presença de Vegetação</b>	MB e B  23%	Por vezes uma presença pontual, cuidada e precisa da vegetação é uma opção mais inteligente, objetiva e efetivamente benéfica deste elemento, e penso que seja o que acontece na Praça da República.	Como a quantidade é aceitável, penso que o tratamento dos exemplares e a correta atenção prestada é um fator essencial para o global da praça.
<b>2.2 Iluminação</b>	85%	A iluminação dos candeeiros da praça transmite uma sensação muito agradável, para o espaço em questão, sendo que classifico de forma muito positiva.	Manter os elementos de luminária cuidados.
<b>2.3 Ruído</b>	53%	Se for a questão do ruído produzido pelo mercado, penso que seja uma sonoridade identitária e que por isso deve ser valorizada. Já o “ruído” no sentido desagradável perturbador esse deveria ser resolvido, como o que é produzido pelo trânsito.	Manter as sonoridades características do mercado tradicional e estabelecer um controlo do “ruído” perturbador que acontece pontualmente.
<b>2.4 Segurança</b>	81%	É um fator que é satisfatório, na sua generalidade, mas que pode sempre ser objeto de maior atenção.	Estabelecer um sistema de videovigilância, mais policiamento e também rodoviário.
<b>2.5 Limpeza</b>	79%	É um espaço que deveria ter uma mais limpeza, no entanto, se a população e os próprios vendedores do mercado tivessem mais cuidado, era uma situação que poderia ser visivelmente reduzida e resolvida.	Deveria haver mais e melhores equipamentos do lixo; Um controlo apertado e penalizador dos infratores na condição de manter a praça “limpa”.
<b>2.6 Manutenção</b>	81%	É um fator satisfatório, a manutenção é efetuada atempadamente e efetiva.	Manter a condição e melhorar sempre que assim for necessário.
<b>2.7 Acessibilidades</b>	51%	Em termos de acessos a praça tem-los, estão pensados para uma utilização do espaço organizada, adaptada a todo o utilizador. Encontra um problema de respeito na hierarquia dos utilizadores, peão/veículos.	Estabelecer uma condição de hierarquias de utilização do espaço entre peão/veículo, de cedências equilibrado o uso próprio da praça.
<b>2.8 Pavimento</b>	77%	O pavimento em calçada portuguesa é fator muito satisfatório e estabelece uma “imagem” identitária da praça.	Deve ser mantido, limpo e cuidado.

<b>2.9</b> <b>Equipamentos</b>	60%	Penso que o atual, numa tentativa de inovação, veio a destoar a imagem da praça, não apresentam a sensação de confortabilidade e descaracterizam a praça.	Deveriam ser restabelecidos os modelos dos equipamentos originais e proceder à adequada manutenção dos mesmos.
<b>2.10</b> <b>Elementos de Água</b>	51%	É um elemento que não favorece a praça como elemento decorativo, porque pode torna-se demasiado. Como parte do mobiliário, é um elemento essencial e que deveria apresentar melhores condições e quantidade suficiente.	Deveriam ser estabelecidos mais elementos e estes serem de acordo com o restante mobiliário.
<b>2.11</b> <b>Elementos Decorativos</b>	53%	Considero que em termos de elementos decorativos, existe já uma grande atenção presente na praça e se houver a introdução de mais elementos, estes entraram em desequilíbrio.	Os elementos já existentes devem ser mantidos e cuidados como parte da imagem da praça.

### 17.3 Praça 5 de Outubro (“antiga Praça do Peixe”) RU

Data: “Praça do Peixe Antiga” 1890; Regeneração Urbana 2007

Área: 3970,4 m<sup>2</sup>;

Tipologia: Praça de “Juventude, Encontro, Cultura, Artes, Comércio”;

Relevância: A Praça 5 de Outubro, anteriormente denominada por Praça Nova (Quadro IV) a “Praça do Peixe”, teve uma grande importância ao nível do comércio tradicional e ao “ar livre”, devido ao mercado do peixe e das aves, tendo sido a praça que deu lugar à presença do Teatro Pinheiro Chagas, local de cultura. Perdendo este elemento cultural, nos anos 90 a praça passou a ser um grande estacionamento e desde o início do século XXI tornou-se uma praça cheia de vida jovem. Localiza-se perto do Largo Conde Fontalva e é uma praça com tabuleiro plano (Figura 57). Praça de comércio, de encontro e restauração durante o dia, características que mantém durante a noite e passa também a ser espaço de encontro e convívio jovem (Figura 58), estabelecendo ritmos que se encontram na praça ao longo de todo o ano. Diretamente acessível, a Praça 5 de Outubro tem um parque de estacionamento subterrâneo e chegando à superfície a prioridade é do peão. No seu centro encontra-se um anfiteatro em ilha, recriando a identidade do “palco” do Pinheiro Chagas, está disponível para concertos, teatros, e outros espetáculos ao “ao livre”.



Figura 58. Praça de 5 de Outubro, 2016. Fonte: Autora

Figura 57. Praça de 5 de Outubro, 2016. Fonte: Autora



**Quadro VII - Praça 5 de Outubro – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista. Fonte: Autora**

Praça 5 de Outubro	Opinião Pública	Observações	Recomendações
1 Espaço Bem Desenhado e Funcional	Ct e C	O espaço apresenta potencial para ser funcional e desenvolver desenhos inovadores, atualmente considero que não está a corresponder com as características de um bom desenho, nem em termos de funcionalidade como deveria.	Espaço que deveria ser repensado, funcional e esteticamente.
	15%		
2 Classificação do Espaço: Considera-se a opinião pública mais positiva			
2.1 Presença de Vegetação	MB e B	Considerando que é uma praça, entende-se que a vegetação não tenha de ser o elemento mais forte, mas deve existir, atualmente o que existe não é muito favorável e deveria ser melhor tratado e mesmo repensado.	Apostar em projetos de arquitetura paisagista, com o conhecimento efetivo das espécies vegetais e da sua adequada localização e adaptação e manutenção.
	63%		
2.2 Iluminação	52%	É um fator muito importante e atualmente não é muito harmonioso e apresenta falhas na própria manutenção dos elementos.	Carece de um estudo mais desenvolvido, de forma a adequar-se à vida noturna existente no espaço.
2.3 Ruído	52%	É um fator característico, sendo que é uma praça que “vive” de bastante movimento jovem e nomeadamente noturno, produzido por grupos de pessoas em convívio e eventos musicais, mas quando não é limitado, pode torna-se perturbador.	Tentar controlar os volumes e os períodos mais adequados de permanência de pessoas na praça, nomeadamente à noite.
2.4 Segurança	52%	Carece de segurança, principalmente noturna, é um espaço que consegue facilmente juntar vários e numerosos grupos de pessoas, e que por vezes entram em conflito.	Estabelecer um sistema de videovigilância e mais policiamento.
2.5 Limpeza	48%	Atualmente é um espaço que se apresenta muitas vezes sujo. É um problema principalmente da sociedade, mas como espaço público, deveria “oferecer” mais equipamentos de deposição de lixo.	Necessita de uma limpeza eficaz e constante; o espaço, os comerciantes devem contribuir para a “educação” e responsabilidade cívica.
2.6 Manutenção	41%	Espaço que carece de manutenção eficaz e no global de todo o espaço, de forma a ser coerente.	Manutenção é essencial.
2.7 Acessibilidades	89%	Fator satisfatório, a praça tem vários acessos, o tabuleiro é plano e é possível deslocar de carro até à praça porque tem um parque de estacionamento correspondente a toda a área da praça.	Manter os acessos e adaptar sempre que necessário a todos os tipos de utilizadores.
2.8 Pavimento	63%	Apresenta um pavimento que em material não é o mais fácil de limpar, nem permite um escoamento eficaz, também devido à eficácia de	Existem materiais que permitem uma adaptação mais eficiente a grandes cargas, uma limpeza mais

		capacidade de carga que o espaço tem normalmente não é o mais adequado.	fácil e um melhor funcionamento de escoamento para este tipo de espaço.
<b>2.9</b> <b>Equipamentos</b>	63%	Além de cada estabelecimento comercial apresentar a sua própria esplanada, os equipamentos espalhados pela praça não apresentam grande coerência, localização lógica, quantidade suficiente, entre outros.	Deveria ser utilizada um conjunto de mobiliário completo, confortável e funcional.
<b>2.10</b> <b>Elementos de Água</b>	11%	Atualmente não apresenta nenhum elemento de água, o que nas características principais da praça, poderia ser um elemento que favorece-se.	Era de todo o interesse introduzir um elemento ou conjunto de elementos de água, na praça, por exemplo para estabelecer ligação à identidade da praça como antiga praça do “peixe”.
<b>2.11</b> <b>Elementos Decorativos</b>	37%	É um fator satisfatório, tem identidade próprio, esta inserida numa rota de elementos decorativos da cidade e permite a presença de outros elementos decorativos de carácter temporários, ligado nomeadamente à expressão artística e dinamizando e “decorando” assim a praça.	A praça deve garantir a manutenção dos elementos decorativos existente e estabelecer o “espaço” disponível para expressões artísticas.

## 17.4 Rua Almirante Cândido Reis (Rua das “Montras”)

Data: Século XVIII;

Área: 2253,7 m<sup>2</sup>;

Tipologia: Rua de “Montras, Comércio e Serviços”;

Relevância: Esta rua é conhecida pelas suas particularidades, as “Montras”, desde o comércio mais tradicional, as lojas que sempre estiveram nesta rua, ao comércio mais contemporâneo, de vestuário, decoração, ourivesarias, entre outras, que trabalham a arte de decorar as suas vitrinas e convidar o comprador a, pelo menos apreciá-las, se melhor a entrar e comprar. Espaço exclusivo de uso pedonal (Figuras 59 e 60), esta rua tem uma extensão de 160 metros e estabelece ligação entre duas das praças principais das Caldas da Rainha, a Praça da República e a Praça 25 de Abril. Atualmente apresenta vários ritmos, criados pelo próprio comércio e serviços, como os diversos eventos de animação de rua, sendo que também se verifica uma “falta” de ritmo durante a noite, dando a sensação de alguma insegurança e de “desertez”.

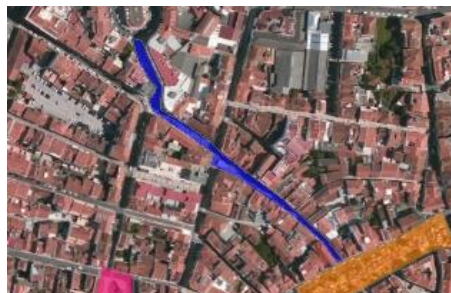


Figura 59. (Esq.) e Figura 60. (Dir.) Rua das “Montras”, 2016. Fonte: Autora

### Quadro VIII - Rua Almirante Cândido Reis/ Rua das “Montras” – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista. Fonte: Autora

Rua das “Montras”	Opinião Pública	Observações	Recomendações
<b>1 Espaço Bem Desenhado e Funcional</b>	Ct e C  71%	É um espaço muito característico, as “montras”, o movimento de passagem, entre lojas, ativo, quando existe animação de rua e todas estas ações são possíveis porque o espaço assim o permite.	Poderia oferecer mais segurança e estabelecer as várias zonas de ações de diferentes grupos.

**2 Classificação do Espaço: Considera-se a opinião pública mais positiva**

	MB e B		
<b>2.1</b> <b>Presença de Vegetação</b>	17%	A rua entende-se que apresente capacidade de fluidez, a presença de vegetação pode existir, se for resultado de estudo e for bem pensada e localizada, considerando que não pode condicionar o espaço.	Pode existir pontualmente, mantendo o movimento necessário do espaço.
<b>2.2</b> <b>Iluminação</b>	87%	Apresenta iluminação boa e característica, pelo tipo de candeeiros e a cor da luz, que cria um ambiente próprio.	Sendo que é um espaço de comércio e serviços deveria apostar numa iluminação estrategicamente pensada.
<b>2.3</b> <b>Ruído</b>	67%	Ruído característico do movimento gerado pela oferta de comércio e serviços e dos momentos de animação de rua.	Estabelecer e manter o normal equilíbrio entre o comércio e o movimento da rua.
<b>2.4</b> <b>Segurança</b>	79%	É um espaço que se apresenta aparentemente seguro.	Deve-se manter e assegurar a segurança, como por videovigilância e policiamento.
<b>2.5</b> <b>Limpeza</b>	71%	É um espaço que por vezes apresenta falta de limpeza.	Podia disponibilizar mais equipamentos de recolha de lixo.
<b>2.6</b> <b>Manutenção</b>	79%	Tem uma manutenção adequada ao espaço em questão.	Deve manter a manutenção existente e melhorar.
<b>2.7</b> <b>Acessibilidades</b>	83%	É um espaço com acessos diretos e é acessível a todos.	Manter a acessibilidade a toda população.
<b>2.8</b> <b>Pavimento</b>	87%	Apresenta um bom pavimento, característico da tipologia da rua, calçada portuguesa.	Manter a característica, e se possível inova-la.
<b>2.9</b> <b>Equipamentos</b>	54%	Apresenta vários equipamentos necessários ao espaço.	Estabelecer a manutenção dos vários elementos, equipamentos, pavimento.
<b>2.10</b> <b>Elementos de Água</b>	29%	O espaço não estabelece necessidade de ter elementos de água.	Não se adapta o elemento.
<b>2.11</b> <b>Elementos Decorativos</b>	58%	É satisfatório o tipo de decoração existente na rua das “montras”, nomeadamente as fachadas de azulejos de alguns edifícios, a própria decoração das montras.	Estabelecer a existência desta identidade.

### 17.5 Praça 25 de Abril (Câmara/ Igreja) RU

Data: 1929; Regeneração Urbana 2015

Área: 5524,7 m<sup>2</sup>;

Tipologia: Praça “Administrativa, de Serviços e Religiosa”;



Relevância: Ladeada pelos três “poderes”, o Tribunal, a Câmara Municipal e a Igreja da Nossa Senhora da Conceição, a Praça 25 de Abril é uma das praças principais de desenvolvimento da cidade desde o início do século XX. Esta diretamente ligada, através da Avenida 1º de Maio, com um dos pontos de chegada à cidade, a Estação Ferroviária e perto da estação Rodoviária Tejo, é também circulável por automóvel. Mas como característica principal de praça, a circulação prioritária entende-se que seja a do peão, e assim sendo desde 2015, após a intervenção do programa de regeneração urbana, a Praça 25 de Abril apresenta nova imagem (Figuras 61 e 62). Com um desenho moderno, desenho este que envolve toda a cidade, é permitido o acesso ao centro da praça, onde encontramos jogos de água, presença de vegetação e equipamentos de mobiliário, nos quais podemos permanecer e apreciar a plenitude do espaço e peças, que transmitem a identidade da arte da cerâmica das Caldas da Rainha, como a presença de uma das peças bordalianas da Rota Bordalliana.



Figura 61. Praça 25 de Abril, 2016. Fonte: Autora  
Fonte: Autora



Figura 62. Praça 25 de Abril, 2016.

#### Quadro IX - Praça 25 de Abril – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista. Fonte: Autora

Praça 25 de Abril	Opinião Pública	Observações	Recomendações
<b>1 Espaço Bem Desenhado e Funcional</b>	Ct e C  70%	Concordo que a Praça 25 de Abril que foi intervencionada através do programa de Regeneração Urbana, adotou um bom desenho e um espaço mais funcional.	Deve-se aprender com as consequências positivas que são resultado desta intervenção.

**2 Classificação do Espaço: Considera-se a opinião pública mais positiva**

	MB e B		
<b>2.1</b> <b>Presença de Vegetação</b>	12%	Como uma das praças principais da cidade, não apresenta a quantidade e/ou qualidade suficientes para transmitir sensação de conforto, cuidado estético e ambiental desejadas.	Deveria apostar em projetos de arquitetura paisagistas que incluam a presença de cobertura vegetal, a vários níveis.
<b>2.2</b> <b>Iluminação</b>	94%	Apresenta uma boa iluminação, jogos de luz dinâmicos e que estabelecem segurança	Devem tirar proveito da iluminação para destaque de pormenores de interesse na praça.
<b>2.3</b> <b>Ruído</b>	53%	É uma praça que apresenta um ruído típico do próprio espaço, desde o trânsito, as pessoas, de momentos específicos.	Deve ser estabelecido o equilíbrio do espaço, porque relaciona vários serviços.
<b>2.4</b> <b>Segurança</b>	82%	Apresenta alguma segurança, quer ao nível de trânsito quer pública.	Deveria apresentar mais segurança, como videovigilância e mais policiamento
<b>2.5</b> <b>Limpeza</b>	82%	Apresenta uma limpeza aceitável, apresenta equipamentos de recolha do lixo.	Deve assegurar o serviço de limpeza e sempre que possível melhorar.
<b>2.6</b> <b>Manutenção</b>	82%	Carece de algum cuidado ao nível da manutenção de alguns elementos, como o pavimento, que na praça que é não é aceitável.	Deveria prestar um mais serviço eficaz de manutenção dos equipamentos, pavimentos, vegetação, entre outros.
<b>2.7</b> <b>Acessibilidades</b>	82%	É um espaço que apresenta vários acessos, marcado com passadeiras entre a área central da praça e as áreas adjacentes aos edifícios.	Deve estabelecer a acessibilidade e mobilidade a toda a população.
<b>2.8</b> <b>Pavimento</b>	71%	O pavimento que existe não é o mais adequado para o controlo das águas superficiais, a sua limpeza não é fácil e a sua aplicação e/ou a sua manipulação não foi muito eficaz.	Deveria haver uma atenção e formação na aplicação de materiais, como para o pavimento.
<b>2.9</b> <b>Equipamentos</b>	76%	Os equipamentos presentes na praça não são muito confortáveis e não apresentam coerência com a envolvente.	Poderia ser interessante fazer um estudo através da participação pública de seleção do mobiliário público.
<b>2.10</b> <b>Elementos de Água</b>	76%	Apresenta uma aposta de introdução de elementos de água, jogos de água, interessantes, dinâmicos e que criam ritmo na praça.	Devem ser elementos a manter, cuidados.
<b>2.11</b> <b>Elementos Decorativos</b>	71%	Estabelece ligação com elementos decorativos que estão espalhados pela cidade e apresenta uma imagem clara, contida e simples em termos decorativos, possibilitando uma multiplicidade de acontecimentos num mesmo espaço.	Estes elementos que devem ser mantidos e dinamizados.



## 17.6 Avenida 1º Maio RU

Data: Século XIX; Regeneração Urbana 2015

Área: 7279 m<sup>2</sup>;

Tipologia: Avenida “Comércio e Serviços”;



Relevância: Este espaço público é importante pelo conjunto de serviços que comporta, pelas ligações que estabelece com os outros espaços. Estabelece a ligação direta entre a Estação Ferroviária e o centro “administrativo” da cidade, também cria relação com a Avenida da Independência Nacional e suportam-se mutuamente. A Avenida 1º de Maio, através das intervenções de regeneração urbana, permitiu criar maiores locais de permanência (Figura 63) e passagem para os peões, com as condições de mobilidade exigidas e de forma a ser acessível a toda a população. Esta avenida no entanto apresenta um fator menos positivo, que corresponde ao excesso de veículos neste centro da cidade e à sua falta de desenvolvimento, ou seja, é um espaço que está muitas vezes congestionado, tendo como consequência o afastamento de potenciais clientes dos serviços existentes. A Avenida foi o ponto de partida da inauguração de uma rota, a “Rota Bordalliana” (Figura 64), que procura transmitir a “Identidade Caldense” ao longo de toda a cidade, através de dois aspetos: a conjugação de um trabalho académico sobre os caminhos percorridos por Rafael Bordalo Pinheiro à chegada à cidade de comboio e a apresentação de peças cerâmicas artísticas, produzidas na Fábrica das Faianças Bordallo Pinheiro, em tamanho “gigantesco”.



Figura 64. Avenida 1º de Maio, 2016. Fonte: Autora

Figura 63. Avenida 1º de Maio, 2016. Fonte: Autora

**Quadro X Avenida 1º de Maio – Opinião pública, Observações e Recomendações Arquitetura Paisagista. Fonte: Autora**

Avenida 1º de Maio	Opinião Pública	Observações	Recomendações
<b>1 Espaço Bem Desenhado e Funcional</b>	Ct e C 45%	É um espaço que em termos de desenho demonstra que houve uma atenção pormenorizada, no entanto em termos funcional falha, existem	O funcionamento do trânsito deveria ser reformulado de forma a não continuar o congestionamento atual e

muito congestionamento rodoviário,  
muito por ser um problema de civismo.

permitir haver fluidez no  
espaço.

## 2 Classificação do Espaço: Considera-se a opinião pública mais positiva

<b>2.1</b> <b>Presença de Vegetação</b>	MB e B 11%	Este espaço não apresenta a quantidade e qualidade de vegetação que necessita, como benefícios estéticos, ambientais e até sociais.	Deveria apostar na introdução de mais vegetação, bem pensada, pois seria benéfico.
<b>2.2</b> <b>Iluminação</b>	55%	Apresenta uma boa iluminação pública	Deve ser mantida e cuidada.
<b>2.3</b> <b>Ruído</b>	44%	Apresenta por vezes ruído acentuado a perturbador, devido ao trânsito e congestionamentos que acontecem na avenida.	Deveria haver uma atenção especial na problemática do trânsito e estabelecer uma hierarquia
<b>2.4</b> <b>Segurança</b>	55%	Apresenta um nível de segurança aceitável.	Deve manter a segurança e deveria estabelecer videovigilância.
<b>2.5</b> <b>Limpeza</b>	33%	Atualmente não é dos espaços mais sujos da cidade, apresenta um conjunto equipamentos de recolha espalhados pela avenida oferecendo condições.	Fazer um plano de localização estratégica da recolha de lixo, de forma a manter o espaço ainda mais limpo.
<b>2.6</b> <b>Manutenção</b>	67%	Apresenta um bom nível de pavimentos e de equipamentos, por sua vez em termos da manutenção da vegetação carece de uma atenção.	Deveria ter uma maior atenção na manutenção da vegetação existente.
<b>2.7</b> <b>Acessibilidades</b>	78%	O espaço apresenta vários acessos, está adaptado em termos de mobilidade.	Deve manter-se as condições dos acessos ao espaço.
<b>2.8</b> <b>Pavimento</b>	55%	O pavimento da avenida apresenta boas condições e os passeios são espaçosos.	Deve ser mantida as condições adequadas do pavimento.
<b>2.9</b> <b>Equipamentos</b>	55%	Não apresenta quantidade suficiente, nem coerência de equipamentos com os restantes espaços públicos adjacentes.	Deveria ser estabelecido um conjunto de elementos/equipamentos de mobiliário adaptado a cada tipo de espaço e a sua funcionalidade.
<b>2.10</b> <b>Elementos de Água</b>	44%	Atualmente apresenta um conjunto dinâmico de jogos de água que valoriza o espaço em termos estéticos.	Deve ser estabelecida uma limpeza e manutenção adequado destes elementos e adaptar o uso destes elementos em outros espaços da mesma natureza.
<b>2.11</b> <b>Elementos Decorativos</b>	55%	Apresenta um conjunto interessante e diversificado de elementos decorativos, incluídos em percursos inseridas ao longo da cidade.	Devem ser limpos e mantidos.



## 17.7 Análise geral dos seis espaços públicos

De forma global, o seguinte quadro apresenta uma compilação das avaliações principais, recomendações e observações de cada espaço, assim como as ações “Manter” ou “Melhorar”.

**Quadro XI Análise geral dos seis espaços públicos das Caldas da Rainha. Fonte: Autora**

Análise Geral dos Seis Espaços Públicos das Caldas da Rainha		
<div> <div>✓ Iluminação, Segurança e Acessibilidades</div> <div>✗ Presença de Vegetação (Falta) e Ruído (Tráfego)</div> </div>		
Espaços	Observações	Recomendações e Ação
<b>Parque D. Carlos I</b>	Estabelecer uma gestão e manutenção ativa e adequada; Segurança a Bens/ Pessoas/ Animais/ Plantas	Forte manutenção, Inovação, Colaboração pública MANTER
<b>Praça de República (“Praça da Fruta”)</b>	Segurança pessoal, rodoviária e comércio; Valorização da calçada portuguesa e do mercado, Cuidado da vegetação	Dinâmica, Movimento e Tradição MANTER
<b>Praça 25 de Abril</b>	Seguranças e policiamento, Compromisso de mobilidade, Hierarquia de prioridades, Aposto na colaboração de arquitetos/as paisagistas	Momento e espaço de evolução MELHORAR
<b>Praça 5 de Outubro</b>	Inovar iluminação e equipamentos; Regularização do pavimento, Aposto na colaboração de arquitetos/as paisagistas; Estabelecer ligação identidade Praça do “Peixe”	Repensar, atualizar e tornar um espaço de oportunidades às artes MELHORAR
<b>Avenida 1º de Maio</b>	Videovigilância e policiamento (tráfego), Manutenção de elementos verdes, Limpeza do espaço (Civismo)	Resolução do elemento tráfego automóvel (penalizador para o espaço) MELHORAR
<b>Rua Almirante Cândido Reis (Rua das “Montras”)</b>	Espaço com iluminação característica e harmoniosa e valorização da calçada portuguesa	Espaço composto MANTER

É possível entender através da análise geral que os espaços públicos da cidade da Caldas da Rainha apresentam uma grande diversidade de tipologias, assim como cada um como um espaço com várias utilizações, multifuncional, que apresentam oportunidades de desenvolvimento de trabalhos e inovação dos espaços e da própria cidade, a curto e longo prazo.

## 18. Programa de intervenção e diretrizes para um conjunto de espaços públicos mais “Verde”

Após todas as considerações feitas até este ponto, os conceitos de espaço público, o planeamento urbano da cidade, a identidade Caldense, os processos de Regeneração Urbana, os inquéritos e as análises dos espaços públicos das Caldas da Rainha, ponderou-se estabelecer um “programa”, onde são referidas as áreas de intervenção aconselhadas bem como as ideias, objetivos e diretrizes para cada espaço ao nível da intervenção em Arquitetura Paisagista.

Ao falar de praças e largos, que encontramos na maioria concentrados no centro histórico e urbano, percebemos que a sua quantidade é a correta e o contributo para melhorar poderá estar relacionado com a sua qualidade e a sua função. Considera-se que falta na cidade um sistema “verde”, que é composto por ligações entre os espaços como “corredores verdes” e “alamedas”. E por pontos, mantendo os que já existem, regenerando os possíveis com a vertente “verde” e criando novos espaços que são essenciais para a atual função e expressão do espaço público urbano do século XXI.

Percebendo a importância dos espaços verdes urbanos, Hipólito Bettencourt fala-nos de como a gestão de jardins e parques se tornam um desafio, *“O parque urbano actual deverá ser um elemento potenciador do novo desenho da cidade e com ele articulado. Deverá ser um espaço central que articule e qualifique as áreas urbanas às suas diferentes escalas e centralidades.”* (Rio et al., 2006, p. 133). Garantir que o espaço verde está em condições e se relaciona com a envolvente. Reforça a ideia da necessidade de um parque urbano, na zona mais a Oeste do espaço urbano das Caldas da Rainha, pois estabelecerá ligação entre áreas de desenvolvimento educativo como sensibilização ambiental, formativo de gestão de recursos naturais, desportivo e funcional para atividades ativas e passivas, além de todos os benefícios já referidos ao longo do trabalho, certamente se apresenta como uma excelente oportunidade muito positiva para a cidade.

Esta ideia expressa-se na sua maioria na periferia do espaço urbano e estes novos espaços são “verdes”, como é apresentado no Anexo VII. Sobre o planeamento urbano e o desenho urbano, Rui Florentino e Fernando Nunes da Silva (2009, p. 49) referem *“Ora, para que essa nova vida cidadã se possa desenvolver, é não só necessário que esses espaços urbanos possam acomodar as novas necessidades decorrentes da pós-modernidade (onde o funcionamento em rede e a interação entre os vários espaços da cidade assumem uma importância crescente), como propiciem também os espaços de identidade, de encontro e de coesão social que constituem os atributos imprescindíveis ao que já Jane Jacob definira como um bairro “bem-sucedido” ou “eficiente” ”.*

O desenvolvimento e a existência de parques urbanos nas cidades, no século XXI, como elemento essencial da estrutura urbana, e nomeada mente da Estrutura Verde é expectável. Segundo as Políticas Territoriais de Portugal, quanto às mudanças de conceptualização do “verde”, os parques urbanos compreendem uma condição inserida nos espaços urbanos não construídos, e esta deve estabelecer um equilíbrio em relação à expansão e crescimento urbanístico com a gestão equilibrada do uso de recursos naturais. Sendo assim um conjunto de situações que definem o que, atualmente se compreende como parque urbanos, espaços que “projetam-se com escalas alargadas, enquadrando-

se em finalidades múltiplas e combinações variadas: na recuperação de valores naturais e paisagísticos degradados (vales, frentes ribeirinhas, manchas florestadas, etc.); no enquadramento de complexos desportivos e de lazer; no remate ou contenção de expansões urbanas recentes; na integração em projetos de educação ambiental; na valorização de património arquitetónico (fora do “centro histórico”); na transformação de áreas agrícolas, entretanto abandonadas, integradas em projetos de museificação *in situ*; na qualificação de zonas habitacionais degradadas, etc” (Portas *et al.*, 2003).

Sobre a necessidade de mais espaços verdes municipais na cidade, também João Caldeira Cabral (2005, p. 232) reforça a ideia referindo que *“Do balanço entre as áreas disponíveis e as necessidades de espaços exteriores para a hipótese de crescimento promocional baixo da população termal e para a previsão de um moderado crescimento da população residente, resulta clara a adequação do Parque e a insuficiência da área da Mata para o apoio ao termalismo, bem como a indispensabilidade da criação de Zonas Verdes Municipais alternativas para o apoio da população residente”*.

Com estas definições encontram-se justificações que ajudam a **fortalecer a ideia de projetar um Parque Urbano para a cidade das Caldas da Rainha**, nomeadamente na entrada oeste/sul da cidade, por estar perto de escolas, várias empresas e de um bairro social. Sendo que existe mesmo o desejo da existência deste espaço referido nos inquéritos apresentados, assim como outros espaços.

Esta ideia que surge de produzir um registo mais “verde” na cidade das Caldas da Rainha, também tem influência direta dos exemplos de espaços públicos verdes que foram identificados de trabalhos desenvolvidos em Barcelona. E a questão da necessidade de parques de estacionamento, que para além de resultado da análise dos espaços também foi um aspeto referido nos inquéritos, situação de resolução do grande volume de carros como meio de deslocação até a cidade. Estas duas situações podem combinar-se e aproveitar o espaço com diversas funções.

Os espaços que foram definidos e a sua localização como apresenta o Anexo VIII, são o **Parque Urbano Oeste e área complementar**, o parque que apresenta uma dimensão igual ou superior à do Parque D. Carlos I, no entanto que poderia ter características mais contemporâneas de parque urbano, como espaços de clareira, sistema de bacias de retenção de águas, entre outros, semelhantes ao exemplos do Parque Urbano da Cidade do Porto (Figuras 65 e 66).



Figura 65. Parque da Cidade do Porto. Fonte: (Baldovino, 2013)

Figura 66. (Dir.) Parque da Cidade do Porto. Fonte: (WEBBOOK PORTO, 2015)



O **Jardim Novo** perto dos Bombeiros, numa área que beneficiaria as zonas residenciais; o **Jardim ESAD** que ficaria adjacente à Escola Superior e que poderia ser gerido pela mesma, ser “palco” para os alunos e permitia restabelecer a linha de água existente e, assumi-la como parte importante ecologicamente do jardim; o **Jardim Norte Linear** junto à Circular e ao acesso à freguesia do Coto, como espaços “verde” de proximidade aos moradores; o **Jardim Silos** na própria estrutura e numa área junto para fazer enquadramento; o **Jardim Urbano Centro de Saúde e área complementar** junto ao Centro de Saúde, com o mesmo princípio de harmonizar a ambiente e servir como benefício aos utilizadores do centro; o **Jardim das Águas** na zona do já existente Jardim de Água e do Hospital, mas considerando revitalizar a zona adjacente; o **Jardim Caminho de Ferro**, o **Jardim Estação de Comboio I** e o **Jardim Estação de Comboio II**, no percurso da linha ferroviária, como um conjunto de espaços de relação de forma a consolidar, inovar e valorizar a existência da linha. Todos estes espaços referidos, entende-se que tenham o objetivo de revitalizar, melhorar e contribuir ambiental, económica e socialmente para os próprios espaços e as áreas adjacentes.

A determinação dos seguintes espaços entende que estes devem ter uma organização coerente e semelhante entre todos, com um cuidado no tipo e na forma de manutenção dos pavimentos utilizados e na promoção de conforto e proximidade na cidade. Os espaços são o **Parque de Estacionamento Rainha**, junto ao Largo Conde Fontalva, aproveitando um espaço que pode ser como estrutura mais que estacionamento, o **Parque de Estacionamento dos Bombeiros** e o **Parque de Estacionamento da Policia** que já existem como parques de estacionamento, junto a estes serviços mais que é de todo o interesse melhorar, organizando os lugares e harmonizando o espaço; o **Parque de Estacionamento da Avenida de Independência Nacional** e **Parque de Estacionamento da Avenida 1º de Maio**, da mesma forma deveriam ser inovados.

Tendo em conta todas as ideias e referências importantes, como Cidade POLIS XXI, o programa de Regeneração Urbana e os desenvolvimentos de Paulino Montez que estão presentes ao longo do trabalho, de forma mais clara, apresentamos as seguintes **diretrizes**, principais e orientadoras do programa dos espaços públicos acima referidos:

- Proporcionar uma “cintura verde” de carácter urbano;
- Garantir ligação espaços públicos verdes com a envolvente;
- Promover o desenvolvimento educativo e formativo, sobre o ambiente e outras temáticas;
- Constituir sistemas de depuração e retenção de águas (bacias de retenção), biodiversidade na flora e fauna, estabelecendo maior proximidade e contacto com a natureza;
- Incluir valor de identidade caldense das várias fábricas emblemáticas da cidade, como Fábrica Faianças Bordallo Pinheiro, revalorizar as peças artísticas da Secla;
- Estabelecer ligação direta com instituições educativas e formativas e centros empresariais;
- Apoiar e estabelecer coesão social e desenvolvimento de zonas de bairros sociais;
- Garantir segurança e conforto em cada espaço;
- Permitir a participação ativa e maior envolvimento da população nas intervenções incutindo o sentido de colaboração, responsabilidade e civismo;

- Estabelecer funções principais e permitir a diversidade de atividades, desde que mantido o equilíbrio do espaço;
- Garantir os benefícios ambientais, sociais, estéticos e económicos.

### 18.1 Anteprojeto do espaço 7. “Jardim da Água”

Como exemplo prático de elaboração da requalificação o espaço 7 “Jardim das Águas”, como espaço público de carácter mais “Verde” e multifuncional, segundo o programa apresentado e as diretrizes (Anexo IX). Pretende-se promover a ligação com a sua envolvente, as zonas comerciais e o núcleo de serviços adjacente; considerar os seus elementos, como o aqueduto que aí existia ou a memória deste, o respeito pelo chafariz e a revitalização do “Jardim da Água”; assegurar a acessibilidade e mobilidade do Centro Hospitalar; e ainda formalizar uma das entradas sul da Mata Rainha Dona Leonor.

Sobre o espaço algumas particularidades e que estão representadas através de imagens no Anexo IX, sabemos que o Rei D. João V promoveu uma rede de abastecimento de água, onde foi inserido um aqueduto (Manuel da Maia e Eugénio dos Santos), assim como serviu de exemplo de plano de abastecimento para outros lugares como Santo Antão do Tojal e três chafarizes, o Chafariz das Cinco Bicas, o Chafariz da Estrada da Foz e o Chafariz do Largo D. Manuel I. Foram edificados em meados do século XVIII e constituindo-se como elementos do período barroco. Em 1982 foram classificados como Imóveis de Interesse Público, com um conjunto que perfaz o total de sete bicas ou o referido “sete-estrelado”, que estabelecem associação com mitologia às sete filhas de Atlas e de *oceâne Pleione*, ligação de pontos e cursos de água ao oceano (Go Caldas 2015; DGPC s.d.). Sobre o “Jardim da Água” ou “Quatro Estações”, uma obra de Ferreira da Silva, artista plástico, que teve o início na década de 80, apresenta-se um conjunto de lagos e esculturas, revestidas de azulejos e com associação à água e à cerâmica (Moura, 2012; Revista de Informação do SBC, 2008).

Atualmente é um parque de estacionamento, em parte desorganizado, e já foi o local onde temporariamente, se realizava o Mercado diário, quando a Praça da República estava a ser intervencionada. De referir que já Paulino Montez, no seu plano, também referia este espaço como *“Novo Largo ou Praça (X) e nova via (V) de acesso à Torre Manuelina da Igreja do Hospital Termal”*, apresentado no ponto V&X do Quadro XVII e *“Emolduramento da valorização do Chafariz das Cinco Bicas”*, apresentado no ponto H do Quadro XV no Anexo V.

O ante- projeto apresenta como objetivos específicos do local, elementos simbólicos, deve ser estabelecida a ligação com a identidade do espaço, a Água, através do Chafariz das Cinco Bicas, o aqueduto ou a memória deste e com o “Jardim de Água”. Para associar-se ao modelo de intervenções já desenvolvidas pelo programa de regeneração urbana, deve assegurar a existência dos vários tipos de pavimento, considerando diferentes permeabilidades e prioridades de uso, como Tipo I que é pedonal mas permite a circulação de tráfego automóvel mas é condicionada, o Tipo II e III, exclusivamente pedonal, sendo o tipo III identificativo de percursos e o Tipo IV, apresentando-se como particularidade. Assumindo carácter identificativo do programa mais “Verde”, a presença de vegetação de vários estratos e de mobiliário, permitindo a estadia e uma permanência ativa, deve ser estabelecida.

## Conclusão

As Caldas da Rainha é uma cidade onde os espaços públicos são efetivamente o “palco” de desenvolvimento e ação da população, dá a conhecer a sua identidade e tradição e, consegue estabelecer ligação com o desafio que é regenerar os espaços públicos urbanos de forma inovadora.

A ligação que justifica e fortalece os objetivos, de relação entre a identidade e os processos de regeneração urbana foi demonstrada que tem um grande valor e impacto na cidade. Deve permitir o desenvolvimento equilibrado da cidade e permitir a adaptação de novos espaços, que são necessários. A cidade tem potencial para manter e melhorar os espaços existentes e criar novos espaços, entre eles “verdes”, que irão beneficiar a qualidade da cidade e da vida da população.

Partindo da ideia de que a participação pública é de extrema relevância no desenvolvimento do planeamento urbano, foi possível comprovar esse aspeto e considerá-lo fundamental, através do inquérito realizado no âmbito da dissertação e até do cruzamento de dados com o segundo inquérito apresentado. Ainda permitiu a determinação dos espaços públicos a analisar, que serviram como referência dos espaços públicos da cidade.

É importante referir para além da forma como surgiu a cidade e foi evoluindo, a existência de princípios estruturantes de planeamento e expansão urbana, conclusão prática do desenvolvimento do arquiteto Paulino Montez, que demonstram que a cidade das Caldas de Rainha tem uma forte oportunidade de ser uma cidade equilibrada, diversificada e com potencial de uma imagem “modelo” de intervenções no espaço público. Assim como foi referido neste trabalho, a existência de exemplos de projetos de sucesso, que deram origem ao modelo de Barcelona, que indicam recomendações interessantes e permitem perceber metodologias de trabalho funcionais e como estabelecer uma relação saudável com os utilizadores. Estes que importa saber a opinião, através de inquéritos organizados e que transmitam ideias claras e indicativas.

A análise dos espaços públicos possibilitou perceber a classificação do ponto de vista do público sobre diversas categorias, considerando essas avaliações com um peso importante e, a partir desse ponto, produziu-se observações e recomendações sobre esses espaços. Concluindo este objetivo da dissertação, a determinação, análise e reflexão sobre os espaços públicos da cidade, constatou-se que desenvolvimento de toda a informação trabalhada permitia a elaboração de mais um momento de análise e reflexão sobre o espaço urbano e, que iria valorizar ainda mais os espaços públicos.

Foi pensado um conjunto de áreas para espaços públicos urbanos, com um carácter “verde” e a composição de diretrizes programáticas de como esses espaços se devem desenvolver e porquê. Sendo que os espaços públicos existentes conferem, na sua maioria, as condições satisfatórias, de multifuncionalidade e concentram-se num núcleo urbano, é de grande relevância apostar no desenvolvimento fora do núcleo, com a oportunidade de os trabalhar de forma mais “verde” e beneficiadora para a cidade. E também através de processos de regeneração urbana adquirir mais um importante valor identitário de compromisso com a cidade e a população.

## Bibliografia

- Ahern, J., S. Cilliers & J. Niemelä (2014). The concept of ecosystem services in adaptive urban planning and design: A framework for supporting innovation. *Landscape and Urban Planning* **125**: 255.
- Aires-Barros, L. (Coord. ., C.M.M. Costa, H.G. Pinto, I.C. de Sousa, J. da F. Caldeira Cabral, J. Mangorinha, J.C. Vieira da Silva, J.L. Zêzere, J.S. Sousa e Silva, L.S. Fadigas, L.N. Rodrigues, M. Hasse, M.G. Gonçalves, N.C. Guedes, N. Borges, P.F. Borges, V. Trancoso, J.B. Serra & F. Catarino (2005). *Caldas da Rainha: Património das Águas - A Legacy of Waters*. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Assírio & Alvim. Caldas da Rainha.
- Alfaiate, T. (2000). Expressão dos valores do sítio na paisagem. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- Antunes, P. (2015). Regeneração Urbana nas Caldas da Rainha deixou cidade em estado de sítio. *Jornal Tornado*. Disponível em <http://www.jornaltornado.pt/wp-content/uploads/2015/06/pracadafruta.jpg> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].
- Aparicio Puentes, M. (2011). El Modelo Barcelona de Espacio Público y Diseño Urbano: Producción cultural como motor de desarrollo urbano. El caso del programa “Fàbriques de Creació” de Barcelona. Novembro 9. Disponível em <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/20647> [consultado em 24 de Março de 2015].
- Baldovino, F. (2013). Quadcopter - Parque da Cidade - Porto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=C81JAHZHH60> [consultado em 23 de Janeiro de 2016].
- Bolund, P. & S. Hunhammar (1999). Ecosystem services in urban areas. *Ecological Economics* **29**(2) (Maio): 293–301.
- Bom Dia (2015). Caldas da Rainha quer ser Cidade Criativa da UNESCO. *Bom Dia*. Disponível em <http://bomdia.eu/caldas-da-rainha-quer-ser-cidade-criativa-da-unesco/> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].
- Bordallo Pinheiro (2016). A Bordallo Pinheiro. *Bordallo Pinheiro*. Disponível em <http://pt.bordallopinheiro.com/bordallo-pinheiro?fullview=true> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].
- Brandão, P. (2008). *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva*. Política de cidades 3. DGOTDU. Lisboa.
- Brandão, P., M. Carrelo & S. Águas (2002). *O Chão da Cidade - Guia de Avaliação do Design de Espaço Público*. Centro Português de Design. Lisboa.
- Caldeira Cabral, J. da F. (2005). A Modernização dos Espaços Verdes Termais. In: *Caldas da Rainha: património das águas - A Legacy of Waters*, 224, 228, 232. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Assírio & Alvim. Caldas da Rainha.
- Câmara Municipal das Caldas da Rainha (2015). Programa de Acção “Caldas, Comércio e Cidade”, Programa de Regeneração Urbana. Disponível em [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/ACTIVIDADE\\_MUNICIPAL/PLANEAMENTO\\_URBANISMO/REGENERACAO\\_URBANA/OBJECTIVOS](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/ACTIVIDADE_MUNICIPAL/PLANEAMENTO_URBANISMO/REGENERACAO_URBANA/OBJECTIVOS) [consultado em 4 de Outubro de 2015].
- Carles, J.L., I.L. Barrio & J.V. de Lucio (1999). Sound influence on landscape values. *Landscape and Urban Planning* **43**(4) (Janeiro 25): 191–200.
- Carr, S., M. Francis, L.G. Rivlin & A.M. Stone (1992). Needs in public space - 26. In: *Urban Design Reader*, 230–238. Matthew Carmona and Steve Tiesdell. Architectural Press.
- Carvalho, C. (2011). Bordallo Pinheiro convida artistas brasileiros para criação de peças inéditas. *Público*. Disponível em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/bordallo-pinheiro-convida-artistas-brasileiros-para-criacao-de-pecas-ineditas-1514900> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].
- Catarino, F. (2005). A propósito da Mata das Caldas. In: *Caldas da Rainha: património das águas - A Legacy of Waters*, 239. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Assírio & Alvim. Caldas da Rainha.

- Chiesura, A. (2004). The role of urban parks for the sustainable city. *Landscape and Urban Planning* **68**(1): 137.
- (Coord.) Guiu, O., À.S. Vidiella & F.Z. Mola (2012). *Paisajismo Urbano Barcelona Urban Landscape*. Ajuntament de Barcelona. Barcelona.
- Costa, H.S. de M. (2011). Desenvolvimento urbano sustentável: uma contradição de termos? *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* **0**(2) (Setembro 8): 55–71.
- DGPC (s.d.). Chafariz das Cinco Bicas. *Património Cultural – Direção Geral do Património Cultural*. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73855> [consultado em 29 de Janeiro de 2016].
- El Haddad, M. (2012). El Modelo Barcelona de Espacio Público y Diseño Urbano: Small-Scale Public Interventions as Urban Acupuncture (Janeiro). Disponível em <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/26622> [consultado em 24 de Março de 2015].
- Estúdio - Caldas da Rainha (s.d.). Estúdio - Caldas da Rainha. Disponível em <http://estudio-caldasdarainha.com/intro/> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].
- Fadigas, L. de S. (1993). A natureza na cidade. Uma perspectiva para a sua integração no tecido urbano. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2809> [consultado em 20 de Novembro de 2015].
- Fadigas, L.S. (2005). O Desenvolvimento Urbano das Caldas da Rainha. In: *Caldas da Rainha: património das águas - A Legacy of Waters*, 254, 255, 256, 257. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Assírio & Alvim. Caldas da Rainha.
- Feliciano, M., A. Gonçalves, J.P. Cortez, L. Nunes, O. Rodrigues, A.C. Ribeiro, T. Nunes & A. Cardoso (2007). Os impactes dos espaços verdes na qualidade do ambiente urbano. In: *Actas da 2ª Conferência Nacional de Avaliação de Impactes «Avaliação de Impactes: que contributos para a Gestão do Território?»*. APAI - Associação Portuguesa de Avaliação de Impactes. Castelo Branco. Disponível em <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/5925> [consultado em 25 de Março de 2015].
- Ferrão, R.G. (2013). Luiz Pacheco - “O Caso Ferreira da Silva.” *Cerâmica Modernista em Portugal*. Disponível em [http://ceramicamodernistaemportugal.blogspot.pt/2013\\_07\\_01\\_archive.html](http://ceramicamodernistaemportugal.blogspot.pt/2013_07_01_archive.html) [consultado em 24 de Janeiro de 2016].
- Gabinete do Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades (2008). Política de Cidades POLIS XXI. MINISTÉRIO DO AMBIENTE, DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL.
- Go Caldas (2015). Chafarizes Entrada Gratuita Caldas da Rainha. *Go Caldas - Guia Turístico das Caldas da Rainha*. Disponível em <https://pt.gocaldas.com/2015/03/16/chafarizes-caldas-da-rainha/> [consultado em 29 de Janeiro de 2016].
- Guedes, N.C. (2005). A Museologia e o Património Cultural. In: *Caldas da Rainha: património das águas - A Legacy of Waters*, 300. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Assírio & Alvim. Caldas da Rainha.
- Handley, J., S. Pauleit & S. Gill (2007). Landscape, Sustainability and The City - Chapter 9. In: *Landscape and Sustainability*, 175. Second Edition. Taylor & Francis.
- Jardim de Infância do Coto (2011). Mata Rainha Dona Leonor. *Jardim de Infância do Coto*. Julho. Disponível em <http://jardimdocoto.blogspot.pt/2011/07/mata-rainha-dona-leonor.html> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].
- Lamas, J.M.R.G. (2004). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a ciência e Tecnologia.
- Lemper, B. (2012). Inquérito à População: Caracterização dos Espaços Públicos. Câmara Municipal Caldas da Rainha.
- Loboda, C.R. & B.L.D.D. Angelis (2005). Áreas Verdes Públicas Urbanas: Conceitos, Usos e Funções. *AMBIÊNCIA* **1**(1) (Junho 1): 125–139.



- Machado, J.S., J.C. Vieira da Silva & V. Serrão (1993). Capítulo 3. A fundação das Caldas e a sua evolução nos primeiros séculos. In: *Terra das Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura*. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Caldas da Rainha.
- Magalhães, M.R. (1992). A Evolução do Conceito de Espaço Verde Público Urbano. *Agros - Revista Técnico-Científica da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia*(2): 10–18.
- (2001). *A Arquitectura Paisgista - Morfologia e Complexidade*. Estampa. Lisboa.
- Magalhães, M.R., M.H. Presas, A.I. Resende & J.G. Alvarez (1992). *Espaços verdes urbanos*. Obras de divulgação DGOT 25. DGOT. Lisboa.
- Marques, P.F., C. Fernandes, J.M. Lameiras, S. Silva, I. Leal & F. Guilherme (2011). *Morfologia e Biodiversidade nos Espaços Verdes da Cidade do Porto, Livro 1 - Selecção das áreas de estudo*. CIBIO . Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos. Disponível em <http://bio-diver-city.fc.up.pt/> [consultado em 21 de Junho de 2016].
- Monclús, F.J. (2003). El “ modelo Barcelona”?’ una fórmula original?. De la “ reconstruccion” a los proyectos urbanos estratégicos (1979-2004). *Perspectivas Urbanas/Urban Perspectives*. 2003, núm. 3. Disponível em <http://upcommons.upc.edu/handle/2099/703> [consultado em 16 de Outubro de 2015].
- Montez, P. (1928). Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha. Lisboa.
- (1928). *Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha*. Vol. II. 2 vols. Lisboa.
- (1941). Caldas da Rainha, um plano de extensão de regularização e de embelezamento da cidade.
- Mora, M.A.R. (2009). Indicadores de Calidad De Espacios Públicos Urbanos, Para La Vida Ciudadana, En Ciudades Intermedias. *Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado/As cidades médias ou intermédias em num mundo globalizado*: 1, 4.
- Moura, J. (2012). areia-do-tempo: ... um projecto único nas Caldas da Rainha... *areia-do-tempo*. Março. Disponível em <http://areia-do-tempo.blogspot.pt/2012/03/um-projecto-unico-nas-caldas-da-rainha.html> [consultado em 29 de Janeiro de 2016].
- Mullaney, J., T. Lucke & S.J. Trueman (2015). A review of benefits and challenges in growing street trees in paved urban environments. *Landscape and Urban Planning* **134** (Fevereiro): 157–166. doi:10.1016/j.landurbplan.2014.10.013.
- Nunes da Silva, F. (Coord. ., M. da G. Saraiva, I.L. Ramos, J. Gonçalves, R. Soares, R. Florentino, A. Gomes, P. Cambra, R. Lajas, T. Teixeira, C. Landeiro & J. Batista e Silva (2009). *Métodos e Técnicas para o Desenvolvimento Urbano Sustentável - A Experiência dos Projectos Polis - Expoente '8*. Núcleo de Comunicação e de Assessoria Mediática Parque EXPO 98. Lisboa.
- Palomo, P.J.S. (2003). La planificación verde en las ciudades.
- Pinto, H.G. (2005). O «Passear as Águas». In: *Caldas da Rainha: património das águas - A Legacy of Waters*, 201, 210, 212, 213. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Assírio & Alvim. Caldas da Rainha.
- Portas, N., Á. Domingues, J. Cabral, P. Silva & A. Tavares (2003). *Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades*. Fundação Calouste Gulbenkian. Manuais Universitários. CEFA/FCG. Lisboa.
- PPS (2015a). A Thriving Future of Places: Placemaking as the New Urban Agenda. *Project for Public Spaces*. Disponível em <http://www.pps.org/a-thriving-future-of-places-placemaking-as-the-new-urban-agenda/> [consultado em 17 de Novembro de 2015].
- (2015b). Project for Public Spaces | Placemaking for Communities. Disponível em <http://www.pps.org/> [consultado em 25 de Março de 2015].
- (2015c). What Makes a Successful Place? *Project for Public Spaces*. Disponível em <http://www.pps.org/reference/grplacefeat/> [consultado em 17 de Novembro de 2015].
- Reis, D. & M.L. Fonseca (1981). *Caldas da Rainha: estrutura funcional e áreas sociais*. Centro de Estudos de Geografia, Universidade de Lisboa. Estudos para o planeamento regional e urbano 15. Lisboa.

- Revista de Informação do SBC (2008). O “Jardim da Água” nas Caldas da Rainha e a obra artística de Ferreira da Silva. *costa brites*. Janeiro. Disponível em <https://costabrites.wordpress.com/2008/04/22/o-jardim-da-agua-nas-caldas-da-rainha-e-a-obra-artistica-de-ferreira-da-silva/> [consultado em 29 de Janeiro de 2016].
- Rézio, M. (2008). A Cidade Termal Das Caldas Da Rainha: Construção Do Primeiro Hospital Termal: Fundação Da Cidade, Função Social E Expansão Territorial. In: , 8, 10. Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais Humanas. Lisboa, Junho.
- Rio, R., Á. Castello-Branco, E.L. Miller, C.W. Thompson, J. Hopkins, A. Costa, E.C. Marchal, E.K. Uhler, B. Chaves, A.V. Milheiro, V. Nefedov, H. Bettencourt, M. Magalhães, N. Oliveira, T.W. Ryan, R. Dias, K.H.C. Ludwig, L. Genésio, P. Tavares, F. Sendas, *et al.* (2006). *Parques Urbanos e Metropolitanos - Manual de Boas Práticas*. Câmara Municipal do Porto. Porto.
- Rodrigues, L.N., J. Mangorrinha, C. Horta & J.B. Serra (1993). Capítulo 4. Do século XVIII às revoluções liberais. In: *Terra das Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura*, 113, 122, 151. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Caldas da Rainha.
- Roe, M. (2007). The Social Dimensions of Landscape Sustainability - Chapter 4. In: *Landscape and Sustainability*, 65. Second Edition. Taylor & Francis.
- Rogers, R. & P. Gumuchdian (2001). *Cidades para um pequeno planeta*. Gustavo Gili. Barcelona.
- Sanesi, G. & F. Chiarello (2006). Residents and urban green spaces: The case of Bari. *Urban Forestry & Urban Greening* 4(3)–(4) (Abril 3): 125–134.
- Serra, J.B. & P. Cândido (1993). Capítulo 6. Caldas moderna: os últimos 100 anos. In: *Terra das Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura*, 382, 385, 387, 442, 446, 492. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Caldas da Rainha.
- Serra, J.B., M. Tavares & L. Verdelho da Costa (1993). Capítulo 5. Caldas moderna: a segunda metade do século XIX. In: *Terra das Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura*, 261, 273, 311, 313. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Caldas da Rainha.
- Tavares, M. (Coord. ., L.N. (Coord. . Rodrigues, J.B. (Coord. . Serra, E.R. Gonçalves, R. Banha da Silva, J.S. Machado, J.C. Vieira da Silva, V. Serrão, J. Mangorrinha, C. Horta, M. Tavares, L. Verdelho da Costa & P. Cândido (1993). *Terra das Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura*. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Caldas da Rainha.
- Thompson, C.W. (2002). Urban open space in the 21st century. *Landscape and Urban Planning* 60(2). Landscape of the future, The future of Landscape Architecture Education (Julho 30): 61. doi:10.1016/S0169-2046(02)00059-2.
- Thompson, I. (2007). The Ethics of Sustainability - Chapter 2. In: *Landscape and Sustainability*, 21. Second Edition. Taylor & Francis.
- Tibbalds, F. (1992). “Places” matter most - 1. In: *Urban Design Reader*, 9, 11. Matthew Carmona and Steve Tiesdell. Architectural Press.
- Trancoso, V. (1999). *Caldas da Rainha - Um Contributo Iconográfico através do Bilhete Postal Ilustrado editado até Meados do Século XX*. ELO - Publicidade, Artes Gráficas, Lda. Lisboa, Março.
- Vale, M. & L. Grave (2015). Atributos Fundamentais Do Meio Urbano Sustentável – Contributos Para Um Modelo De Indicadores De Avaliação Estratégica Sistemática.
- Vassalo, V.P.L. & P.J.S. Figueiredo (2010). Sustentabilidade dos espaços urbanos. In: 4º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PARA O PLANEAMENTO URBANO, REGIONAL, INTEGRADO, SUSTENTÁVEL, 3, 4. Disponível em <http://pluris2010.civil.uminho.pt/Actas/PDF/Paper482.pdf> [consultado em 25 de Março de 2015].
- Wall, A. (1999). Programming the Urban Surface. In: *Recovering Landscape: Essays in Contemporary Landscape Theory*, 241, 242. Princeton Architectural Press, Agosto 1.
- WEBBOOK PORTO (2015). PARQUE DA CIDADE PORTO 1. *WEBBOOK PORTO*. Disponível em <http://blog.webbook.pt/2015/05/25/os-7-spots-para-correr-ao-ar-livre-que-vai-querer-conhecer-parque-da-cidade-porto-1/> [consultado em 23 de Janeiro de 2016].

Anon.(2014). St Joan Promenade. *Le Pamphlet*. Disponível em <http://lepamphlet.com/2012/06/13/st-joan-promenade/> [consultado em 6 de Janeiro de 2016].





Anexos



**ANEXO I – Quadro XII Designações e descrições**

Tabela que apresenta um conjunto designações e descrições em relação ao Projeto Greenurbe, na cidade de Bragança, adaptada através do artigo consultado “Os Impactes Dos Espaços Verdes Na Qualidade Do Ambiente Urbano.” In *Actas Da 2ª Conferência Nacional de Avaliação de Impactes “Avaliação de Impactes: Que Contributos Para a Gestão Do Território?”*, de Manuel Feliciano, entre outros. 2007 APAI - Associação Portuguesa de Avaliação de Impactes. Castelo Branco

<b>Categorias de Espaços</b>	<b>Descrição</b>	<b>Vegetação</b>
<b>Jardins e Parques Públicos</b>	Espaços desenvolvidos para servir de base ao recreio e lazer, com um aspecto estético cuidado. Na maioria geridos pela Autarquia.	Com uma grande diversidade de elementos, de espécies endémicas a exóticas, a maior parte dos espaços combina árvores com elementos de relva. Os espaços consolidados encontram-se nos bairros mais antigos, onde podemos encontrar as árvores de maior porte.
<b>Expectantes</b>	Espaços livres aguardando desenvolvimento, situação que resultou de causas naturais (espaços agrícolas e florestais abandonados) ou de alterações motivadas por construções ou outras actividades.	Geralmente solo desnudado, com escassa vegetação espontânea. Em muitos casos estabelecem a transição entre espaços rurais e florestais, e os espaços pavimentados ou construídos. Podem surgir espécies endémicas espontâneas.
<b>Corredores e espaços de ligação</b>	Espaços que estabelecem ligações no seio da estrutura urbana, especialmente por estruturas lineares e linhas de água.	A maioria dos corredores está associada a envolventes fluviais, estando compostos por vegetação ripícola, onde se destacam os amieiros, freixos, choupos e com menos expressão os salgueiros e por vezes ulmeiros. Refere-se a existência de exemplares de espécies autóctones ameaçadas como a <i>Populus nigra</i> .
<b>Espaços ligados ao Tráfego</b>	Estruturas pontuais, lineares ou espaciais, que combinadas ao longo das vias oferecem protecção e sombra aos peões.	Espaços compostos por árvores de arruamentos e, ocasionalmente, por arbustos e vedações. As espécies arbóreas incluem uma grande diversidade de espécies desde resinosas a folhosas mas com claro predomínio das últimas, destacando-se a <i>Platanus hispânica</i> , <i>Acer pseudoplatanus</i> , <i>Quercus rubra</i> e <i>Liquidambar styraciflua</i> .
<b>Espaços Históricos-Culturais</b>	Jardins associados a elementos históricos e culturais, incluindo o castelo local e igrejas.	Espaços verdes consolidados integrando elementos relevantes de vegetação. As árvores de maior porte estão geralmente situadas nestes espaços, tais como plátanos e tílias.

<b>Espaços de Equipamentos</b>	Correspondem a uma grande diversidade de espaços na envolvente de edifícios de serviços públicos e privados.	Uma grande diversidade de situações é observável, de espaços quase abandonados, a espaços verdes de grande qualidade. Alguns espaços, tais como, piscinas públicas ao ar livre e outras instalações desportivas, correspondem a espaços verdes de grande qualidade.
<b>Espaços Residenciais</b>	Espaços na envolvente de edifícios, incluindo alguns espaços de recreio.	Compostos principalmente de relvados e arbustos. Os Logradouros incluem por vezes árvores e elementos estéticos.
<b>Espaços Industriais</b>	Espaços na envolvente de instalações industriais.	Geralmente com uma exígua cobertura vegetal.
<b>Campos agrícolas</b>	Espaços em localizações peri-urbanas em locais geralmente planos.	Os elementos mais importantes são os campos destinados à cultura do cereal. Junto aos cursos de água e nas margens fluviais, encontramos áreas de lameiro. Existem alguns olivais e pequenas vinhas. Outros elementos presentes são pequenos pomares de fruto e sotos muito reduzidos ou mesmo castanheiros dispersos.
<b>Florestas</b>	Pequenos bosques remiiscentes em espaços intra-urbanos. Algumas importantes florestas locais estendem-se até espaços peri-urbanos.	Pequenos bosquetes de pinheiro bravo, azinheira e carvalho negral. Plantações de choupo e algumas áreas de soto. Junto às margens fluviais podemos observar alguns maciços mais densamente arborizados, sobretudo com a presença de amieiro, freixo, e choupo.



**ANEXO II – Quadro XIII Pilares**

Vassalo, V. P. L., and P. J. S. Figueiredo. 2010. “Sustentabilidade Dos Espaços Urbanos.” In *4º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PARA O PLANEAMENTO URBANO, REGIONAL, INTEGRADO, SUSTENTÁVEL*.

---

**Tabela 1 Pilares do Desenvolvimento Sustentável e Correspondentes Áreas de Sustentabilidade Urbana** Fonte: Adaptado de Vassalo (2010)

---

**Pilares do Desenvolvimento Sustentável / Áreas de Sustentabilidade Urbana**

---

**Ambiental**

**Solo** (requalificação de solos e áreas degradadas; densidade e uso misto do solo), **Ambiente Construído e Paisagem Urbana** (eco- eficiência na construção; valorização do património construído e da paisagem), **Ambiente e Estrutura Ecológica** (corredores verdes: protecção ambiental; protecção de áreas protegidas e espécies em Risco), **Passivos Ambientais e Alterações Climáticas** (efluentes; resíduos; emissões atmosféricas ruído; poluição térmica), **Gestão e Tecnologia Ambiental**.

---

**Social e cultural**

**Qualidade social** (comunidades inclusas; governança e participação; oferta cultural e lazer; saúde; educação e protecção civil).

---

**Económico**

**Dinâmicas económicas** (emprego; economia local e competitividade; serviços urbanos, habitação), Mobilidade e transportes (acesso a transportes públicos; mobilidade de baixo impacte; proximidade de amenidade Locais).

---

**ANEXO II – Quadro XIV Estratégias**

---

**Tabela 2 Estratégias de Acção e Correspondentes Áreas de Sustentabilidade Urbana** Fonte: Adaptado de Vassalo (2010)

---

**Estratégias de Acção / Áreas de Sustentabilidade Urbana**

---

**Revitalização / Requalificação das Áreas Urbanas**

Património histórico-construído; Áreas degradadas e obsoletas; Periferias-urbanas; Paisagem

---

**Densidade e Usos Mistos**

Uso e ocupação do solo sustentável; Ocupação multifuncional do espaço; Diversidade de vivência nos espaços

---

**Espaços Públicos Qualificados**

Espaços qualificados de relação e convívio; Diversidade de vivência nos espaços públicos

---

**Mobilidade e Acessibilidade Universal**

Redes de acessibilidades e alternativas de mobilidade ao transporte privado; Mobilidade de baixo impacto e acesso para todos

---

**Matriz de Recursos Naturais, Energia e Resíduos**

Eficiência no uso dos recursos e energia (energia, água, e materiais); Eco- eficiência na construção

---

**Gestão e Passivos Ambientais**

Gestão do Ambiente e aplicação de novas tecnologias ambientais; Efluentes líquidos; Resíduos sólidos; Emissões atmosféricas; Ruído; Poluição térmica

---

**Estrutura Ecológica Urbana**

Estrutura ecológica e parque urbano; Qualidade do ambiente natural e construído

---

**Dinâmicas Sociais e Económicas**

Coesão social e a participação cívica; Satisfação das necessidades básicas (habitação, saúde, educação, emprego); Economia diversificada, dinâmica e inovadora; Competitividade dos territórios

---

**Anexo III – Descrições interessantes sobre o a Mata Dona Leonor e o Parque D. Carlos I e estudo do Professor Fernando Catarino. Fonte: Adaptado de (Aires-Barros et al. 2005: 17)**

Falando de uma descrição sobre a Mata Dona Leonor, diz *“Considera este autor, com razão, que a Mata Rainha D. Leonor e o Parque D. Carlos I são duas jóias botânicas. Pela singeleza da sugestiva descrição que este autor faz da Mata Rainha D. Leonor não resistimos a transcrevê-la. Ei-la: «Orientada a nascente, em inclinação suave, é precedida de harmonioso jardim romântico anexo ao Palácio Real. Daqui se desenvolve, encosta acima, em arboreto denso e variado em espécies botânicas e contrastes de sombra e luz. Boa parte das árvores perde as folhas pelo Outono e Inverno. O chão e as alamedas enchem-se de cores quentes, animadas pela entrada facilitadora da luz pelas ramagens despidas e pelos reflexos da folhagem verde negra dos loureiros e dos arbustos sempre-verdes do sub-bosque. Mas é no Verão, no pico da estação dos banhos que a Mata se abre em todo o seu esplendor e fascínio de frescura e sombra. Amplas alamedas e veredas mais recolhidas abertas na espessura dos arvoredos agrestes de espécies nativas e exóticas permitem contactar em directo com a Mãe Natureza e apelam ao recreio do espírito e ao exercício e descanso do corpo, componentes a não desprezar tanto no receituário da hidroterapêutica, como no singelo gozo de tempos livres e de paragem para quem trabalha ou viaja.»”*

Sobre o Parque D. Carlos I *“Quanto ao Parque D. Carlos I afirma: «... é um local mágico. De perfil artificialmente aplanado em que se tornou necessário encanar duas linhas de água, uma delas há perto de trezentos anos e outra nos finais do século-lo XIX e tendo sido construído um amplo espelho de água de contorno irregular e provido de uma ilha de acesso por ponte de grande interesse cénico, onde todo o espaço é essencialmente votado à utilização de lazer e convívio cívico. Rico de volumes e cores, no decorrer de pouco mais de um século tão bem amadureceu na excelente atmosfera que oferece e que lhe é dada por variados e notáveis exemplares de árvores, de cor e sombra, pelas áleas bem lançadas, e pelos canteiros de relva e flores. O Parque funcionou sempre e funciona ainda como átrio do espaço urbano das Caldas e nele perduram marcas de vivências, cosmopolitismo, cultura e modernidade de lazeres. O que hoje é um Parque ordenado a régua e esquadro foi na origem um conjunto de terras de pão, pasto, pomares, vinhas, sebes e pinhais. Pouco se manteve desse uso da terra, mas a sua importância reforça a necessidade de futuras intervenções não apagarem de todo estes sinais mas, pelo contrário, de os reforçarem no entorno urbano, no qual funcionariam como zonas de tampão e espaços pedagógicos e de lazer.»”*

Ainda de referir sobre o estudo desenvolvido pelo Prof. Fernando Catarino sobre a recuperação da Mata diz *“que «um programa de reordenamento da Mata e dos espaços contíguos representaria um ganhar de melhor experiência na reabilitação de paisagens vegetais degradadas. Tal decisão valorizaria de imediato este significativo espaço verde do território caldense, local privilegiado de educação ambiental em que a compreensão de importantes processos como a dinâmica e funcionamento do coberto vegetal, a formação e evolução do solo e o seu efeito decisivo na protecção e recarga dos freáticos, são fundamentais. O esperado sucesso da reabilitação da Mata acabaria por ter, além do mais, o acrescido valor de um exemplo bem sucedido, a nível local e regional, da valorização das paisagens mediterrânicas.»”*



**ANEXO IV – Inquérito realizado no âmbito da dissertação**

**Importância dos espaços públicos urbanos das Caldas da Rainha**

Nota: Este inquérito destina-se a moradores e/ou visitantes da cidade das Caldas da Rainha.

Os resultados deste inquérito serão utilizados para uma tese de Mestrado em Arquitetura Paisagista, do Instituto Superior de Agronomia (Universidade de Lisboa), cuja finalidade é de avaliar a importância dos espaços públicos urbanos, nomeadamente de espaços verdes, nas Caldas da Rainha e de que forma a regeneração urbana pode melhorar esses mesmos espaços, do ponto de vista do utilizador.

Agradeço-lhe a sua disponibilidade para responder a este inquérito. A informação é estritamente confidencial.

**Identificação**

**Sexo** F \_\_\_ M \_\_\_ **Freguesia de residência** \_\_\_\_\_

**Ocupação** \_\_\_\_\_ **Idade** \_\_\_\_\_

**Morador** \_\_\_ ou **Visitante** \_\_\_

**Grupo A**

**1. Com que frequência usa os espaços públicos da cidade das Caldas da Rainha?**

Diariamente \_\_\_ Semanalmente \_\_\_ Mensalmente \_\_\_

Raramente \_\_\_ Nunca \_\_\_

**2. Como se desloca até a cidade?**

A pé \_\_\_ De bicicleta \_\_\_ De carro \_\_\_ De transportes públicos \_\_\_  
Outro \_\_\_

**3. Quais são os espaços que mais frequenta? (Pode selecionar até 3 espaços)** \*RU - Regeneração Urbana

1. Parque D. Carlos I \_\_\_ 2. Mata Dona Leonor \_\_\_ 3. Skatepark \_\_\_  
4. Pç. da República RU (Pç. da Fruta) \_\_\_ 5. Rua Almirante Cândido Reis (Rua das "Montras") \_\_\_  
6. Pç. 25 de Abril (Câmara/ Igreja) RU \_\_\_ 7. Avenida 1º Maio RU \_\_\_  
8. Pç. 5 de Outubro (dos "bares" ou "antiga Pç. Peixe") \_\_\_ 9. Avenida Independência Nacional RU \_\_\_  
10. Lg. Rainha Dona Leonor e Lg D. Manuel I (Junto ao H. Termal) \_\_\_ 11. Outro \_\_\_\_\_

**4. Porque é que usa esses espaços selecionados? (Pode selecionar até 3 razões)**

Trabalho \_\_\_ Compras \_\_\_ Morador \_\_\_ Atividades ao "ar livre" \_\_\_  
Passear/ Lazer \_\_\_ Desporto \_\_\_ Passagem \_\_\_ Atividades culturais \_\_\_  
Saída/ Convívio \_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

**Grupo B**

**5. Porque é que não usa os outros espaços para além dos selecionados? (Pode selecionar até 3 razões)**

Falta de segurança \_\_\_ Espaço desagradável \_\_\_ Ruído \_\_\_ Desconforto \_\_\_  
Falta de Equipamentos \_\_\_ Falta de Atividades de Interesse \_\_\_ Poluição \_\_\_  
Falta de Vegetação \_\_\_ Apresenta obstáculos à mobilidade \_\_\_ Proximidade \_\_\_  
Outro \_\_\_\_\_

**6. Se selecionou as opções “Falta de Atividades de Interesse” e/ou “Falta de Equipamentos”, indique-nos quais as Atividades/ Equipamentos que gostaria que existissem.**

---



---

### Grupo C

**7. De um dos espaços que mais frequente (Qual?) \_\_\_\_\_, considera que é um espaço bem desenhado, confortável, harmonioso, funcional, ou seja, um bom espaço?**

Discordo totalmente \_\_\_\_ Discordo \_\_\_\_ Não concordo nem discordo \_\_\_\_

Concordo Totalmente \_\_\_\_ Concordo \_\_\_\_

**8. Classifique esse espaço referido acima relativamente aos seguintes temas:**

<b>Categorias</b>	<b>Muito Fraco</b>	<b>Fraco</b>	<b>Bom</b>	<b>Muito Bom</b>
Presença de Vegetação				
Iluminação				
Ruído				
Segurança				
Limpeza				
Manutenção				
Acessibilidades				
Pavimento				
Presença de Equipamentos (Bancos, caixotes, etc)				
Elementos de Água				
Elementos Decorativos (Azulejos, Estatuária, etc)				

### Grupo D

**9. Acha que deveria de haver mais espaços com presença de vegetação ao longo da cidade das Caldas da Rainha?** Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**10. Se respondeu “Sim”:**

Quais? \_\_\_\_\_ E porquê? \_\_\_\_\_

---

**11. Em relação a todo o espaço público das Caldas da Rainha, indique três palavras que descrevam:**

O que mais gosta:

O que menos gosta:

O que gostaria de ter:

---



---



---



---



---



---



---



---



---

**12. Considerando a importância da necessidade de intervenções, algumas no âmbito do programa de Regeneração Urbana, nos espaços públicos da cidade das Caldas da Rainha, indique-nos**

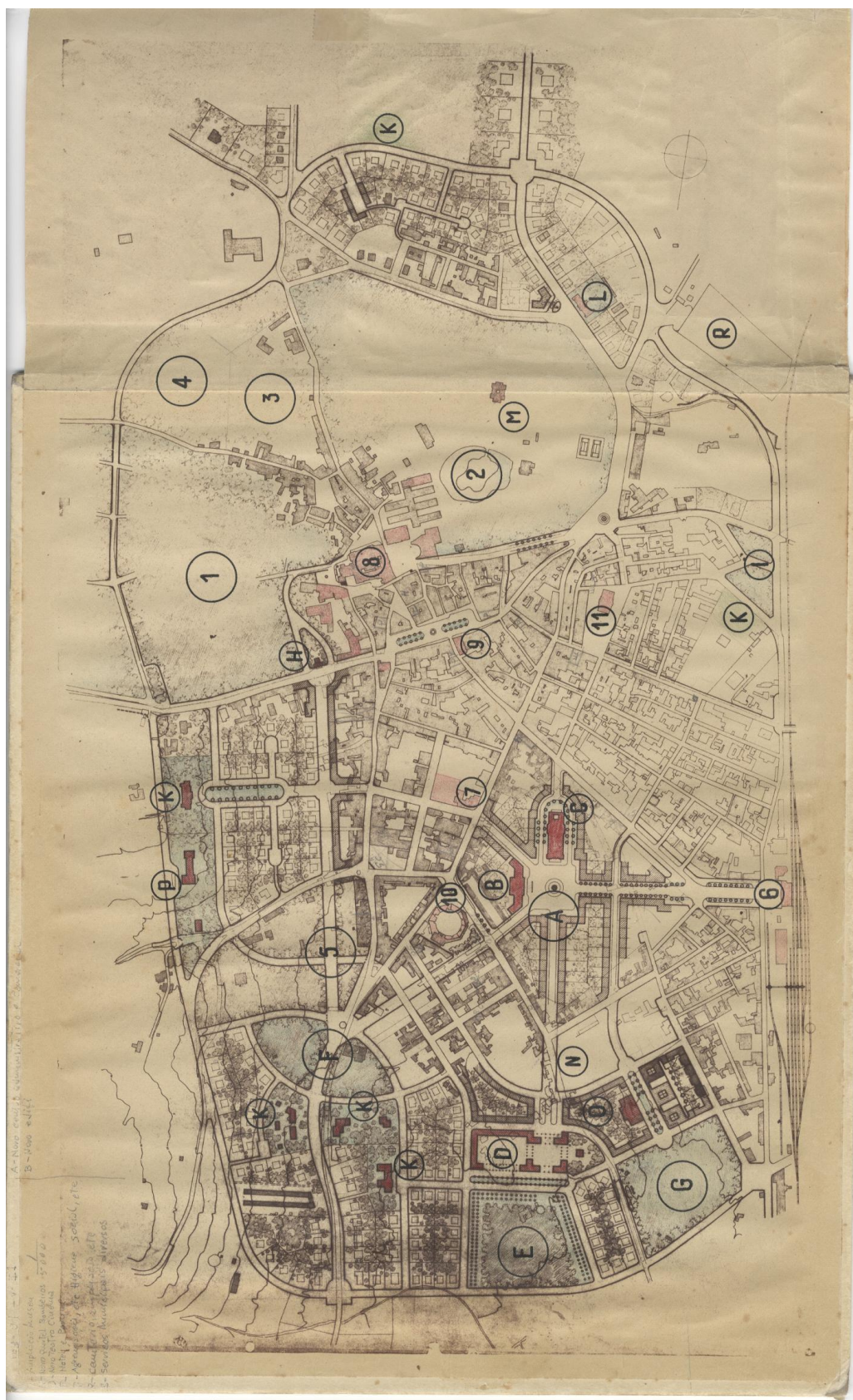
**a) Se acha importante a opinião pública antes da execução de intervenções?** Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**b) Como parte do público tem uma participação ativa sobre as intervenções?** Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**Porquê?** \_\_\_\_\_

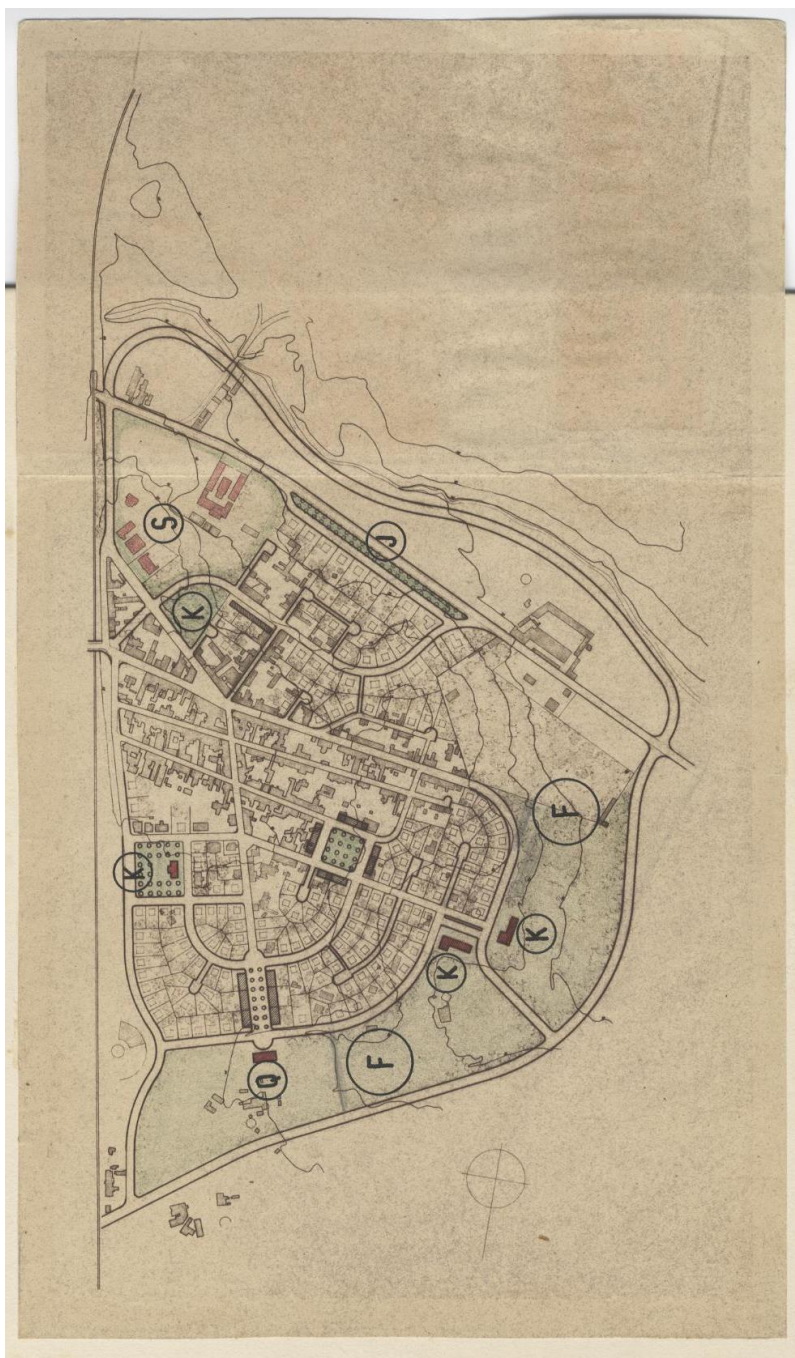
**Muito Obrigado pela Sua Colaboração!**

**ANEXO V - Planos de Pormenor do plano de urbanização do Arquiteto Paulino Montez 1928**



**Figura 67. Plano de edifícios e áreas 5 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928. Fonte: Adaptado de (Montez, 1928)**





**Figura 68. Plano de edifícios e áreas 6 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928. Fonte: Adaptado de (Montez, 1928)**

Neste anexo, está apresentado os vários componentes desde edifícios, áreas e traçado, que comportam um conjunto de justificações coerente para um plano de urbanização, que no documento original encontram-se desde a página 86 a 107 e a legenda correspondente. (Montez, 1928, p. II:)



**Quadro XV - Legenda A dos planos de edifícios e áreas 5 & 6 do plano de urbanização de Paulino Montez, 1928, retirado do conjunto de páginas 89 a 93 do livro volume II Fonte: Adaptado de (Montez, 1928, p. II:)**

<b>A</b> – Novo Centro Administrativo e Comercial para descongestionamento do centro actual, a situar nos terrenos da antiga Cêrca do Borlão e nas imediações (sector Norte)
<b>B</b> – Novo edifício da Camara Municipal e terrenos para o novo edifício do Tribunal
<b>C</b> – Nova Igreja
<b>D</b> – Novos Mercados camarários (Não executado)
<b>E</b> – Novo Campo da Feira. Edifícios não determinados, de interesse colectivo e a construir no mesmo Centro. (Não executado)
<b>F</b> – Novos Parque Públicos (Não executado)
<b>G</b> – Espaço Livre, arborizado e servindo de parque de viaturas (sobretudo em ocasiões de feira) (Parcialmente executado)
<b>H</b> – Parque de viaturas (Particemente feito) e Emolduramento da valorização do Chafariz das Cinco Bicas
<b>I</b> – Parque de viaturas (lado Sul) (Não executado)
<b>J</b> – 1. Parque de viaturas (faixa arborizada, servindo, simultaneamente, de isolamento de residências); 2. Jardins (placas com indicação a verde); 3. Nova Praça (confrontação com os novos edifícios da Igreja, C e dos Paços do Concelho, B); 4. Nova Praça, em frente da estrada principal do novo Mercado, D; 5. Nova Praça, no centro do Sector do Oeste da V.F. (Indicações parcialmente feitas)
<b>K</b> – Parque de Grupos de Escolares para os diversos graus de ensino. (Em parte executadas)
<b>L</b> – Ampliação do logradouro da Escola primaria existente (edifício próprio)
<b>M</b> – Ampliação do Museu existente no Parque de D. Leonor; Biblioteca Pública, a localizar no mesmo Parque (Parte feita)
<b>N</b> – Novo Quartel dos Bombeiros (Não executado)
<b>O</b> - Novo Teatro-Cinema (Executado, mas já inexistente)
<b>P</b> – Hotel de recolhimento e respectivo parque (Não executado, mas perto instalou-se o Lar do Montepio)
<b>Q</b> – Agremiação comercial, cultural ou recreativa; Outras instalações para agremiações e para serviços de Higiene Social, a localizar em pontos não determinados, por dependerem, essas instalações, de programas não conhecidos; Hospital de Clinica Geral, para substituição do existente (a localizar no sector de Sudeste, em xona de transição rural ou em

---

terreno de Mata das Termas); Novo Matadouro Municipal, a localizar em zona rural; Novas instalações da Unidade Militar, a situar em zona rural (Já se encontram em construção, a Sul da Cidade); Estádio e respectivos parques de viaturas, a localizar em terrenos da Mata e a Leste da via envolvente do aglomerado.

---

**R** – Cemitério existente: Sua ampliação sobre os terrenos das imediações.

---

**S** – Serviços Municipais diversos

---

**Quadro XVI - Legenda B dos planos de edifícios e áreas 5 & 6 do plano de urbanização de Paulino Montez, 1928, retirado da página 107 do livro volume II Fonte: Adaptado de (Montez, 1928, p. II:)**

---

**1** - Mata do Hospital Termal

---

**2** - Parque de D. Leonor

---

**3** - Parque das Faianças

---

**4** - Reserva Rural

---

**5** - Reserva Rural (Brigada do Ministério da Economia), para extensão, em futuro afastado

---

**6** - Estação dos C.F.

---

**7** - Estações dos C.T.T. e de Camionagem

---

**8** - Hospital Termal e anexos

---

**9** - Paços do Concelho

---

**10** - Praça de Touros

---

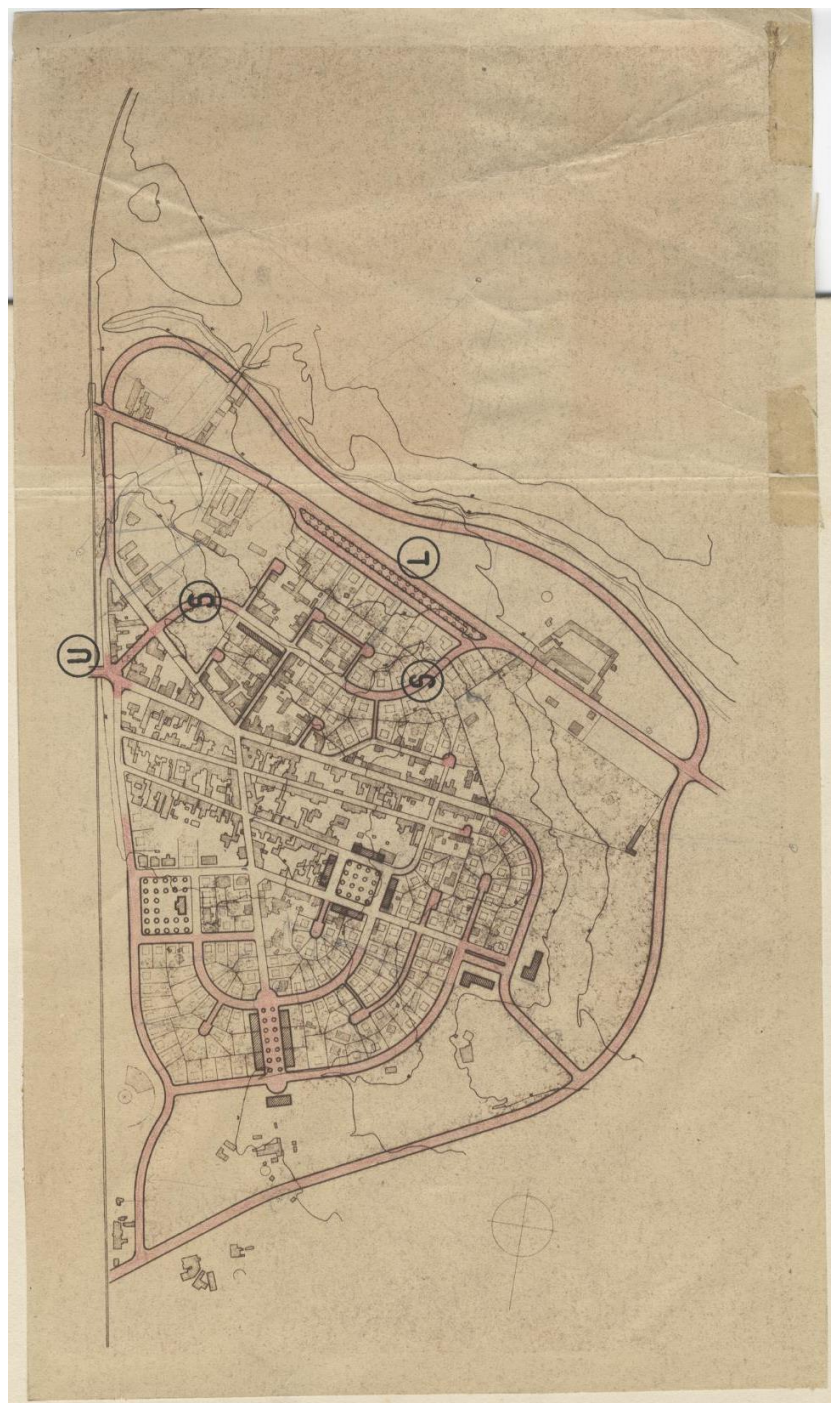
**11** - Teatro – Cinema “Pinheiro Chagas”

---



Figura 69. Plano do traçado 3 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928. Fonte: (Montez, 1928)





**Figura 70. Plano do traçado 4 do plano de urbanização de Paulino Montez 1928. Fonte: (Montez, 1928)**

**Quadro XVII - Legenda C do plano do traçado 3 & 4 do plano de urbanização de Paulino Montez, 1928, retirado do conjunto de páginas 86 a 89 do livro volume II Fonte: Adaptado de (Montez, 1928, p. II:)**

<b>A</b> – Via nova, lançada da estrada de Alcobaça (sector Norte), na direcção dos Chafariz das 5 Bicas. Largura 16 metros (Feita)
<b>B</b> – Via nova, lançada do mesmo ponto, na direcção do novo Centro Administrativo e Comercial (Cêrca do Borlão). Largura 16 metros (Não Feita)
<b>C</b> – Alargamento do trôço citadino, da mesma estrada, no extremo Norte; e com pequeno desvio para Leste. Largura 16 metros (Mais ou menos feita)
<b>D</b> – Alargamento do trôço citadino, da mesma estrada, no sector do Sul. Largura 14 metros (Feito)
<b>E</b> – Via nova, envolvente do grande sector da Cidade, de Leste da Via –fêrrea. Largura 10 metros. (Em parte feita)
<b>F</b> – Alargamento do trôço citadino da estrada da Foz. Largura 10 metros (Feita)
<b>G</b> - Alargamento do trôço citadino da estrada do Côto. Largura 12 metros (Feita)
<b>H</b> - Alargamento do trôço citadino da estrada de Vidais- Rio Maior. Largura 13 metros (Feita)
<b>I</b> - Alargamento do trôço citadino da estrada de S. Gregório da Fanadia. Largura 9 metros (Feita)
<b>J</b> - Alargamento do trôço citadino da estrada do Avenal. Largura 10 metros (Feita)
<b>K</b> - Alargamento do trôço citadino da estrada do Campo- Espinheira. Largura 10 metros (Feita)
<b>L</b> – Alargamento referido em F. Largura 10 metros (Mais ou menos feito)
<b>M</b> – Via nova, lançada da estação da V. F., na direcção do novo Centro Administrativo, aproveitando parte da Avenida da Independência. Largura 23 metros (Feita)
<b>N</b> – Vias novas, de maior importância e ainda não referidas, no novo Centro Administrativo. Largura 16 metros (Feitas)
<b>O</b> – Via nova, de acesso principal aos Mercados e ao Campo da Feira, no prolongamento da via mais extensa daquele Centro. Largura 20 metros (Em parte feita)
<b>P</b> – Alargamento da Rua de Camões. Largura 15 metros (Feita)
<b>Q</b> – Alargamento da Rua Visconde de Sacavém. Largura 14 metros (Feita)
<b>R</b> – Alargamento das ruas que conduzem á Ponte de passagem sobre a Via Fêrrea. Largura 9 metros (Em parte feita)

---

**S-** Via nova, de acesso directo, da Ponte referida á estrada da Foz. Largura 8 metros (Feita)

---

**T&U** – Alargamento da Passagem Superior

---

**V&X** – Referidas na p.93; Novo Largo ou Praça (X) e nova via (V) de acesso á Torre Manuelina da Igreja do Hospital Termal

---

Vias a suprimir indicadas a amarelo

---